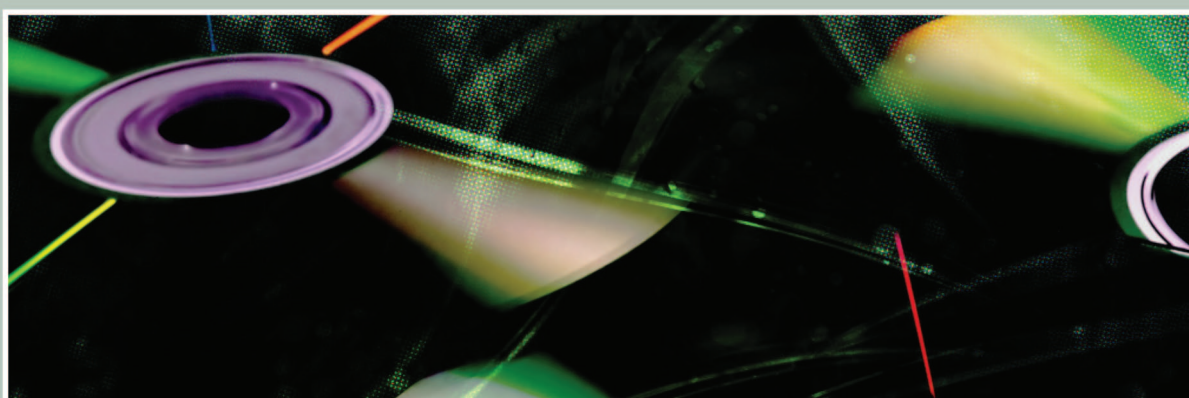
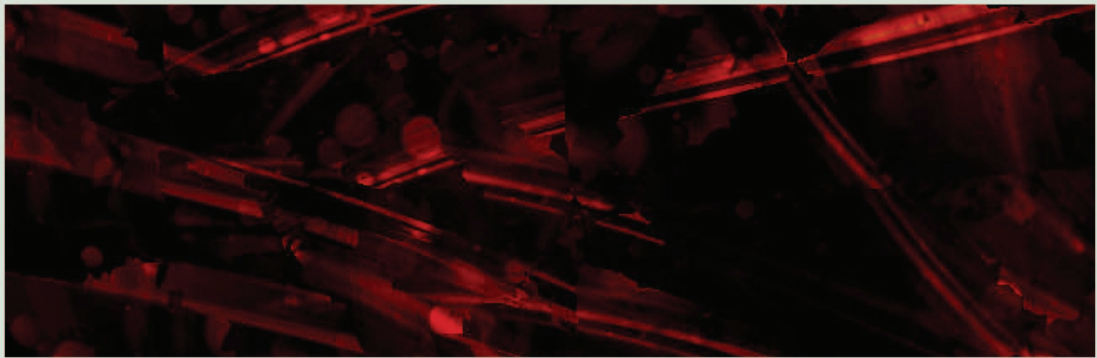
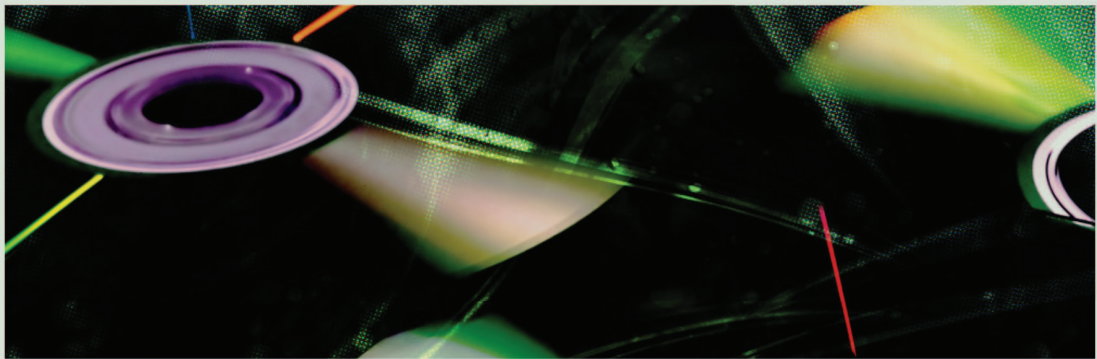




RETÓRICA DIGITAL:
a língua e outras linguagens na comunicação
mediada por computador

Antonio Carlos dos Santos Xavier





Antonio Carlos Xavier

RETÓRICA DIGITAL:

a língua e outras linguagens na comunicação
mediada por computador

Pipa Comunicação
RECIFE, 2013



O trabalho **Retórica digital: a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador** de **Antonio Carlos Xavier** foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada. Com base no trabalho disponível em www.ufpe.br/nehete. Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em www.ufpe.br/nehete.

CAPA

Karla Vidal (Pipa Comunicação - www.pipacomunicacao.net)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Karla Vidal e Augusto Noronha (Pipa Comunicação - www.pipacomunicacao.net)

REVISÃO

O autor

Catálogo na publicação (CIP)

Catálogo na fonte. Bibliotecária Gláucia Cândida da Silva, CRB4-1662

X3

Xavier, Antonio Carlos.

Retórica digital: a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador / Antonio Carlos dos Santos Xavier. – Recife: Pipa Comunicação, 2013. 134 p.: il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-66530-01-8

1. Retórica. 2. Linguagem e Língua. 3. Identidade (conceito filosófico). 4. Tecnologia. 5. Comunicação eletrônica I. Título.

410 CDD
81 CDU

c.pc:05/13ajns



Prefixo Editorial: 66530

COMISSÃO EDITORIAL

Editores Executivos

Augusto Noronha e Karla Vidal

Conselho Editorial

Angela Paiva Dionisio

Antonio Carlos Xavier

Carmi Ferraz Santos

Cláudio Clécio Vidal Eufrausino

Clecio dos Santos Bunzen Júnior

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Pedro Francisco Guedes do Nascimento

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

Ubirajara de Lucena Pereira

Wagner Rodrigues Silva

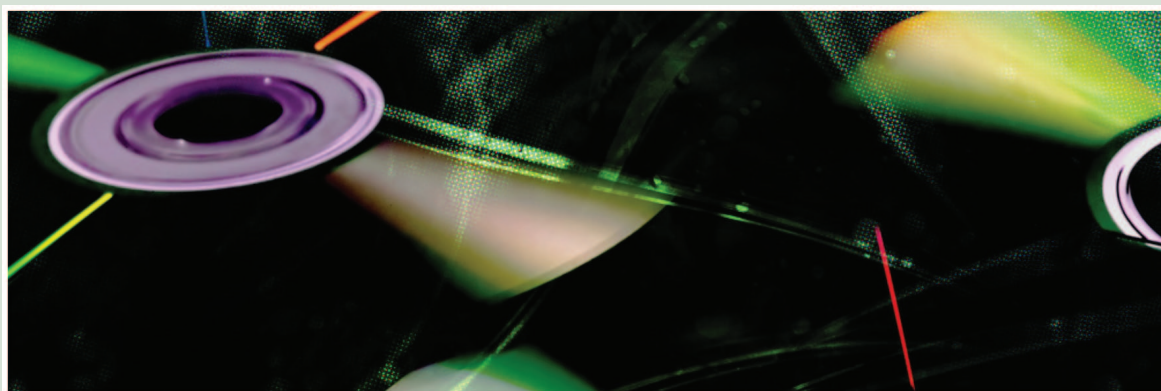


SUMÁRIO

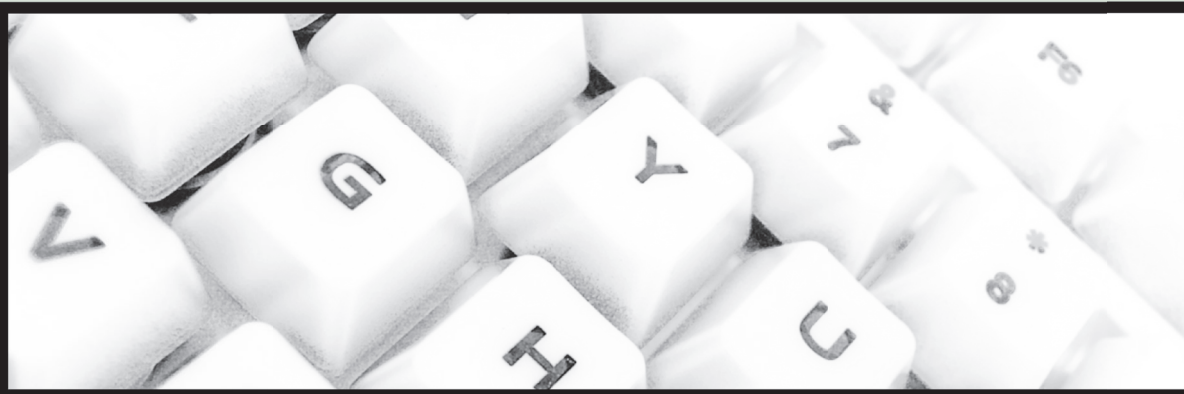
Apresentação	11
Introdução	15
Capítulo 1	
Língua, linguagens, tecnologias	21
<i>De homo sapiens a homo loquace</i>	21
<i>De homo loquace a homo scriptore</i>	28
<i>De homo scriptore a homo digitale</i>	36
Capítulo 2	
Língua, linguagens, identidades	47
<i>Convergência tecnológica</i>	48
<i>Convergência sociocultural</i>	55
<i>Convergência linguística</i>	78

Capítulo 3

Língua, linguagens, retóricas	87
<i>Retórica Clássica</i>	87
<i>Nova Retórica</i>	92
<i>Retórica Digital</i>	99
<i>Observações analíticas 1</i>	107
<i>Observações analíticas 2</i>	111
Considerações finais	125
Referências	131



APRESENTAÇÃO



APRESENTAÇÃO

Antônio Carlos Xavier

Ensaio é um gênero textual aberto, inconcluso e reticente por definição. Permite que se façam reflexões livres, porém sensatas e verossímeis. Nele o ensaísta percorre um conjunto de argumentos que espera que corroborem seu ponto de vista. Nessa tentativa, o ensaísta se vale de poucos dados empíricos, mas, sobretudo, lança mão de estratégias retóricas embrenhadas em um discurso emotivo a fim de produzir, nos leitores, efeitos persuasivos que o levem à adesão de sua “tese”.

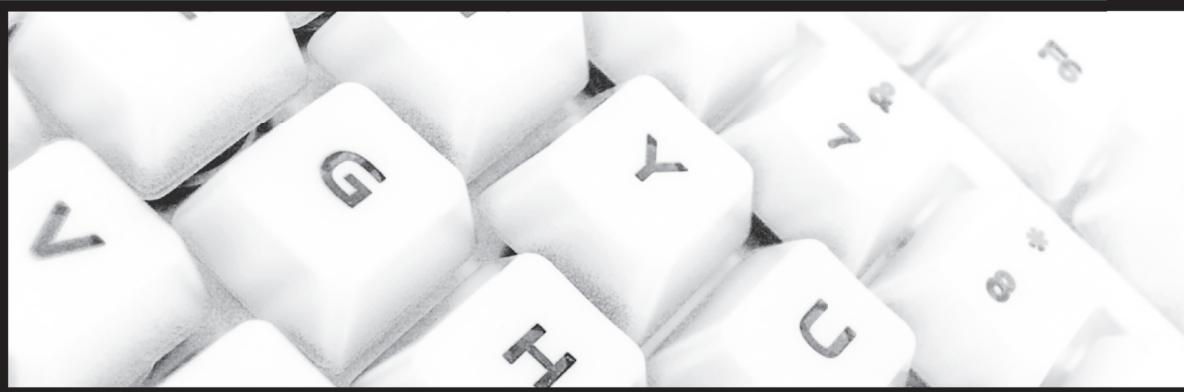
Apesar de conhecer toda a liberdade que tal gênero oferece, procurei conduzir as reflexões nesse trabalho acadêmico de forma sistemática. Como no ensaio nada é definitivo, conto com o benefício da incompletude, que lhe é peculiar, para me proteger de futuras exigências de fechamento semântico preciso.

Pela pressão natural da prática de outros gêneros também acadêmicos, organizei a exposição de ideias no texto em três blocos, que, na ausência de um termo mais adequado, chamei de capítulos. Dissertei, então, sobre a “retórica digital” a partir da constatação de três acontecimentos que contribuíram decisivamente para seu surgimento. O primeiro capítulo aborda a natureza tecnológica da linguagem e traça o percurso histórico do homem sempre marcado pelas tecnologias por ele mesmo criadas. As convergências tecnológica, sociocultural e linguística são vistas aqui como movimentos inevitáveis às sociedades que se complexificam a cada período da civilização em razão da incansável procura do homem por sua real identidade. Finalmente, no terceiro capítulo deste trabalho, postulei que a “retórica digital” é um efeito das variações no uso da modalidade escrita da língua, quando mesclada a outras formas de linguagem, tais como imagens e sons significativos

acionados simultaneamente e processados cognitivamente por sujeitos que interagem mediados por ferramentas telecomunicacionais.

Convoquei para essa discussão uma série de pesquisadores da área com os quais procurei manter um diálogo possível para deles extrair suas mais lúcidas contribuições relativas ao tema em tela. O objetivo era realizar um fórum imaginário e assíncrono com esses interlocutores e, juntos, costurarmos essa grande colcha reflexiva de retalhos em torno da “retórica digital”. Acredito ter, ao final, conseguido ensaiar, coletivamente, um modo de compreender o que está se passando nesse momento com a língua, quando empregada em determinados gêneros digitais por alguns frequentadores assíduos da nova mídia.

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Há tempos os estudos descritivos da linguagem têm constatado que as línguas naturais são heterogêneas, variadas, variáveis, indeterminadas, sociais, históricas, situadas e interativas. Tais características tornam-nas fenômenos essenciais na constituição das sociedades, já que os indivíduos delas dependem para compreender sua condição de ser no mundo e entender sua relação com o outro na prática cotidiana em que se dão as inúmeras e inevitáveis interações humanas. Por mediar a comunicação entre interlocutores, as línguas naturais permitem que a verbalização de ideias e sua socialização no tempo e no espaço sejam efetuadas tanto pela modalidade oral quanto pela modalidade escrita, podendo esta ser ancorada em suportes materiais como folhas de papel, por exemplo, ou imateriais como páginas digitais dispostas em tela de computadores ou dispositivos tecnológicos similares.

Há vinte anos, as pessoas estão utilizando cada vez mais esses equipamentos multimídias de acesso à Internet para realizar ações diversas tais como comunicação a distância, busca de informação e aquisição de formação profissional em instituições educacionais sem abrir mão do conforto de suas casas. Todas essas atividades têm sido efetuadas com grande praticidade, alta velocidade e por um baixo custo operacional quando comparado a outras formas de usufruir desses mesmos benefícios. Talvez seja também por isso que a Internet vem se tornando desde 2006 a mídia mais consumida entre usuários com até 54 anos de idade em todo o mundo, segundo estudos da ONU. A pesquisa, intitulada *Digital Life*¹, é realizada anualmente, desde 2005, com o objetivo de mensurar o impacto das tecnologias

¹. Disponível em: <http://computerworld.uol.com.br/comunicacoes/2006/12/04/idgnoticia.2006-12-04.2620009640/IDGNoticia_view> Acesso em 09 de março de 2010.

no comportamento das sociedades e estabelecer metas sobre como e quando aproveitar tais tecnologias para melhorar a qualidade de vida das pessoas nos diferentes lugares do mundo.

O aumento do contato com a modalidade escrita da língua, quando recebem e produzem gêneros digitais, e o desejo de interação com um número maior de interlocutores fazem com que os locutores virtuais utilizem a linguagem verbal, neste novo espaço de comunicação, com mais rapidez e praticidade. A dinâmica na utilização da diversidade de recursos linguísticos tem levado os usuários a lançar mão de recursos não-verbais disponíveis nas próprias tecnologias e suportes de comunicação recém-chegados. Em outras palavras, o acesso ao computador e a outros dispositivos digitais tem proporcionado aos sujeitos novas práticas lectoescritas efetuadas em ambientes virtuais com a possibilidade de agregar à escrita verbal, outras linguagens como imagens dinâmicas e sons diversos.

Os efeitos no comportamento linguístico provocados pela intensa prática de escrita de textos em alguns tipos de hipertextos² são, entre outros: uso mais coloquial dessa modalidade da língua, ausência de revisão antes do envio do texto a outrem, supressões de letras nas palavras, emprego de abreviações, reconfiguração dos sinais de pontuação e caracteres do teclado, inserção de imagens, ícones, figuras e sons para expressar estados emocionais e intenções comunicativas sem paralelo no léxico.

Entendemos como Pinker (2008), psicólogo evolutivo, autor de uma importante trilogia sobre linguagem³, que a Internet seja um

² Entendemos hipertexto como sendo “um dispositivo ‘textual’ digital semiolinguístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros) *on-line*, isto é, indexado à Internet com um domínio URL ou endereço eletrônico localizável na World Wide Web” (XAVIER, 2009, p. 107)

³ Steven Pinker é professor do Departamento de Psicologia na Universidade de Harvard (EUA). O primeiro livro da trilogia intitula-se *O Instinto da linguagem* e fornece uma visão geral do funcionamento da linguagem e da mente. Segundo o autor, este livro objetivou responder a tudo que as pessoas sempre quiseram saber sobre linguagem, mas tinham medo de perguntar. O segundo livro da trilogia, *Tabula rasa*, trata da natureza humana e suas nuances moral, emocional e política. O último, *De que é feito o pensamento*, versa sobre como o ser humano apreende a realidade a partir do modo como ele e as demais pessoas apresentam pensamentos e sentimentos pela linguagem.

locus privilegiado de produção e, por isso, de estudo da linguagem. Sobre isso, afirma o pesquisador:

A internet transformou-se num laboratório para o estudo da linguagem. Além de fornecer um corpus gigantesco de linguagem de verdade, usada por pessoas de verdade, também funciona como um vetor superpotente para a transmissão de ideias contagiosas, e ressalta, portanto, exemplos da linguagem que as pessoas consideram intrigantes o suficiente para passar para os outros. (p. 35)

Por essas e por outras razões, decidimos eleger as linguagens amalgamadas na nova mídia digital como objeto de nossas pesquisas e investigações científicas nos últimos anos. No que se refere especificamente a este ensaio analítico, em linhas gerais, objetivamos tecer considerações sobre o surgimento e funcionamento do que denominamos aqui de “retórica digital”. Nossa abordagem parte de três eixos centrais de observação. O primeiro eixo se concentra nas relações entre língua, linguagem e tecnologia, discutindo *en passant* a origem da língua e sua relação com as diferentes linguagens criadas pela humanidade na história da civilização. O segundo eixo de abordagem observa a busca incessante do homem por sua identidade sociocultural instrumentalizado pelas linguagens. Por meio delas, ele se integra aos demais sujeitos das sociedades em geral e, em especial, aos participantes de comunidades virtuais na Internet. O terceiro e último eixo de reflexão deste trabalho focaliza descritivamente a emergência da “retórica digital”, que seria consequência das variações no modo de usar a língua, mesclada a outras linguagens quando da comunicação em situações de interação a distância mediadas por computador ou outros aparelhos digitais *on-line*.

CAPÍTULO 1

Língua, linguagens, tecnologias



1. LÍNGUA, LINGUAGENS, TECNOLOGIAS

Neste capítulo defendemos o papel determinante da língua e das linguagens para o desencadeamento do processo de evolução em que se encontra a humanidade. A racionalidade inerente ao homem permitiu-lhe migrar da condição de indivíduo que *aprendeu* a tratar abstratamente as informações ao seu redor para a de sujeito que passou a *verbalizar símbolos oralmente e registrá-los material e virtualmente* em suportes diversos. Essa capacidade de externar verbalmente seus pensamentos habilitou-o a estabelecer uma relação de equilíbrio intrapessoal, interpessoal e extramental com o mundo. De *sapiens*, o homem foi avançando no tempo, adquirindo competências outras, tornou-se *loquace* e *scriptore*, e começa agora a assumir a condição de *homo digitale*. Sua história de integração entre *episteme* e *techné* explica boa parte de quem é, como pensa e o que o faz ser humano contemporaneamente.

De homo sapiens a homo loquace

A criatividade humana é ilimitada. Em relação aos outros animais, sua racionalidade faz a diferença quando a necessidade surge no cotidiano. Uma breve retrospectiva na história da civilização não nos deixará dúvidas de que a espécie humana evoluiu bastante e continua a evoluir. É verdade que essa evolução ocorre num ritmo bem mais lento do que gostaríamos que fosse e muito concentrada em determinados setores nem sempre essenciais à qualidade de vida da humanidade em sua totalidade. Pelo menos, este é o desafio assumido publicamente por todas as modernas instituições administrativas, legislativas, jurídicas e científicas: o avanço, a melhoria, o aperfeiçoamento da humanidade.

Contudo, essa evolução nos parece predominantemente tecnológica. Desde a invenção da roda, em torno da qual o progresso humano girou e continua a girar até hoje, passando pela criação da alavanca e pelo advento da escrita, as invenções humanas não param de acontecer enormemente no campo da tecnologia. É bem provável que antes mesmo da roda e da alavanca, o homem sentiu a necessidade de criar um modelo de comportamento físico-mental capaz de traduzir seus pensamentos e sentimentos e revelá-los aos outros humanos. Esse procedimento biopsicossocial, por assim dizer, seria criado para mediar sua relação consigo mesmo, permitir-lhe fazer referências a coisas existentes no mundo, ainda que elas não ocupassem um lugar no espaço físico ou não estivessem presentes no momento em que fossem referidas. Enfim, o ser humano precisava de um dispositivo para tornar comuns suas abstrações mentais, ele necessitava comunicar-se.

Havia chegado a hora de o *homo sapiens* passar a *homo loquens*. Etnocentricamente falando, essa passagem poderia muito bem ser classificada como a primeira grande guinada na história da civilização, já que teria permitido ao homem dar início à longa jornada pela conquista do planeta Terra e pela compreensão de quem realmente ele seria, enquanto único ser racional no mundo. De acordo com essa perspectiva, a tal jornada de conquista continua a todo vapor e só teria chegado até os dias de hoje por causa da invenção deste poderoso equipamento. Ele seria um dos constituintes da racionalidade, a faculdade cognitiva responsável pela articulação da inteligência, desenvolvimento da criatividade e principalmente pela comunicabilidade humana.

Para fazê-lo funcionar, foram e ainda são necessários muitos testes, além de uma grande porção de intuição misturada à memória, aos cálculos mentais e à imaginação. Isso acontece a toda criança em processo de aquisição da língua. Tentativas, imitações, sucessos, insucessos até que, depois de alguns anos, ela consegue entender e se fazer entender com mais clareza por ter adquirido habilidade com a língua. O processamento desta *techné*, que opera regida pela racionalidade, é

ao mesmo tempo complexa e reflexa. Sua complexidade representa o gerenciamento de um sistema integrado de informações sensoriais que é acionado para produzir uma resposta satisfatória a quem questiona. É reflexa porque seu funcionamento acontece em uma velocidade tão grande que parece automática, diante dos mais diferentes interlocutores e nas mais diversas situações de interação.

O instinto de sociabilidade e a carência de expressividade de seus feitos, medos e intenções impulsionaram o homem a realizar gestos e extrair sons de seu corpo que materializassem essas noções e transmitisse-as ao outro a fim de fazê-lo reagir de modo semelhante utilizando preferencialmente o mesmo dispositivo de comunicação. Estavam, pois, colocadas as condições necessárias e suficientes para que o homem criasse a linguagem verbal como efeito deste esforço de reutilização dos recursos fisiológicos de que dispunha.

Muitas são as teorias sobre a origem da linguagem. A *teoria onomatopaica* acreditava que a linguagem teria nascido do desejo dos humanos imitarem os sons produzidos pelos animais como *bem-te-vi*, *cuco* etc. A *teoria da interjeição* defendia que o homem teria passado dos gritos e sons exclamativos que, entre outros estados psicológicos, expressam alegria, dor, surpresa, à linguagem articulada. Outra tentativa curiosa para explicar a gênese das línguas foi a da teoria que se baseava nos processos de produção de sons pelo intenso esforço muscular tais como os emitidos quando das relações sexuais, situações comemorativas, lutas etc.

Não obstante seus aspectos pitorescos, o fato é que todas as teorias que buscam explicar o germe do comportamento comunicativo humano partem de uma visão de homem e concepção de cultura determinadas e determinantes. Conceitos de homem e de cultura, por sua vez, ancoram-se em teses diferentes em relação à origem da linguagem. Uns defendem ser essa origem natural, espontânea. Outros acreditam que ela nasceu como fruto da convenção social. Em outras palavras, a decisão sobre o signo linguístico ter uma relação direta com

o referente que ele designa ou ser um acordo ou contrato social entre os sujeitos de um determinado agrupamento sociocultural mostra-se crucial para saber de onde teria realmente originado a linguagem.

Bem conhecida, polêmica e desprovida de dados empíricos que pudessem ratificar suas conclusões, até porque não há documentos nem sobreviventes de tempos tão remotos acessíveis a consultas e enquetes, a teoria da origem da linguagem proposta por Rousseau foi uma das poucas a ganhar visibilidade e a ocupar os debates acadêmicos do século XVIII sobre a questão. O *Ensaio sobre a origem das línguas* foi publicado em 1781, três anos após a morte do filósofo.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) se notabilizou por suas teses sobre filosofia política, filosofia da educação, e por ter sido um dos principais pilares teóricos do Romantismo. Em seu *Ensaio*, o filósofo suíço afirma que “sendo a palavra a primeira instituição social, só a causas naturais deve a sua forma” (1999, p. 259). Assume, assim, a origem natural da linguagem por seu estatuto social, coletivo, fundado na junção dos grupos humanos por necessidade afetiva e não meramente fisiológica.

Em resposta à pergunta retórica que formula, ele arremata (p. 266):

Onde, pois, estará essa origem? Nas necessidades morais, nas paixões. Todas as paixões aproximam os homens, que a necessidade de procurar viver força a separarem-se. Não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancaram as primeiras vozes.

Parece não restar dúvidas a Rousseau de que as paixões são as principais motivações humanas para a criação das línguas. São as *necessidades morais* assumidas pelos homens que precisam ser externalizadas, encontrando na linguagem sua válvula de escape. A urgência pela expressão do afeto torna as inflexões vocais música aos ouvidos humanos. A esse respeito, o filósofo afirma (p. 262):

As paixões possuem seus gestos, mas também suas inflexões, e essas inflexões que nos fazem tremer, essas inflexões a cuja voz não se pode fugir, penetram seus intermédios até o fundo do coração, imprimindo-lhe, mesmo que não o queríamos, os movimentos que as despertam e fazendo-nos sentir o que ouvimos.

No capítulo XII do mesmo *Ensaio*, reafirma essa posição relacionando o caráter sonoro e musical aos primeiros usos da linguagem. Segundo Rousseau (p. 303), “Foram em verso as primeiras histórias, as primeiras arengas, as primeiras leis... A princípio não houve outra música além da melodia, nem outra melodia que não o som variado da palavra.” (*sic*)

Dessas palavras, chama a nossa atenção a nítida vinculação que ele estabelece entre a linguagem e a música. Essa aproximação pode ser explicada por sua inclinação à arte musical. Foi compositor de duas óperas (*As Musas Galantes* e *O Adivinho da Aldeia*) e escreveu um *Dicionário de Música*. Participou intensamente de festas com saraus e audições nas quais sempre executava ao piano uma canção ou outra. Para o filósofo, música e língua são uma só matéria, estão mutuamente imbricadas, interdependentes. Um discurso eloquente é aquele que faz colar os ouvidos da audiência à voz do orador pela musicalidade que dela deriva.

É dessa forma que Rousseau toma a música como paradigma para o entendimento da linguagem. Neste ponto fica evidente a originalidade de seu ensaio de resposta à questão do que seria a matriz da linguagem, pois se contrapõe diametralmente a toda tradição lógico-gramatical que o precedeu. Postula, por isso, uma posição inédita em relação ao como se concebia a língua à época. Era corrente creditar à língua a qualidade de “verdadeiro espelho da razão”. A este conceito de língua, ele claramente se contrapõe na maioria de seus escritos.

Essa estreita relação entre língua e musicalidade deixa transparecer sua hipótese evolutiva da linguagem vocalizada. O apreço à eufonia e a necessidade de desvendamento dos sentimentos teriam contribuído para a emergência da oralidade simbolizada no homem. Em outras palavras, a engenhosidade artístico-musical teria levado o homem à prolação das primeiras palavras plenas de significados.

A suposição do filósofo genebrino é que sem paixão não haveria linguagem. Foi a paixão a força-motriz para o surgimento da língua. A função precípua desta seria expressar aquela, revelar toda a *poesis* arraigada no ser. Seus sentimentos mais puros represados em seu íntimo só encontrariam a liberdade quando da criação da linguagem. Aliás, essa ideia de pureza da natureza humana é central no sistema filosófico de Rousseau. Ela fica mais evidente na sua obra *O discurso sobre a origem da desigualdade*, na qual propõe uma articulação entre essa natureza primitiva ingênua com o surgimento da linguagem. Esta seria *filha do prazer* e não um produto da razão. Ela teria sido inventada primeiramente para emocionar, para comover o outro e não para comunicar-lhe ideias racionais. Diferentemente dos filósofos da época, para os quais a linguagem revelaria as necessidades físicas prementes do homem, Rousseau defende ser sua gênese o desejo lancinante pela verbalização dos mais íntimos afetos da natureza humana.

A fala teria caminhado sonoramente até ser inventada a modalidade escrita da língua. Para ela, Rousseau reservou todo o capítulo V do seu *Ensaio*. De acordo com o filósofo, a escrita seria um progresso da fala que ocorreu em razão do crescimento de diferentes necessidades que demandam novas práticas sociais. A escrita marcaria a passagem do homem do “estado de natureza” para o “estado de sociedade”. Este causador dos males e conflitos sociais, aquele representante da harmonia entre os homens. Estabelecendo uma dicotomia entre as duas modalidades da língua, já que, para ele, “a arte de escrever não se liga à arte de falar” (p. 275). Por isso, classifica a escrita de três modos, de acordo com os povos que a utilizam.

A primeira maneira de escrever consistiria em pintar os objetos como figuras alegóricas como o fizeram os mexicanos e os egípcios no passado. A segunda maneira de utilizar a escrita consistiria em “pintar os sons e falar aos olhos”, representando as palavras por caracteres ou pictogramas como o fazem os chineses. A terceira e última forma de empregar a modalidade escrita seria decompor a voz falada num certo número de pares elementares, as vogais e consoantes com as quais se podem formar todas as sílabas e todas as palavras imagináveis. A referência que ele faz aqui é ao alfabeto usado pelos europeus.

Em síntese, Rousseau parece postular um estatuto natural para a invenção da linguagem, identificando as carências emocionais como as grandes propulsoras para o surgimento das línguas. Elas seriam uma das faculdades cognitivas a serviço, primeiramente, do sentimento, da poesia, posteriormente, estariam à disposição da prosa, da ponderação racional. Já a escrita teria sido um avanço da fala. Inventada como modalidade linguística complementar, ela deveria desempenhar, em uma sociedade cada vez mais complexa pelo passar do tempo e pela mudança de contexto, as funções que uma oralidade não consegue realizar com exatidão, como documentar discursos e ações importantes. A escrita teria sido parida para dar conta das novas demandas que emergem sem parar à medida que os interesses e as curiosidades do animal racional aumentam ou simplesmente se modificam.

A tese de Rousseau ressalta o esforço humano para construir progressivamente um dispositivo sonoro com base em recursos fisiológicos disponíveis em si mesmo. De acordo com essa perspectiva, a linguagem teria sido concebida como uma obra de arte; comparável à confecção de um artesanato, cuja matéria-prima achou-se dentro do próprio corpo humano. Os órgãos⁴ já ocupados com certas funções teriam sido reescalados para acumular outras atribuições; certamente

4. Os órgãos envolvidos diretamente na produção da fala e que passaram a ser chamados também de órgãos do aparelho fonador são: faringe, laringe, dentes, lábios, pulmões, diafragma, traqueia, palato duro, palato mole, ápice da língua, raiz da língua e paredes rinofaríngea.

foram adaptados para funcionar como órgãos para o exercício da comunicação.

Nesse quadro rousseauiano sobre as fontes originárias da língua, podemos considerá-la como um efeito da sagacidade e imaginação infinitas do homem que artesanalmente teria refinado órgãos fisiológicos para transformá-los em soluções tecnológicas de comunicação. É neste sentido que podemos entender com Rousseau que a linguagem é também uma tecnologia desenvolvida com propósitos inicialmente emotivos e posteriormente institucionais. Cabe aos humanos aprenderem a técnica, lapidarem sua estética e utilizarem-na com preocupação ética para que essa tecnologia funcione como mecanismo de interação e integração intra e interpessoal.

Rousseau finaliza o *Ensaio* afirmando que foram superficiais suas reflexões, mas que elas poderiam suscitar outras mais profundas, principalmente, para explicar com “fatos e demonstrar pelos exemplos como o caráter, os costumes e os interesses de um povo influenciam sua língua.” (p. 332) Nessa passagem última do texto, ele admite a natureza ensaística das suas reflexões em torno do aparecimento da linguagem na vida humana, mas nos deixa como legados os fatores que interferem nos rumos que uma língua pode tomar, quais sejam: caráter, costumes e interesses de seus usuários.

De homo loquace a homo scriptore

A criação de uma tecnologia sempre parte das condições epistêmicas e materiais estabelecidas pela tecnologia anterior, procedimento natural a todo processo de geração de novos produtos e soluções. Em outras palavras, toda invenção é, certamente, “reinvenção”, adaptação de peças e procedimentos preexistentes que retratados assumem outras funções. Toda mudança busca satisfazer o desejo insaciável pelo diferente e, muitas vezes, pelo desnecessário que é próprio dos humanos. Sem dúvida, essa é uma forma de ele se renovar para continuar

igual, isto é, para manter sua identidade racional que o impele a buscar novos desafios carentes de respostas. Exceto as necessidades fisiológicas, tudo ao homem é supérfluo até que se torne imprescindível para um só indivíduo que se encarrega de convencer os demais membros de uma comunidade a tornar um determinado objeto ou uma prática indispensável em seu cotidiano.

Estavam, pois, criadas as modalidades falada e escrita da língua, sendo esta derivada daquela, de acordo com as explicações do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau. Muitas informações sobre a invenção da escrita não foram abordadas no *Ensaio* por razões de espaço e de foco, uma vez que seu objetivo principal nestas reflexões ter sido mostrar as matrizes musicoemocionais que motivaram o desenvolvimento de uma forma tão bem elaborada de comunicar ideias.

Nos termos rousseauianos, o “estado de sociedade” em que a civilização se encontrava já pedia um dispositivo de comunicação que preservasse com mais segurança e durabilidade os discursos, decretos e contratos firmados no processo de estabilização das sociedades burocráticas. E, de fato, a modalidade escrita da língua trouxe consigo a historicidade do dito, a visibilidade do verbalizado sem a ameaça da efemeridade do tempo em que ele é pronunciado. A escrita instaurou uma nova economia na organização dos signos linguísticos e passou a requerer movimentos de interação diferentes dos utilizados na fala.

Tão logo adotada pelas sociedades, a escrita ganhou destaque em relação à fala principalmente pela função documental das ideias humanas em setores estratégicos da civilização como os setores social, religioso e jurídico, por exemplo, cuja sustentabilidade depende da escrita e, por isso, a ela devotam toda credibilidade e prestígio.

O “estado de sociedade” precisava registrar informações para coordenar as relações interpessoais e por isso concebeu lenta e progressivamente esse sistema de representação das ideias já bem organizadas pela fala. A escrita, então, veio satisfazer essa necessidade recém-inventada pela sofisticação social de armazenar os atos e lançar sobre

uma superfície tangível as abstrações mentais do sujeito que pela escrita passaram a ser acessíveis atemporalmente. Os *glifos* (sinais gráficos) desse sistema receberam, por assim dizer, a responsabilidade de reproduzir o real do pensamento humano antes imaterializável. Essa ferramenta intelectual permitiu e vem permitindo ao sujeito compartilhar visualmente, e não apenas só auditivamente, com outros sujeitos seu recorte e sua compreensão da realidade tal como lhe parece.

Todavia, esse compartilhamento no tempo e no espaço de informações de um sujeito a outros pela escrita nunca se dá de forma completa e jamais de modo total. Trata-se de uma tecnologia de comunicação limitada que, para funcionar com relativo sucesso, precisa contar com um grande esforço mental na decifração dos seus sinais e com uma indispensável colaboração do *thesaurus* guardado na memória de cada um dos sujeitos que aceitam o desafio de interpretá-la.

Por ser um recurso de tradução do desejo de dizer que se forma no pensamento do sujeito de linguagem, nem sempre a escrita lhe será fiel. A tradução é amiga-irmã da traição. Os recursos dessa modalidade da língua não são suficientes para expressar todas as intenções comunicativas, ainda que o sujeito a domine com a mesma maestria de um Machado de Assis ou Shakespeare. Certamente faltaram-lhes recursos linguísticos e gráficos para contemplar toda a vontade de dizer, apesar da imensa produção escrita legada por esses dois inquestionáveis virtuosos na arte literária.

Cumpre-nos lembrar que a escrita é um tipo específico de linguagem gráfica que reapresenta a fala, e, por conseguinte, comunica as ideias humanas processadas com o auxílio de palavras que encapsulam conceitos. Há outras linguagens gráficas que não devem ser confundidas com a escrita, porque não se manifestam verbalmente, embora seu processamento cognitivo seja verbal total ou parcialmente⁵.

5. Consideramos como Vygotsky (1991) que o pensamento é verbal, ou seja, para serem processados, conceitos são transformados em palavras. Só assim a mente poderá produzir sentido ou reconhecer a ausência dele quando acionada para solucionar a significação de uma informação.

Os símbolos diversos inscritos sobre uma pauta musical são um bom exemplo de linguagem gráfica distanciada da língua verbal. As notas musicais têm valores simbólicos convencionados internacionalmente, ou seja, significados predeterminados e invariáveis, e, por isso, pouco dependentes de uma tradução para a linguagem verbal como condição de compreensão. Quando um músico encontra uma semínima posicionada abaixo da primeira linha (de baixo para cima) da pauta em clave de Sol, por exemplo, ele terá que reconhecer seu valor rítmico e sonoro na escala dessa clave. Para compreendê-la e executá-la corretamente, ele deverá, mentalmente, transformar aquela notação musical em texto verbal, considerando todo o conjunto circunstancial em que a nota se encontra. Será provável que a “tradução intralinguagem”, ou seja, a passagem da linguagem musical à verbal no processamento cognitivo dessa nota musical ocorra da seguinte maneira:

O músico pensa, decide o que fazer, e aplica a decisão em seu instrumento, o efeito será a produção sonora sensível aos seus ouvidos e aos de outros. Imagina ele:

“Meu desafio agora é executar a próxima nota da partitura... Ela é uma... [♪]. Ocupando esse lugar na pauta e regida pela clave de Sol, ela deve ser executada como uma nota “ré”. Seu intervalo de execução corresponde à metade da duração do tempo de uma “mínima” e funciona como unidade de tempo em fórmula de compasso com denominador ‘4’.”

Esse processo semiótico torna-se cada vez mais rápido à medida que a sequência de notas de uma dada canção é absorvida e memorizada completamente pelo sujeito. Neste caso, o processamento semiótico ocorre de modo quase direto, sem retenção no filtro verbal, que poderia retardar o compasso da música. O aumento na velocidade do processamento semântico de uma nota em partitura musical evita a

lentidão na leitura e eventuais fugas interpretativas. Todavia, se executadas de um modo diferente do original, as notas musicais ganham outros contornos sonoros e, conseqüentemente, novas significações melódicas em relação às pretendidas pelo compositor inicialmente. É exatamente por isso que o músico e o cantor são denominados “intérpretes”. Somente encenando esse papel, ambos se sentem livres para adicionar valores pessoais às notas musicais, diferentes das que foram originalmente registradas por seu criador. Mudança rítmica, adição de acordes, de harmonizações outras e inclusão de vozes instrumentais já caracterizam um arranjo musical, fugindo ao escopo da ilustração que pretendemos aqui realizar.

Partindo da hipótese de que o pensamento é verbal, a interpretação de quaisquer símbolos, ícones e índices passará inexoravelmente por uma versão em palavras para ser bem efetuada. A possibilidade de isso acontecer na leitura de uma partitura musical é menor se comparada à leitura dos sinais de trânsito ou da notação matemática, por exemplo. O código de trânsito é um tipo de linguagem baseada em gráficos, gestos e sons, que não usam necessariamente palavras⁶, mas símbolos cuja significação recebe uma versão verbal para serem compreendidos. O sinal de “proibido estacionar”, por exemplo, formado pela letra “E” dentro de um círculo com um ou dois traços na diagonal tem a pretensão de ter significação universal. Esse sinal de trânsito foi pensado para regular o comportamento dos sujeitos dentro ou fora de veículos automotores. Ainda que não seja semanticamente universal, sua apresentação visual não está diretamente amarrada à língua. Seu processamento cognitivo sim, passa pela “tradução” verbal a fim de ser compreendida e executada ou objetada pelo motorista⁷.

⁶ Em geral, os sinais de trânsito são universais e não se valem de palavras ou letras para significar. A exceção ocorre com a placa em vermelho ou em amarelo com a palavra ‘PARE’ no meio (significando parada obrigatória imediata ou à vista). Outra exceção ocorre com a letra ‘E’, que pode significar, em português, ‘estacionamento regulamentado’, ‘proibido estacionar’ ou ‘proibido parar e estacionar’, de acordo com a ausência ou presença de traços diagonais na placa. Em inglês, utiliza-se o “P”, que é a letra inicial da palavra inglesa ‘parking’, com a mesma significação em português e suas variações, conforme os traços diagonais.

⁷ Roland Barthes (1996) utiliza um raciocínio semelhante para defender a Linguística como Teoria Geral dos Signos, já

A notação matemática é também uma linguagem gráfica que não se vincula diretamente à palavra para ser entendida como a escrita o faz. Sua semidependência da palavra se dá por conter Algarismos numéricos (0, 1, 2... 9), símbolos que se dividem em *operadores aritméticos* (+, -, ÷, x, ^, √, log), *operadores sentenciais* (=, ≠, >, <, ≥, ≤, ≈), entre outros tipos de símbolos (' e ∂, Σ, ∫, ∩, U), sinais deste domínio de saber (↔, →, ~, ∞, π) e equações as mais diversas para representar quantidades e realizar cálculos de valores com números que são abstrações por excelência. Esta semidependência do verbo caracteriza a notação matemática porque, para ser compreendida, prescinde de uma “tradução” para a linguagem verbal. Um cálculo matemático como, por exemplo: $5 + 5 = 10$ é normalmente convertido em palavras durante o esforço do sujeito para entender o que tais números e símbolos querem dizer com isto: cinco quantidades de um elemento qualquer adicionadas a outras cinco têm como resultado final a soma que corresponde ao valor de dez elementos quaisquer no total.

A matemática se efetua por um tipo de linguagem específica que se pretendeu universal e conseguiu esse feito em sua totalidade, todavia seu funcionamento é restrito a uma quantidade pequena de sujeitos que se arvoram a raciocinar matematicamente. Trata-se de operações mentais mais elaboradas que exigem do sujeito muito mais do que um processamento verbal; exige-lhe uma dupla reflexão, pois ele precisará equacionar paralelamente tanto a linguagem simbólica matematizada quanto à sua tradução a linguagem verbal.

Dizendo de outra maneira, a matemática é um tipo de linguagem que opera sob um sistema de notação simbólica com léxico e sintaxe próprios, cuja semântica não se vincula a um idioma específico para significar. Do mesmo modo, a música é um tipo de linguagem gráfica que tem subsistência de realização com baixa dependência dos elementos verbais. Nessa mesma esteira gráfico-linguageira, estaria in-

que todos os signos seriam traduzidos para a linguagem verbal a fim de serem compreendidos.

cluído o código de trânsito. Apesar de usar uma palavra e uma letra no conjunto dos elementos sígnicos que compõem esse sistema, geralmente traduzidas para a língua do país que as adota, sua apresentação visual mostra-se majoritariamente independente do verbo. Do ponto de vista de seu processamento compreensivo, no entanto, a dependência verbal de fato acontece, pois os desenhos, gestos e sons que formam esse sistema são convertidos em enunciados discursivos para serem interpretados.

Em síntese, salientamos a necessidade de não confundirmos a modalidade escrita da língua com as demais linguagens gráficas existentes. Exceto a escrita, as linguagens gráficas em geral mantêm subordinação à linguagem verbal apenas no nível do processamento semiótico interpretativo. A escrita pretende ser um espelho da fala, representando os fonemas por meio dos grafemas, ainda que haja incompatibilidades fonêmicas entre eles, sendo, portanto, necessária a imposição por decreto sobre como deva ser a ortografia das palavras com diferentes realizações fonéticas.

Outro aspecto que deve ficar claro é a distinção da escrita, meio subsidiário de concretização convencional de formas faladas de uma língua, e os fenômenos da oralidade (prosódia, fatores suprasegmentais etc.). São esses que a escrita parcamente consegue imitar. Essa modalidade de uso da língua, em verdade, parece funcionar como uma forma de transcrição biomecânica e psicofísica da fala. Sua relação com a língua é de mimetização imperfeita que jamais chegará a uma reprodução exata.

Não há possibilidade técnica de substituição da fala pela escrita. Aquela é muito mais rica e completa retoricamente do que esta. Talvez o efeito mais positivo da escrita sobre a fala, e de maneira bastante restrita, seja o de “reapresentação” da língua dentro de um determinado contexto interacional no qual só a escrita seja possível. Em gêneros digitais como *chat* e programas de envio de mensagens instantâneas realizados por meio do computador, os internautas tentam efetuar

uma interação a distância que mantenha a máxima similaridade com a conversação face a face. Ainda que sejam utilizados recursos como repetição de vogais para indicar a prosódia da língua, letras maiúsculas para acentuar sílabas e palavras, inserção de *emoticons* (“carinhas” que traduzem estados emocionais do sujeito), entre outros mecanismos simuladores da fala, eles não substituem a altura as sutilezas da retórica oral espontânea.

Os telejornais, por exemplo, jogam com essa aparência de espontaneidade da fala em textos cuja densidade e compacidade informacionais são bem mais comuns na escrita. Ao ler o texto escrito em voz alta, busca-se envolver o telespectador na interação como se fosse o único endereçado de uma narrativa que estaria lhe sendo contada com exclusividade e com a mesma naturalidade de uma conversa face a face.

Não há dúvida de que, em relação à língua, a escrita seja a mais prodigiosa invenção humana. Por essa e por outras razões, ela conquistou um estatuto cultural e um valor sociotécnico ímpares nas sociedades que a adotaram. Além disso, a escrita propiciou novas percepções sobre o funcionamento da modalidade falada, apontou perspectivas diferentes de estudá-la e sugeriu ricos mecanismos para analisá-la. Com a escrita nasceram inúmeros gêneros textuais e novas abordagens de fenômenos linguísticos ainda não compreendidos totalmente. Sua criação sistematizou religiões, organizou o conhecimento por áreas e fez surgir a Ciência como a temos hoje. Alguns historiadores da cultura (Burke 1992, Eisenstein 1998, Havelock 1996) duvidam que, sem que a escrita houvesse sido inventada, haveria essa criação.

A consolidação da identidade linguística de uma nação perante outras nações do planeta também é uma das grandes contribuições da escrita. Oficialmente, ela passa a ser a voz de um povo em fóruns internacionais, pois o respeito e o reconhecimento diplomáticos só são efetuados quando uma nação apresenta uma escrita estável pela qual revela suas tradições culturais, forma de governo e estabelece compromissos jurídicos, políticos e socioeconômicos com outras nações.

Pesquisas arqueológicas e biomoleculares com datação de carbono (Mithen, 1998) atestam que o *homo sapiens* vivia como caçador-coletor há 10 mil anos. Todavia, o desenvolvimento da agricultura tê-lo-ia levado à Revolução Neolítica, período histórico no qual ele já seria *homo loquace*. Além de produzir alimentos em grande quantidade, teria ele passado a domesticar animais e a inventar ferramentas de metal para incrementar suas práticas de cultivo e proteção. O aumento da produtividade na agricultura impulsionou o surgimento do comércio, fazendo a humanidade entrar na chamada Era da Civilização. Das pequenas comunidades às sociedades complexas, ou empregando as palavras de Rousseau, passando do “estado de natureza” ao “estado de sociedade”, cresceu a necessidade de utilizar um instrumento de interação do mesmo modo complexo, pois a fala já não mais atendia à sofisticação das atividades da época. Eis que surge, aproximadamente por volta do ano 3.200 a.C., a mais nova tecnologia de comunicação, a escrita, que propiciou a emancipação do *homo loquace* ao *homo scriptore*.

De homo scriptore a homo digitale

Dotado de uma inventividade infinita, o homem continuou sua trajetória de desenvolvimento tecnológico passando a registrar seus grandes feitos por meio daquela que foi para Havelock (1996) a mais revolucionária invenção humana. Outros estudiosos do círculo de Toronto como Walter Ong (1997) e David Olson (1982), por exemplo, corroboraram, no primeiro momento, a ideia do classicista britânico radicado na América do Norte – e que lecionou em universidades canadenses e americanas –, sobre ter sido a escrita a responsável pelas principais modificações nas formas de seus usuários representar e esquematizar cognitivamente a língua. A maioria desses pesquisadores reconsiderou posteriormente suas posições, admitindo ser um exagero atribuir à escrita tão importante papel cognitivo-tecnológico na história da humanidade. A escrita, postulavam eles, caberia também a

responsabilidade de desenvolver o pensamento abstrato no homem, entre outros superpoderes.

Diversas pesquisas em História, Antropologia e Sociologia já mostraram inúmeras vezes que não há uma cultura que seja superior ou melhor que outras. Há sim culturas diferentes, e o diferente, cientificamente, não pode ser visto como inferior por quem enxerga o mundo com lentes etnocentristas. Sendo assim, sociedades ágrafas não são menos inteligentes ou deficitárias porque não usam a modalidade escrita da língua em suas atividades. Se não a utilizam até hoje é porque dela não necessitam. Não lhe faz falta.

Isso não significa subestimar a contribuição da escrita, enquanto tecnologia, para o surgimento de outras tecnologias. Há vantagens importantes na cultura das sociedades que a elegem como modalidade primordial para oficializar comunicações e realizar com autenticidade suas várias práticas cotidianas. Mas a escrita, ela mesma, não chega a ser propriamente uma língua, um idioma per si. Ela é uma tecnologia instrumental desenvolvida para dar visibilidade a uma língua predominantemente falada em todas as sociedades, inclusive nas letradas. Não há registro científico de comunidades sem língua.

Por meio de *glifos* e sinais diacríticos minuciosamente elaborados e convencionalizados, a escrita torna uma língua visível e seu teor discursivo permanente na história, haja vista que o conteúdo expresso em uma língua pode ser registrado por diferentes escritas e uma só escrita pode registrar diferentes conteúdos expressos em línguas diferentes. Um jornalista japonês pode escrever seu artigo em *kanji* (pleno de ideogramas) para transmitir à sua nação de origem o que disse o chefe da nação brasileira em seu discurso em um determinado fórum internacional. A essência do conteúdo do dito provavelmente será preservada com as devidas adaptações linguísticas, principalmente semânticas e pragmáticas. Certamente deverá haver explicações sobre o contexto e as condições de produção discursivas e acerca de passagens menos literais, como analogias e metáforas, por exemplo, para a cultura da-

quele país, a fim de que o leitor japonês do artigo jornalístico apreenda pelo menos o teor central do discurso do brasileiro.

Constitui, pois, a escrita um complexo sistema de representação da linguagem verbal, sistema esse ancorado totalmente na modalidade falada da língua. Outros sistemas de linguagem como o Braille e o código Morse são ancorados diretamente no sistema de escrita alfabética, pois objetivam retratá-la com a máxima fidelidade. Essas linguagens (Braille e Morse) podem ser consideradas escritas de segunda ordem em razão dessa derivação. Para compreensão individual de quem as domina, essas linguagens não precisam ser transcritas. Contudo, para fins coletivos e oficiais, tais transcrições se fazem necessárias, levando-se em conta que documentos administrativos, jurídicos e científicos devem ser todos registrados na modalidade escrita da língua padrão do país, para garantir legitimidade.

A essa altura já podemos afirmar uma obviedade nem sempre tão evidente para muitos usuários distraídos. É possível dizer que toda língua é uma linguagem, mas nem toda linguagem é uma língua. Do mesmo modo podemos considerar toda linguagem uma tecnologia, uma *techné*, produto do engenhoso trabalho da inteligência humana. Com base nela, tecnologias outras foram inventadas, sendo muitas delas hoje mantidas e renovadas por causa da escrita, e, em um nível superior, tributárias à fala, matriz de outras formas de comunicação humana.

Vale ressaltar que estamos entendendo por *linguagem* uma disposição natural do ser humano para se comunicar por meio de diferentes signos como fonemas, grafemas, gestos, imagens, enfim tudo que possa ser semiotizado para executar nossa necessidade de expressão da espécie humana.

Outro conceito que gostaríamos de destacar é o de *língua*. Esta é aqui considerada como uma das formas de linguagem que se utiliza de signos verbais para fazer funcionar o processo de interação entre sujeitos. Provavelmente, por ser a primeira forma de linguagem a que

temos acesso quando de nossa chegada ao mundo, somos pressionados a aprendê-la desde a mais tenra idade a fim de nos constituirmos como sujeitos sociais. Normalmente, ela é a última linguagem a que recorreremos antes de morrer. Acreditamos ser a língua responsável pela coordenação do processamento dos dados acessados pela percepção ativada e transmitida pela rede neural (audição, visão, tato, gustação e olfato) sendo responsável pela orientação do tratamento cognitivo que esses dados receberão do raciocínio, da memória e da imaginação.

Também por essas razões, a língua se tornou o principal modo de interação por meio do qual nos movemos pelos diversos contextos de comunicação em que nos inserimos. Pela presença intensa e pela intervenção frequente nas nossas múltiplas atividades sociointeracionais, a língua assumiu uma importância vital no trabalho de articulação e gerenciamento das informações que chegam à nossa mente como desafios à nossa habilidade de produção e recepção crítica de significações.

Adotamos aqui a concepção de *tecnologia* como um conhecimento criado, desenvolvido e aplicado para resolver os problemas de limitações físicas ou intelectivas humanas. Ela se nos revela por meio de produtos, equipamentos e instrumentos complexos que promovem aumento na velocidade de ação dos sujeitos que a utilizam e oferece ganhos de produtividade e qualidade na realização de certas atividades ou confecção de produtos. Em outras palavras, a tecnologia viabiliza a realização de movimentos concretos e abstratos dos sujeitos com mais rapidez e amplitude de abrangência territorial seja essa real e/ou virtual.

Ao lado de diversas instituições políticas, econômicas, religiosas, científicas, culturais, midiáticas etc., a tecnologia é uma das forças mais importantes que movimenta a humanidade. No fluxo contínuo do avanço tecnológico, o homem descobriu o fogo; inventou a roda; lascou a pedra; poliu o metal, arou a terra; pintou as cavernas; escreveu no papiro; copiou no pergaminho; abriu o comércio; conquistou os mares; imprimiu no papel e, agora, entre outras ações apoiadas nas

tecnologias, digita no teclado ou diretamente em telas sensíveis mediante dispositivos de acesso sensorial à informação como computador e *displays* de celulares e afins.

A intensa voracidade do progresso instaurado pela Revolução Mercantil do século XVI, confirmada pela Revolução Industrial do século XVIII e cristalizada pela Revolução Digital do século XX entra em conflito direto com componentes importantes da vida. Ficam em estado de alerta a natureza, a sustentabilidade material do sujeito e de sua família pelo exercício do trabalho digno e o equilíbrio emocional necessário para mantê-lo em estado de consciência. O progresso cobra sempre um dízimo socioeconômico e cultural de uma nação que decide absorvê-lo. Dizendo de outra maneira, não há dúvida de que a implementação de certas tecnologias pode provocar efeitos negativos na humanidade. Quando adotadas sem critério específico do impacto no meio ambiente, as tecnologias podem se tornar prejudiciais à vida humana a médio e longo prazos. A emissão de gases das chaminés das fábricas, dos escapamentos dos automóveis, os detritos despejados nos rios e, conseqüentemente, nos mares são exemplos de prejuízos ao planeta que sempre acarretam sequelas letais ao próprio homem.

Durante a primeira grande Revolução Industrial, por exemplo, houve um notável progresso e um enriquecimento sem precedentes nos países hoje considerados desenvolvidos. Em contrapartida, nunca o trabalhador foi tão explorado, e sua qualidade de vida tão sacrificada. A jornada de trabalho chegava a 80 horas semanais; mulheres e crianças eram praticamente escravizadas pelo liberalismo econômico europeu no século XVIII e no começo do século XIX. Ainda hoje há cantões na China, Índia e África cujos trabalhadores vivem sob condições subumanas de existência.

À revelia de um alinhamento cronológico rigoroso, podemos classificar, grosso modo, as tecnologias em três grandes categorias:

- a) **Tecnologias clássicas**, cujos principais representantes podem ser: a *agricultura*, a *roda* e a *escrita*; a relevância de cada uma delas dispensa comentários, e algumas delas já foram aqui mencionadas;
- b) **Tecnologias avançadas**, nessas estão incluídas: a *biotecnologia* que é hoje a agricultura em seu mais alto nível de manipulação e produtividade; a *automação industrial* considerada a mecanização operacional de máquinas robotizadas, ou seja, sem intervenção direta de muitas mãos humanas no processo de produção; e a *nanotecnologia* que corresponde a uma hiperminiaturização de produtos em escala atômica;
- c) **Tecnologias de comunicação** com a produção, o lançamento e a instalação de *satélites artificiais* na órbita da Terra, responsáveis pela troca de dados de um lado a outro do planeta em tempo real; os *semicondutores*, que são cristalinos condutores de corrente elétrica que põem em funcionamento transístores, microprocessadores e nanocircuitos tais como os usados em ônibus espaciais e trens de alta velocidade, por exemplo; e *computadores* em seus mais diferentes modelos, tamanhos e aplicações.

As tecnologias clássicas são os alicerces sobre os quais se ergueram as tecnologias avançadas e as de comunicação. Na prática, não há uma hierarquia funcional rígida entre essas três categorias tecnológicas, posto que o princípio operacional das mais antigas continua a atuar como suporte para as outras mais recentemente inventadas. Certamente as mais jovens são tributárias das anteriores, mas requalificam-nas, o que torna a relação funcional simétrica e ratifica a interdependência operacional entre elas.

O crescimento das tecnologias recebeu um grande impulso depois da chegada da ciência moderna com a qual firmou uma parceria harmoniosa. A ciência precisava se equipar com instrumentos que permi-

tissem efetuar pesquisas com análise de dados e produção de resultados em menos tempo, com mais precisão. Da bússola chinesa ao GPS americano, do telescópio de Copérnico ao de Edwin Hubble, do ábaco mesopotâmico ao *smartphone* da Apple, do casamento da técnica com a engenharia nasceu a tecnologia, e da parceria desta com a ciência teria resultado a tecnociência.

De Platão até a Idade Média, a ciência era contemplativa e visava tão somente satisfazer as especulações dos filósofos da época. Mas a chegada da Idade Moderna, que trouxe conjuntamente o Renascimento, o Iluminismo e o Liberalismo econômico burguês, revolucionou completamente o modo de explicar os fenômenos naturais e humanos. O método científico foi a centelha que faltava para a eclosão da Revolução Científica do século XVI.

Com esse método de pesquisa, a investigação assumiu um caráter interessado e proativo na descoberta dos fenômenos naturais, bem como nas aplicações práticas a partir da posse do conhecimento sistematizado. Eis, portanto, o germe da tecnologização da ciência, a saber, seu flerte com os resultados imediatos de suas investigações. A “razão instrumental” que dá as diretrizes para o fazer científico – a qual foi criticada por teóricos da Escola de Frankfurt, como Adorno, Horkheimer, Marcuse⁸, encontrou seu apogeu quando da consolidação da tecnociência no final do século XIX e principalmente no século XX.

À ciência poderíamos atribuir o papel de fornecer teorias às aplicações tecnológicas. Na realidade, há uma via de mão dupla, já que estas fornecem recursos materiais para que aquela se desenvolva com mais praticidade e menos contemplação. O computador e suas múl-

⁸. Estamos aqui nos referindo aos membros que compuseram a primeira geração desta Escola. Eles desenvolveram a Teoria Crítica que postulava, entre outras questões, a rejeição de pontos dogmáticos do programa marxista, a crítica à neutralidade científica, porque esta esconderia uma adaptação às condições sociais inaceitáveis, a denúncia da Razão Instrumental e, por conseguinte, do Iluminismo que a fez triunfar consensualmente como ideal da humanidade e, por fim, apontava a crítica ao autoritarismo imanente na cultura de massa, produto ideológico perfeito para manipulação das massas. Já a segunda geração da escola, postulada por Habermas, Apel e Wellmer, manteve as linhas gerais da primeira proposta, entretanto fez revisões, releituras e novas propostas teóricas como a Teoria da Razão Comunicativa de Habermas, que, baseada na Filosofia Pragmática (Wittgenstein e Austin), oferecia uma alternativa ao chamado círculo de ferro da razão instrumental.

tiplas interfaces com outros equipamentos digitais podem ser tomados como bons exemplos da contribuição da tecnologia para a ciência e vice-versa, pois praticamente não há pesquisa de grande porte que prescindia deste equipamento.

O matrimônio bem sucedido que gerou a tecnociência fez eclodir na década de 1990 do século passado a chamada *Revolução Digital*. Foi assim denominada por alguns estudiosos e pesquisadores como Marvin Minsky (1986), Pierre Lévy (1993), Seymour Papert (1995), Manuel Castells (2003), Ethevaldo Siqueira (2009). O grande motor de partida desta *Revolução* foi o célere desenvolvimento da informática digital. A informação agora farta e automatizada por meio de equipamentos inteligentes fez aumentar a produção e a circulação de conhecimento, antes gerenciado e concentrado nas mãos de poucos.

O acesso das pessoas às inovações tecnológicas cresceu enormemente nos últimos 100 anos. Uma breve comparação entre a chegada das inovações tecnológicas e o tempo necessário para atingir seus 50 milhões de usuários apresenta-nos dados surpreendentes, senão vejamos. O telefone fixo levou 74 anos para chegar aos 50 milhões de usuários; o rádio teria precisado de 38 anos para alcançar a mesma quantidade de ouvintes; foram necessários apenas 16 anos para que o computador pessoal se espalhasse tão rapidamente; a TV demorou poucos 13 anos para ser compartilhada por esse número de telespectadores; a Internet precisou de apenas de 4 anos para receber o acesso de tão grande número de internautas. É bem verdade que a população mundial também cresceu significativamente, todavia não há precedente na história da civilização quanto à misteriosa diminuição progressiva no intervalo de tempo entre o lançamento de uma inovação tecnológica no mercado e sua respectiva popularização com absorção em massa, inclusive pela massa com baixo poder aquisitivo.

Sem dúvida, a trajetória da humanidade é marcada por evoluções. A passagem das fases de *homo sapiens* a *homo digitale*, conquistando antes habilidades para se tornar *homo loquace* e *scriptore*, evidencia

que houve consideráveis progressos na história da civilização. Esse aperfeiçoamento aconteceu, sobretudo, nas formas de lidar com a língua e com as linguagens, dispositivos centrais na administração das inúmeras tecnologias, sendo ela mesma uma tecnologia que se renova e, por isso, precisa ter flexibilidade e ser reaprendida de tempos em tempos pelos sujeitos. Ponderar sobre as razões e motivações que levaram o homem a flexibilizar sua linguagem diante das inovações tecnológicas será o foco do próximo capítulo deste ensaio analítico.

CAPÍTULO 2

Língua, linguagens, identidades



2. LÍNGUA, LINGUAGENS, IDENTIDADES

Com os pés no presente, mas de olho no futuro, o homem foi conduzindo o fluxo da história e aumentando cada vez mais seu estoque de artefatos na esperança de que eles pudessem ampliar seu conforto existencial e alargar um pouco mais seu tempo de permanência sobre a Terra. As tecnologias, então, assumiram o compromisso emblemático com a aplicabilidade imediata na contemporaneidade humana. Tal aplicabilidade se concretizaria necessariamente na conquista do prazer, na atenuação da dor e no desvio da morte, única certeza da vida de um sujeito consciente de sua finitude. Em linhas gerais, essa é a síntese da “razão instrumental” a que nos referimos no capítulo anterior, com o acréscimo de que todos esses benefícios proporcionados pela tecnologia foram direcionados a uma classe social apenas, a classe burguesa como denunciaram os frankfurtianos.

Embora as práticas sociais sejam mais lentas do que a oferta de inovações tecnológicas, o crescimento do acesso das pessoas em geral a tais inovações provocou um considerável aumento no padrão de consumo de informação e representou uma ampliação significativa nas formas de interação, com destaque para as que acontecem a distância. Consequentemente, mudanças importantes ocorreram nos hábitos culturais, sociais, econômicos e certamente linguísticos dos usuários que passaram a acessar esses sistemas digitalizados de comunicação.

A tecnociência infiltrou-se entre aqueles que fazem ciência e os que produzem tecnologia. Essa identidade de intenções se tornou possível graças às flexibilizações de ambas as partes envolvidas em um esforço conjunto para efetuar a convergência. Esse esforço surtiu efeitos positivos tanto para a ciência quanto para a tecnologia e, em primeira instância, para os sujeitos que deles têm se beneficiado de uma maneira ou de outra.

A nosso ver, uma forma de convergência mostrou-se determinante para o sucesso da tecnociência e seus respectivos desdobramentos sociais, políticos e econômicos. Sem a convergência tecnológica não teria sido possível nem a tecnociência nem a *Revolução Digital* aqui referidas. Por sua vez, essa *convergência tecnológica* atingiu diretamente os dispositivos de informação e comunicação colocando todos juntos em uma só plataforma visualizável, o *display* e a tela computadorizada. Uma vez de posse dessa nova mídia, os sujeitos logo perceberam seu potencial comunicativo e saíram em busca de outros sujeitos com quem pudessem partilhar algo em comum e assim conseguissem tecer sua rede de relações sociais em um permanente processo de ampliação.

Entretanto, o sucesso dessa *convergência social* só aconteceria se cada um dos sujeitos envolvidos “falasse a mesma língua”. Isso não significa apenas usar o mesmo idioma, mas compartilhar um só “dialeto” ou empregar uma retórica afim. Dizendo de outra maneira, era necessário antes estabelecer uma *convergência linguística*. A língua e as linguagens mescladas na plataforma digital são os elementos simbólicos organizados retoricamente em gêneros (hiper)textuais para viabilizar essa convergência languageira.

Neste capítulo, vamo-nos debruçar sobre as três formas de convergência (*tecnológica, sociocultural e linguística*), que, por estarem tão bem articuladas, permitiram a construção de uma rede de identidades que se tornou uma das condições centrais para o êxito do sujeito imerso no século do conhecimento, aquele que luta para ser reconhecido como cidadão da sociedade da informação.

Convergência tecnológica

Por convergência, estamos entendendo o esforço para a junção de afinidades existentes entre seres e/ou objetos que visam compartilhar o mesmo foco: a identidade que os permita viver em simbiose, sem parasitismos, com ganhos notáveis para todos os envolvidos. Trata-se

de um tipo de parceria em que cada uma das partes concede o melhor de si e deixa-se transformar em uma única infraestrutura tecnológica com duas ou mais interfaces. O propósito de toda convergência, inclusive essa, é fornecer soluções simplificadas em formato de produtos e/ou serviços ao usuário final, em tese, o maior beneficiário de todo esse processo.

Acerca da palavra “convergência”, Briggs & Burke (2002, p. 270) afirmam que, “Desde a década de 1990 ela é aplicada ao desenvolvimento tecnológico digital, à integração de texto, números, imagens, sons e a diversos elementos na mídia”. Entretanto, ressaltam os autores que, em 1970, a palavra era utilizada com mais abrangência significando o casamento entre o computador e as telecomunicações. O termo também tem sido associado a organizações e processos como fusões de empresas, especificamente às de mídia que se juntam para fornecer serviços e dados por meio de portais da *web* com textos, imagens e *podcasts* sonoros. Outras vezes a palavra também teria sido mencionada para indicar aproximações entre sociedades e culturas.

Os autores de *Uma história social da mídia* dizem ainda que o sentido mais amplo empregado para essa palavra estava presente na obra *A República da Tecnologia*, do pesquisador norte-americano Joseph Boorstin. Para este pensador, convergência designaria “a tendência de tudo se tornar igual a tudo”. Na prática, essa não é apenas uma tendência, mas um fato cuja concretização tornou-se possível por meio da rede mundial de transmissão de dados, a Internet, que se encarrega de universalizar acontecimentos reais ou fictícios em segundos. Ela integra dispositivos capazes de transferir dados diversos simultaneamente a muitas pessoas em diferentes pontos do planeta.

É neste sentido que a palavra “convergência” tem sido aplicada às tecnologias digitais, em especial, à capacidade computacional de apresentar, comprimir, transmitir e arquivar informações em *bits*. Ou seja, ela se refere basicamente ao transporte, ao armazenamento e à distribuição de texto, voz e vídeo que se encontram sintetizados em

um único equipamento e ganham a rede quando dispostas *on-line*. Este equipamento tem que suportar tecnicamente outras mídias, isto é, precisa ser multimídia. Nesse tipo de junção de recursos de linguagem, condensados numa só máquina, a percepção sensorial é alargada de modo a abranger a visão, a audição e o tato do sujeito ao mesmo tempo. Esta máquina agrega em si um grande potencial comunicativo, posto que acomoda várias fontes de dados, conjuga-as e dispõe-nas para quem delas quiser fazer uso. Essa combinação de mídias torna a interação virtual sensorialmente bem estimulante em razão das várias mídias presentes em um mesmo condensado tecnológico. Essa confluência que viabiliza o encontro de diferentes estímulos sensoriais em equipamentos multimídia torna a interação virtual que nela acontece muito mais próxima das vividas no cotidiano real da maioria das pessoas. Eis um dos motivos do fascínio que tais equipamentos exercem naqueles que os descobrem e deles se tornam usuários permanentes.

O fenômeno da convergência de dispositivos tecnológicos sobre uma mesma máquina, cujas informações escoam rapidamente por meio de banda-larga e conexões sem fio (*wireless*), tem criado as condições sociotécnicas ideais para surgimento de uma denominada cultura digital⁹. Ela estaria, rapidamente, se instituindo em razão da grande adesão por parte de um número cada vez maior de pessoas. Em pouco tempo, os imersos na aqui denominada cultura digital, em sua maioria formada por jovens, adolescentes e até crianças, se apropriam de certas habilidades, desenvolvem determinadas competências e aplicam-nas no seu dia a dia quando manipulam os equipamentos multimídias principalmente os plugados à rede.

⁹. Inúmeros antropólogos, sociólogos, filósofos e historiadores já manifestaram a grande dificuldade de definir cultura. Por se tratar de um conceito de difícil elaboração até para especialistas, trabalharemos neste ensaio com a perspectiva mais geral que define cultura como um conjunto de manifestações linguísticas, comportamentais, sociais, artísticas de um povo; suas tradições, rituais, mitos, danças e formas de organização social que lhe conferem particularidade e distinção em relação a outros povos. O adjetivo 'digital' quer significar o surgimento de novos hábitos, ações e atitudes realizadas pelas pessoas com o apoio das tecnologias de informação e comunicação mais recentes, isto é, o computador e seus derivados, incluindo os aparelhos de telefone celulares. A expressão Cultura Digital indica também novas possibilidades de interação, aprendizagens, com a criação de um mercado de trabalho, de formas de consumo de produtos e serviços a distância.

Partindo da fortuna intelectual já construída e bem consolidada pela cultura escrita, que dela deriva e sem a qual não desenvolve plenamente sua função inovadora, a cultura digital tem ocupado espaços cada vez maiores nas atividades das sociedades cujos membros apresentam altos níveis de letramentos. Essa nova cultura tem instituído progressivamente uma reestruturação nas esferas dos poderes executivo, legislativo e judiciário, democraticamente constituídos, e vem sendo reforçada pela mídia em geral, que via de regra se atribui a condição de “quarto poder”, agora revigorado pela informática digital.

A cultura digital tem se caracterizado, entre outros aspectos, por:

a) promover mudanças na economia dos signos linguísticos. Ao permitir que a língua misture-se e reparta a responsabilidade pela significação com outras linguagens, abre-se a oportunidade para que seu usuário “brinque” com a diversidade de signos, podendo até mesmo transgredir regras tradicionais de grafia de palavras, reconfigurar sinais diacríticos, editar imagens, inserir sonoridades. Esses são gestos simbólicos antes tecnicamente impossíveis por causa da natureza dos suportes, principalmente, em se tratando de celulose. Com o advento da convergência de mídias, cujo suporte digital mostra-se flexível e aberto ao diálogo com diferentes elementos de significação, a mescla de linguagens, nesses equipamentos, tornou-se realizável. A possibilidade inédita de sobrepor hibridamente signos na mesma superfície perceptual despertou o interesse dos usuários não apenas pelo efeito novidade que os gestos simbólicos neles suscitam, mas, principalmente, por causa da contribuição à riqueza de significados em discursos multimidiaticamente construídos;

b) *satisfazer as necessidades de instantaneidade, dinamismo e ubiquidade do homem contemporâneo.* O constante estado de

urgência e a necessidade da presença do homem em diferentes lugares simultaneamente são condições que caracterizam atualmente o sujeito. A pressa é amiga íntima da cultura digital. A sensação de efemeridade da vida tem tornado o ser humano mais hedonista, vivendo compulsivamente à caça de saberes, prazeres e lazes. Para bancar os custos dessa *new way of life*, ele se embriaga de trabalhar, briga constantemente com o tempo e voa (às vezes, literalmente) para estar no maior número de sítios ao mesmo tempo. Contrariando a lei da física newtoniana que determina que um mesmo corpo não pode ocupar dois lugares no mesmo espaço físico, o sujeito imerso na cultura digital subverte essa lei, replicando-se no espaço virtual. Para isso, cerca-se de aparelhos multimídia poderosos (*iphones, smartphones, palmtops, laptops, notebooks, netbooks*) em conexão *wireless* de alta velocidade e neles discursa por meio de textos curtos, às vezes, monossilábicos e acrósticos, permeados por ícones, fotos e vídeos.

Seria essa pressão (da instantaneidade, do dinamismo e da ubiquidade) a razão para o emprego da modalidade escrita da língua de forma fragmentada e interposta a outras linguagens? Talvez um dos motivos, mas não o motivo principal. Monocausalidade em assunto tão complexo é simplismo ingênuo. Será que, sobrecarregado de aparelhos multimídias, ele consegue mesmo satisfazer suas “necessidades” de onipresença e celeridade que o pressionam a todo instante? Até quando o tempo da cultura digital exigirá do homem mais ações do que suas vinte e quatro horas lhe permitam realizar? Essas indagações pedem respostas sofisticadas que ficarão para outro trabalho analítico. Enquanto isso, esse mesmo homem segue adiante empenhando-se em satisfazer as exigências dessa cultura nova. Até agora, o que podemos afirmar é que onipresença e celeridade são mesmo exigências da cultura digital viabilizadas pela convergência tecnológica;

c) oferecer uma tempestade de informações relevantes e irrelevantes, verdadeiras e falsas, úteis e inúteis, já que a cultura digital se baseia na liberdade de expressão e no livre acesso do sujeito à informação que chega de toda parte e transmitida por várias fontes. Hoje o principal problema do homem não é mais a falta de informação, mas o desafio de aprender a administrar o excesso dela. O desafio diário de quem vive na cultura digital é filtrar as informações relevantes, atá-las adequadamente e sintetizá-las inteligentemente.

A oferta ilimitada de informação pode ser prejudicial ao homem se ele não souber como tratá-la apropriadamente a fim de separar, de acordo com critérios pertinentes aos seus interesses, “o joio do trigo” sem “jogar fora a água do banho com a criança dentro”. Aliás, essas têm sido as desculpas de muitos que não estão dispostos a investir na análise, na avaliação e na ponderação das qualidades que uma determinada informação pode conter, por isso descartam-nas sem um prévio esforço investigativo. Muitos repetem irrefletidamente que esse “dilúvio informacional” é perdulário e que melhor seria não dispor de tantas informações como as dispomos hoje, que sofreremos uma overdose de dados causada por esta cultura digital. Em todo caso, é sempre melhor saber do que não saber, pois se sabemos algo, poderemos ignorá-lo, mas se nada sabemos, não temos a opção de desprezar o que sabemos. Mergulhados no mar de dados digitalizados, o sobrevivente não deve se deixar naufragar nele. Antes precisa aprender a nadar e a navegar sobre suas ondas, às vezes revoltas, a fim de pescar o que de melhor esse mar possa lhe oferecer;

d) gerenciar as informações em estado caótico e convertê-las em conhecimentos organizados, de acordo com sua relevância. Os dispositivos computacionais de armazenamento de dados estão

cada vez mais abrangentes no que tange o seu potencial de acúmulo. Muitos discos rígidos (hard drives) são capazes de estocar um número enorme de informações. Já existem HDs que chegam a arquivar 1 terabyte de informações, ou o equivalente a 1.000 gigabytes de dados. Isso significa que ele pode abrigar mais de 917 milhões de páginas de texto digitadas com 1.200 caracteres, ou suportar 4.500.000 livros de 200 páginas, ou 350.000 fotos digitais com 3 Mbs cada uma. Há um tipo de memória chamada “flash”, há poucos anos no mercado, que pode ser inserida no aparelho ou retirada, quando necessário. Esse tipo de memória é mais rápida, leve e consome menos energia do que uma memória artificial comum, além de ser própria para dispositivos de processamento portáteis, como smartphones e tablets.

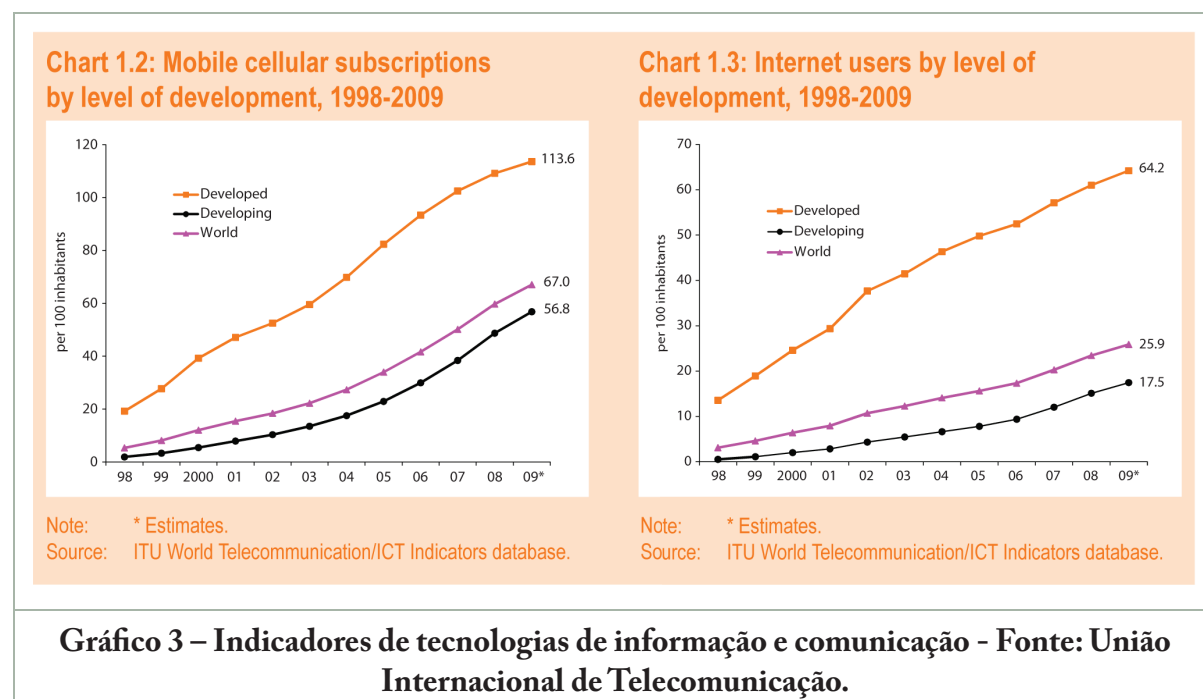
Tais dispositivos assim equipados poderiam teoricamente dispensar a memória humana. Certamente que não. Nem teoricamente. A memória humana é um dos componentes fundamentais da racionalidade. Sem ela, o cérebro praticamente não funciona. Não há processamento correto de significação quando ela está com avaria. Todavia, a memória artificial poupa bastante o esforço intelectual para lembrar grandes quantidades de dados, além de permitir adicionar, recuperar, consultar e evocar informações em determinados momentos. A cultura digital e seus dispositivos acomodam facilmente uma miríade de dados e disponibilizam sua administração aos que lhe são integrados. Transformar as informações a que temos acesso em conhecimento que possa melhorar nossas vidas é o nosso grande desafio, pois não importa a quantidade de informações que tenhamos, mas o que fazemos com elas, isto é, como as articulamos e as convertemos em saberes úteis. Como, atualmente, somos julgados pelo que sabemos, está sob a responsabilidade total do sujeito impor uma ordem inteligente à desordem dos dados. Em uma palavra, a ele cabe organizar o “caos” provocado pelos sistemas binários de informação.

Portanto, a cultura digital se apresenta como um modo de vida imerso em máquinas multimídias que incitam seus usuários a assumir atitudes específicas diante das alternativas inovadoras que lhes são reveladas. O aproveitamento da convergência tecnológica para a adoção de ações propositivas dependerá do esforço de cada um dos imersos na cultura digital para vetoriá-las na direção do interesse coletivo, já que, como diz Morin (2001) tudo está interligado formando um todo “complexo”, entendendo a complexidade em sua acepção latina que significa “aquilo que é tecido em conjunto”. No caso da cultura digital, que tem a Internet como espinha dorsal de conexão, a ideia de interligação de tudo a tudo torna-se virtualmente literal.

Convergência sociocultural

Contudo, para que essa convergência tecnológica se efetue em toda sua plenitude, é necessário que a adesão das pessoas às máquinas inteligentes continue de fato a ocorrer de modo a formar uma malha social extensa, forte e coesa em torno delas. E é isto que vem ocorrendo com a rede mundial de computadores. O relatório “*Measuring the information society 2010*”¹⁰, publicado pela União Internacional de Telecomunicações (UIT) no início deste mesmo ano, estima que 26% da população mundial utilizam a Internet. Esse percentual equivale a 1,7 bilhão de pessoas do planeta que já acessa a rede. Outro dado importante contido nesse relatório é o quantitativo de aparelhos de telefone celulares em uso atualmente. Calcula-se que haja 4,6 bilhões de telefones móveis no mundo, o que equivale a 67% de todos os habitantes do planeta usando teoricamente uma linha telefônica nessa modalidade. A pesquisa foi realizada com dados coletados em 159 países dos 191 filiados à ONU.

¹⁰. O relatório “*Measuring the information society 2010*” pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://www.itu.int/ITU-D/ict/publications/idi/2010/Material/MIS_2010_without%20annex%204-e.pdf> Acesso em: 04 de abril de 2010.



O Gráfico 3 refere-se aos indicadores de Tecnologias de Informação e Comunicação usadas pela população nos cerca de 160 países pesquisados. Ela mostra um cotejamento de utilização de tecnologias digitais entre os anos de 1998 a 2009. De lá para cá, houve um inegável e constante crescimento do uso da Internet e do telefone móvel em vários países do globo. Não há dúvidas de que as pessoas estão se comunicando mais atualmente se comparado aos tempos anteriores, seja por celulares, seja por computadores. Essas interações têm ultrapassado as fronteiras entre os países e continentes e se espalhado em escala mundial. O encontro, ainda que virtual entre as pessoas, propiciado pelo advento da convergência tecnológica, tem permitido a formação de grupos de usuários que se ampliam e geram verdadeiras comunidades, cujos membros convivem mediados por máquinas que os “juntam”, apesar da distância física que os separa.

Toda convergência só acontece se houver alguma forma de identificação entre os interessados. É necessária a existência de um ingrediente comum que faça o amálgama para estabelecer e consolidar a relação entre os participantes de uma mesma comunidade. É preciso

haver identidade social e cultural entre os sujeitos que querem viver em determinados grupos, pois, identificar é reconhecer e fazer-se reconhecido para um conjunto de sujeitos com os quais se deseja compartilhar crenças, experiências e saberes.

Identidade é um conceito complexo e caro às ciências humanas e sociais de um modo geral. Entretanto, é bastante importante partirmos de uma boa definição de identidade para entendermos o funcionamento da sociedade real ou virtual compreendendo as ações e reações dos sujeitos que a constituem também pela linguagem. Da qualidade do laço sociocultural dependerá a convivência (pacífica ou conflituosa) entre os agentes sociais em uma determinada comunidade.

Em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2001), Stuart Hall discorre sobre a fragmentação que o sujeito moderno vem sofrendo por causa das mudanças estruturais que as sociedades vêm enfrentando desde o final do século XX. A mudança no cenário cultural teria começado a desconstruir concepções de classe, gênero, raça, etnia, sexualidade, nacionalidade que no passado gozavam de solidez suficiente para acomodar os sujeitos individuais em coletivos socioculturais homogêneos, apesar de suas angústias identitárias. Consequentemente, a sensação de falta de “sentido de si” teria atingido em cheio a individualidade do sujeito moderno, a ponto de fazê-lo entrar em crise. Essa crise na identidade tem sido chamada pelos teóricos sociais de “descentramento”.

Hall distingue três concepções de identidade a partir dos tipos de sujeitos que flutuaram desde o início da Idade Moderna e foram definitivamente “deslocados” na passagem do século XX para o XXI. São eles: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico, sujeito pós-moderno. Ainda que sem grandes detalhamentos, vejamos como o autor os define.

Por sujeito do Iluminismo, Hall afirma que:

“... estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, do-

tado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade da pessoa. (p. 10)

Tratava-se, portanto, de uma concepção completamente “individualista” do sujeito e de sua identidade. Para o autor, esse sujeito moderno, senhor da razão, nascido entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, já morreu.

No que se refere ao sujeito sociológico, este fora produto do aumento da sofisticação da sociedade. Os novos postulados da Sociologia propostos por Émile Durkheim e Augusto Comte, de inspiração darwiniana, e a formação do estado moderno burocrático, industrial e capitalista teriam jogado o sujeito numa pesada engrenagem. Era dentro dessa grande maquinaria e na relação com as de outros sujeitos que ele tinha sua identidade formada. Era a busca pela sua integração à sociedade e aos sistemas culturais em vigor o grande desafio dos sujeitos da época. Nas palavras de Hall:

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. [...] O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. (p. 11)

Essa seria a síntese da concepção interativa da identidade e do sujeito defendida pela chamada sociologia interacionista simbólica, segundo a qual a relação dos sujeitos com os demais indivíduos seria mediada pelas crenças, valores, sentidos e símbolos compartilhados. O resultado dessa partilha seria a geração de uma certa estabilidade na percepção da realidade, produzindo a sensação de identidade única. Entretanto, as mudanças provocadas na história, com reflexos diretos nas estruturas sociais e instituições durante o século XX – como, por exemplo, as duas grandes Guerras Mundiais – teriam abalado a estabilidade da identidade cultural projetada pelos sujeitos. Isso os teria obrigado a redimensionar suas identidades ou a remontá-las em outras bases, a fim de contemplar os diferentes papéis sociais que se lhes eram impostos pelos novos contextos sociais de então. A arte foi a primeira instância a revelar essa quebra de estabilidade na identidade cultural. Nos primórdios do século XX, nasceu na Alemanha o movimento *Expressionista* que se expandiu da pintura para a literatura, arquitetura, escultura, dança, teatro, cinema e fotografia ganhando mundo a fora. Destacam-se Franz Kafka, na literatura, e Bertolt Brecht, no teatro, dois dos mais badalados expressionistas da época.

Essa nova paisagem sociocultural teria sido o cenário ideal para a emergência do chamado “sujeito pós-moderno” assumidamente sem “identidade fixa, essencial ou permanente”, segundo Hall (p. 12). As identidades desse sujeito seriam formatadas pelas interpelações dos sistemas culturais que o cercavam. As diversas identidades são incorporadas pelo sujeito sem a preocupação de unificar-se a um “eu coerente” porque elas seriam determinadas pela história e não pela biologia do sujeito. Emergeriam, portanto, dentro do mesmo sujeito identidades múltiplas e até contraditórias que o conduziriam a diferentes direções e contínuos deslocamentos. Hall descreve como ilusória a identidade do sujeito moderno e acrescenta:

Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma

multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (p. 13)

Seguindo a trilha do raciocínio de Hall, a morte do sujeito moderno teria sido precedida por cinco acontecimentos significativos até sua completa falência. Com o apoio da teoria social e das ciências humanas em geral, o autor examina as principais forças que, durante o período da modernidade tardia, tiveram impactos importantes para o descentramento do sujeito.

O autor atribui o primeiro descentramento a uma das inúmeras asserções bombásticas de Karl Marx (1818 – 1883), presente n’O Capital. Marx dispara: “Os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. A interpretação consensual para essa afirmação é que não há agentes individuais que sejam “autores” sozinhos de mudanças radicais nos rumos da história. Para que revoluções aconteçam, são necessárias condições históricas criadas por outros, recursos materiais e culturais legados por seus antecessores. Essa perspectiva de ação retira do sujeito moderno de tendência cartesiana seus superpoderes de agente social transformador individual da realidade que o cerca.

O segundo “descentramento” apontado foi a investigação do inconsciente iniciada por Sigmund Freud (1856 – 1939) no século XX. A teoria freudiana defende que nossa identidade, sexualidade e estrutura de desejos são fundamentadas em processos mentais e simbólicos que acontecem no inconsciente, cuja “lógica” de funcionamento opera de modo diferentemente da Razão cartesiana. A identidade não seria algo inato ao indivíduo, mas um processo inconcluso que o acompanharia por toda a vida. Para a teoria psicanalítica, o “eu” tem uma identidade dividida, por isso vive procurando novas identidades e encontrando identificações diferentes, que não passam de momentos de completude de identidade, um *flaneur* por natureza.

O pai da Linguística moderna, Ferdinand Saussure (1857 - 1913) foi, para Hall, o responsável pelo terceiro descentramento do sujeito

moderno. Deslocando do sujeito e alocando no sistema linguístico a autoria das significações produzidas na língua, Saussure postulou sua autonomia, ela seria pré-existente aos falantes e pertenceria ao sistema social e não ao indivíduo particularmente. Hall diz que “nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras das línguas e dos sistemas de significados de nossa cultura” (p. 40). A instabilidade semântica, no paradigma estruturalista saussureano, seria inerente à língua; não haveria palavras com significados fixos, elas viveriam em busca de um fechamento, de uma identidade, perturbada constantemente pela diferença com o sentido de outras palavras. Para o linguista genebrino, o significado se daria na comparação de similaridade e diferenças entre as diversas palavras de uma língua. Se a língua escapa ao sujeito que se achava dono de seu discurso, sua identidade fica inevitavelmente embaçada.

O quarto descentramento sofrido pelo sujeito moderno viria das reflexões do filósofo francês Michel Foucault (1926 - 1984). Sua “genealogia do sujeito moderno” inauguraria um tipo de poder denominado pelo filósofo de “poder disciplinar”. Este tipo de poder estaria preocupado em dominar coletividades inteiras pela regulação e vigilância, bem como em patrulhar os indivíduos, seus corpos e seus desejos íntimos. Para isso, o “poder disciplinar” usaria regimes de administração implementados por instituições de controle (quarteis, presídios, escolas, clínicas, hospitais etc.). O paradoxal desse regime de controle postulado por Foucault seria o fato de a ultraorganização das instituições modernas individualizar demais o sujeito, isolá-lo com o fito de controlá-lo totalmente. Assim, de acordo com esse dispositivo teórico foucaultiano, quanto mais individualizado estiver o sujeito pelo poder disciplinar menos subjetividade ele terá, pois sob vigilância total ninguém é realmente autêntico.

O impacto do feminismo teria sido a quinta forma de descentrar o sujeito da modernidade. Este movimento social se fundamentou em uma forte crítica teórica à preeminência do ser masculino, bem como

se fortaleceu com o apoio dos demais movimentos sociais revolucionários nascidos na mesma época como os movimentos estudantis, antibelicistas, antirracistas, anticapitalistas, antiestalinistas e contraculturais. Todos esses movimentos lutaram por uma causa comum que era o reconhecimento de uma política de identidade. O movimento feminista em particular teria solapado o sujeito moderno ao questionar a distinção entre o público e o privado pelo slogan “O pessoal é político”. Mas sua reivindicação central seria de fato o estatuto de igualdade para homens e mulheres, as quais teriam mesmo status de “humanidade”, tomada, então, como identidade comum a ambos.

A análise de Hall sobre os conceitos de sujeito e identidade certamente contém outros detalhes e uma argumentação mais ampla e refinada, haja vista que seu objetivo era mostrar que o sujeito moderno foi descentrado, deslocado do seu cômodo lugar de centro do universo, lugar que lhe foi atribuído em razão da suposta superioridade biológica, da consciência de si e da racionalidade. Esse descentramento teria sido causado pela dispersão da sua identidade, provocada por inúmeros acontecimentos históricos frustrantes. Ao admitir ser ilusória a ideia de uma identidade fixa e estável, o sujeito precisou assumir uma identidade híbrida, própria dos tempos pós-modernos, segundo o autor. Além de temporária, a identidade híbrida por princípio é “contraditória, inacabada e fragmentada” simultaneamente, finaliza ele.

O impacto desse hibridismo identitário no sujeito daria surgimento a várias identidades culturais, em oposição a uma chamada “identidade nacional particular” que se acreditava inata simplesmente por ele crescer em um determinado país e herdar os valores, tradições e ideologias inerentes àquela nação. Hoje é quase consenso nas ciências sociais a ideia de que as identidades culturais de um sujeito são formadas e modificadas com base nas suas representações. As identidades fazem parte de um *sistema de representação cultural* para o qual contribuem a língua vernacular e as instituições culturais, políticas e econômicas às quais o sujeito tem acesso, voluntária ou involutariamente.

Essa discussão se aprofunda nas demais páginas do livro do supramencionado Hall e constitui apenas a ponta do *iceberg* a efervescência que circunda a concepção de identidade sociocultural nas teorias sociais contemporâneas. Interessa-nos por hora trabalhar com três construtos teóricos presentes neste debate que nos parecem essenciais para entender o funcionamento da língua mesclada às linguagens em situações de interação aparelhadas por tecnologias computacionais binárias. São eles: *identidade, sujeito e representação*. Por conseguinte, assumimos o postulado de que não há sujeito sem identidade e não há identidade sem sistema de representação sociocultural.

O linguista indiano radicado no Brasil, Kanavilill Rajagopalan (2003, p. 59) corrobora com o pensamento de Hall, quando afirma que:

... nunca na história da humanidade a identidade linguística das pessoas esteve tão sujeita como nos dias de hoje às influências estrangeiras. Volatilidade e instabilidade tornaram-se as marcas registradas das identidades no mundo pós-moderno. Nossas vidas estão sendo cada vez mais literalmente invadidas pelas informações advindas de fontes de todos os tipos, algumas bem-vindas, outras nem tanto.

Acolhendo a perspectiva desenvolvida por Hall brevemente resenhada aqui e reafirmada por Rajagopalan, concebemos o sujeito como uma construção social que reflete em suas reações corpóreas e linguísticas as representações socioculturais internalizadas ao longo de suas vivências e experiências de ser no mundo, tanto no âmbito individual quanto nas esferas coletivas das quais toma parte. Concordamos com a ideia de que há inúmeras identidades contidas no sujeito contemporâneo, o que nos leva a considerar a multiplicidade de representações que o constituem.

Vale salientar que estamos tomando “representação social” na perspectiva de Moscovici (*apud* Jodelet, 1992). Para ele, as representações são demarcadas por conteúdos entre os quais se inserem imagens, opiniões, informações e atitudes sobre um objeto ou sobre um sujeito, comunidade, grupo ou classe dentro de um contexto sociocultural específico. Essa “leitura”, por assim dizer, sobre algo ou alguém são atividades cognitivas de simbolização e interpretação que não descartam os elementos culturais, históricos, políticos e econômicos da sociedade na qual vive o sujeito. As representações são, portanto, construtos cognitivos e socioculturais formados pelo sujeito a partir das determinações coletivas comuns a todos. Nas palavras de Jodelet (*Ibdem*), a representação seria:

... ao nível individual, tributária da inserção social dos sujeitos que a elaboram (isto é, de seu lugar na estrutura social, de seu contexto de vida e de interação). Ao nível coletivo, ela é tributária dos seus modos de produção (midiático, institucional, etc.) (p. 531)

Assim, as representações socioculturais, quando incorporadas pelo sujeito, forjam sua conduta na comunidade e regulam esta em relação a outras instituições que exercem alguma hierarquia sobre ela. As regras que vigoram no interior de uma dada comunidade podem evocar resistências ou fomentar inovações no sujeito individual que as revela à sua comunidade na esperança de vê-las implementadas enquanto contribuições relevantes para o êxito da comunidade.

A percepção que ele tem do real, bem como a interpretação que faz sobre este mesmo real são atravessadas tanto pela posição social que ocupa, quanto pela forma como elabora cognitivamente essa realidade em face ao contexto situacional em que se dá essa interpretação. Neste momento, é exigida a flexibilidade do sujeito para negociar os sentidos entre sua representação individualmente construída e a representação consensual predominante da comunidade de que é parte.

Todavia, é certo que os horizontes de interpretação do sujeito e os dos demais membros da comunidade devam se tocar em algum ponto, a fim de alcançar a tangente do tão desejado comunitarismo, pelo menos teoricamente.

O avanço das tecnologias de informação e comunicação em sua dinâmica de convergência multimidiática tem o poder de reverberar as subjetividades individuais e expandir a malha de relações dos sujeitos a patamares universais. Com isso, seu limiar de representações socioculturais tende a ganhar uma amplitude de alcance inimaginável, tornando-os no mínimo potenciais interlocutores locais disponíveis para absorver e compartilhar saberes, experiências e crenças com outros potenciais interlocutores do mundo.

Nesse quadro de reflexão sobre a convergência sociocultural, parece-nos oportuno pensar com certa sistematicidade conceitual a existência das comunidades virtuais (CV), suas origens e formas de sobrevivência (exclusivas) no espaço digital. Interessa-nos saber o que são, como se caracterizam e quem faz parte dessas comunidades tão recentes e diferentes, que inundam a grande rede. Conceituar é sempre um gesto perigoso da engenharia cognitiva do teórico, pois há o risco constante de ele rotular inadequadamente o fenômeno concebido teoricamente. Mas, sem âncoras conceituais, não é possível estabelecer e manter uma linha de análise minimamente inteligível.

As tecnologias computacionais propiciaram, por meio da Internet, o encontro virtual entre pessoas que podem estar fisicamente distantes. Apesar do obstáculo geográfico real, elas descobriram afinidades e passaram a dialogar entre si a fim de trocar informações sobre seus passatempos favoritos, temas profissionais de interesse comum e até relataram publicamente acontecimentos banais da vida privada. Esse tipo de relação interpessoal remota proliferou com todo vigor a partir da disponibilização de recursos para a montagem de páginas pessoais, sem a necessidade de dominar os códigos informáticos (HTML) que permitiam a ancoragem de sítios na web.

Primeiramente vieram os blogs, que funcionavam como os diários pessoais sem as revelações de segredos íntimos e detalhes das particularidades dos autores. Certamente, informações tão reservadas, que são normais em diário, enquanto traços desse gênero textual, não são vistos nos blogs individuais, já que, em tese, estão abertos a qualquer pessoa do “mundo”. Os blogs se espalharam, passaram a formar a “blogosfera” e ganharam diferentes usos, proporcionando o surgimento de vários tipos¹¹ de acordo com os diversos propósitos de seus criadores e mantenedores.

Posteriormente chegaram ao mercado digital os sites de relacionamento como Orkut, Facebook, MySpace etc. Essas ferramentas de comunicação abriram caminho para a segunda fase da Internet, a chamada *Web 2.0*, cuja característica principal é o aumento da participação dos usuários da rede (XAVIER, 2007). Eles, além de consumidores de conteúdo, tornaram-se também produtores de informação. Entretanto, mesmo antes da *Web 2.0*, os usuários da rede já tinham descoberto, nesta mídia, seu potencial integrador não só de dados, mas também de pessoas. Os sites temáticos individuais e não institucionais já existiam desde a invenção da *www* por Tim Banners-Lee em 1991. Anterior a esta plataforma amistosa de acesso à rede, que tirou o privilégio dos *experts* em informática de utilizá-la com exclusividade e permitiu que os não iniciados em computação pudessem usufruir dela também, havia o *e-mail* que por meio de listas estimulava a comunicação, o debate e a troca de ideias entre aqueles que se inscreviam à lista.

O pesquisador canadense, Barry Wellman (2010), que estuda há mais de uma década o comportamento das pessoas *on-line*, apresenta uma definição bem clara e operacional para comunidades virtuais.

¹¹ Há uma infinidade de tipos e classificações de blogs que seguem critérios diferentes. Miller (2009) faz uma excelente definição sobre o gênero como blog. Primo (2008) definiu 24 tipos de blogs existentes atualmente na rede. Entretanto, uma classificação leiga, porém interessante e funcional de blog foi feita pelo autor do **blog webcétera** (<<http://webcetera.com.br/blog/2008/01/18/6-tipos-de-blogs/>>). De acordo com essa classificação, blogueiro de verdade tem blog pessoal que se enquadra em um dos seis tipos a seguir: 1. Diário ou impressões. 2. Consultor ou especialista; 3. Humor; 4. Apontador ou lista de links; 5. Jornalístico; 6. Obcecado.

Ele as define como “redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social”. Em seu projeto intitulado “Vidas conectadas”, Wellman afirma que a incorporação da Internet na vida cotidiana atualmente tem causado mudanças na concepção de comunidade. Entretanto, ressalta o pesquisador, as pessoas já viviam conectadas mesmo antes dos anos 1990. A expansão das linhas de telefonia fixa, o aumento na produção de automóveis, o barateamento das viagens de avião, a pontualidade e segurança dos serviços de correios e a ampliação da malha viária conectaram lugares e avizinham pessoas.

Da mesma forma que em cada casa havia um número de telefone, agora cada pessoa tem seu próprio número de celular e endereço de *e-mail*. Afirma o estudioso da vida digital que a Internet e as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) têm ajudado as pessoas a personalizarem suas comunidades, promovendo uma transformação importante na natureza delas que se emancipam de grupos menores para redes sociais bem maiores. As redes de relações não estão mais confinadas a vizinhanças e aldeias. Elas estariam agora “glocalizadas”, ou seja, seu funcionamento teria uma parte local e outra, global. No entanto, o autor salienta que as relações domésticas permanecem como as unidades preeminentes na organização da vida familiar e comunitária. As redes glocalizadas teriam a função de abrigar a superposição de comunidades. Todavia, observa Wellman (2010)¹², as conexões acontecem de pessoa para pessoa dentro do grupo e isso não representa isolamento pessoal dos seus membros, apenas revela a autonomia e flexibilidade daqueles que usam as redes sociais. Isso significa aumento na responsabilidade das pessoas para estabelecerem suas redes e ampliação da liberdade para elas gerenciarem suas interações.

Retomando o conceito de comunidade virtual de Wellman, fica-nos evidente que a sustentabilidade de uma CV na grande rede acon-

¹² WELLMAN, Berry. & HOGAN, Bernie Connected lives: The Project. <<http://chass.utoronto.ca/~wellman/publications/ConnectedLives/purcell-CL-12a.pdf>> Acesso em: 06/03/2010.

tece fundamentalmente em razão da “identidade social”, nos termos do autor, percebida pelos sujeitos que a compõem. Ao adicionarmos as ponderações de Hall relativas à flutuação cultural global que provocaria o hibridismo identitário do sujeito contemporâneo, é possível enxergar as CV como o lugar de encontro de identidades socioculturais desterritorializadas e glocalizadas. Também fica claro para nós que as CV atuais, formadas por sujeitos com identidades híbridas, não são detidas por fronteiras geográficas. As consequências imediatas observadas desse fato foram, por um lado, a conquista dos sujeitos contemporâneos de uma espécie de “cidadania global”, por outro, o fato de esses sujeitos conservarem a noção de pertencimento aos núcleos doméstico, familiar e comunitário que os remetem sempre às suas raízes e aos sistemas de referências centrais que orientam seus percursos no universo virtual.

Outras características da comunidade virtual podem aqui ser mencionadas, tais como:

- a) **garantia da liberdade de expressão** aos membros, embora toda comunidade tenha um “proprietário” e um moderador que nem sempre é o mesmo sujeito. Isto torna o ambiente da CV horizontalizado em relação às possibilidades de intervenções dos sujeitos no debate perene que nela acontece;
- b) **igualdade de papéis** dos membros da comunidade, salvo o de moderador, cuja função é conter o caos, evitar os ataques pessoais e filtrar a publicidade explícita de produtos ideológicos estranhos à temática que une o grupo;
- c) **arena virtual** para troca, discussão e persuasão pelo argumento e não pela força bruta do insulto ou da ameaça;
- d) **lugar de ensaio e construção de autoria** de ideias sem imposição autoritária de perspectiva. A inovação é sempre bem-vinda, desde que racional e teleológica, ou seja, apenas se houver objetivos claros e bem definidos;

Além dessas características que asseguram fluidez e coesão à participação dos membros, o sucesso das CV poderia também ser atribuído a fatores relativos ao seu *ethos* inerente a confrarias tradicionais bem sucedidas de pessoas que já são ou se tornam amigas e intensificam o partilhamento do mesmo condensado de interesses:

- a) **dinâmica de intervenção bem coordenada** pelo moderador e acatada pela grande maioria da comunidade na condução do grupo. Sua “mão invisível” intervém para evitar a entropia, a desordem, a descoordenação que podem provocar a falência absoluta da comunidade;
- b) **foco claro nos objetivos** por parte de cada um dos seus membros, gerando “externalidades positivas”, tais como motivação nos membros para continuar participando da comunidade e mais qualidade nas intervenções realizadas face à necessidade de manutenção de uma boa heteroimagem construída para os demais componentes da CV;
- c) **forte senso de solidariedade**, já que seus participantes são voluntários, atraídos pela temática e movidos pelo espírito cooperativo de aprender/ensinar coletivamente, o que atenua o predomínio da disputa pessoal entre supostas facções internas. O comunitarismo que predomina nas CV reconhece e respeita as alteridades de cada um dos seus membros.

Marcuschi (2005, p. 20) contribui com esta discussão quando propõe sua própria definição de comunidade virtual. Para ele, trata-se de “uma espécie de agregado social que emerge da rede *Internetiana* para fins específicos. Seriam pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns num dado momento, formando uma rede de relações virtuais (ciberespaciais)”. Nesta concepção, o pesquisador brasileiro ressalta, entre outras coisas, os interesses comuns que mobilizam os engajados em torno de uma CV. A partilha do mesmo bene-

fício seria o objeto de convergência entre os internautas inscritos em CV. Esse é um dos diversos elementos de identificação e geração de identidade entre membros de comunidades virtuais ou não. Todavia, ele não é o único, nem o principal elemento de geração de identidade, posto ser este um conceito multifacetado como vimos aqui.

Quem são os membros reais das comunidades virtuais? O que fazem para serem recebidos nelas? Como dissemos anteriormente quando abordamos a cultura digital, os membros da CV são majoritariamente jovens, adolescentes e até crianças. Tomaremos como referências para consubstanciar as respostas a essas questões os resultados e conclusões a que chegaram as pesquisas realizadas por Don Tapscott, economista e professor da Universidade de Toronto, e os estudos efetuados pelos pesquisadores John Palfrey, americano e professor de Direito na Universidade de Harvard, e o suíço Urs Gasser, também professor no curso de Direito na Universidade St. Gallen, Suíça.

Tapscott realizou uma ampla pesquisa com mais de 300 internautas em comunidades virtuais de 12 diferentes países nos anos próximos à virada do milênio (1997 a 1998), portanto, antes da chegada da *Web 2.0*. Ele constatou que a maioria dos membros das comunidades virtuais pesquisadas era formada, predominantemente, por crianças, adolescentes e jovens. Trata-se da **Geração Y**¹³, denominada pelo autor de **Gnet**. É uma geração que nasceu entre os anos 1978 a 1990 e cresceu com bastante acesso às TIC como videogame, computador, Internet e vive em um mundo com relativa estabilidade econômica e com a política internacional mais controlada, isto é, sem grandes conflitos bélicos. Uma geração hiperestimulada, por isso hiperativa e multitarefas, ou

¹³ Para termos uma noção do que significa esta denominação, a Sociologia tem classificado as gerações que precederam a Geração Y, como Tradicional, Baby-Boomer e a Geração X. A denominada Geração Tradicional foi a que prevaleceu até 1945. Ela se caracterizou por ser prática e hierarquizada. A chamada Geração Baby-boomers, que vigorou entre os anos de 1946 a 1964, recebeu uma herança maldita: as sequelas econômicas e psicológicas da Segunda Guerra Mundial. Por essa razão, lutou pela paz, enfatizou os valores pessoais e a qualidade da educação dos filhos. É formada por pessoas focadas que agem preferencialmente com base no consenso de opinião. Já a Geração X, que compreende aqueles que nasceram entre os anos de 1965 a 1977, é preocupada com a melhoria na qualidade de vida, gosta de tecnologias, é super protetora e cética sob muitos aspectos.

seja, seus membros conseguem fazer várias atividades simultaneamente como ver TV, conversar em programas de mensagens instantâneas, pesquisar *on-line*, ouvir e baixar músicas da rede etc.

De acordo com Tapscott (1999), esta geração que cresceu plugada à rede tem desenvolvido normalmente habilidades e comportamentos como os listados a seguir:

- ✓ Inquietude e pressa para encontrar soluções;
- ✓ Autonomia na busca da informação que interessa;
- ✓ Autoaprendizagem e independência das instituições formais de ensino;
- ✓ Uso da rede como uma grande biblioteca virtual e como meio principal de informação;
- ✓ Sensibilidade aos acontecimentos globais como catástrofes naturais e combate às ações terroristas;
- ✓ Senso de responsabilidade social aguçado, que a faz se engajar em passeatas virtuais em luta a favor do desarmamento nuclear entre outros temas pacifistas;
- ✓ Exercício da liberdade de expressão com racionalidade;
- ✓ Identidades múltiplas para interagir nas CV;
- ✓ Compartilhamento de informação e saberes com sua rede de relações *on-line* (CV).

Para Tapscott, essas características indicam que os sujeitos da Geração Y, entre outros benefícios, têm experimentado mais cedo do que seus pais situações que exigem práticas socioculturais e intelectuais bem mais amadurecidas. Eles têm-nas aprendido, muitas vezes, “sozinhos”, ou seja, sem tutores ou instrutores programados e especializados para ensinar-lhes. As aprendizagens são repassadas uns aos outros na CV naturalmente como consequência das interações que mantêm com seus colegas de comunidade virtual. Em outras palavras, a aprendizagem na Gnet se daria cooperativa e coletivamente. Ela não se aco-

moda aos saberes sistematizados pelas instituições oficiais de ensino. A curiosidade à flor da pele desenvolve a autonomia na busca das respostas e soluções urgentes e detalhadas. Diz o pesquisador que essa geração não se contenta em saber que abaixo do capô existe um motor que faz funcionar o veículo. Ela abre o capô para vê-lo funcionar.

O prazer de debater com seus colegas e oferecer-lhes informações inéditas sobre o tema em discussão é o principal combustível para fazê-la pesquisar durante horas sobre um determinado assunto. Fuçar as causas e divulgar seus efeitos também são motivações importantes para manter os sujeitos dessa geração ligados a várias comunidades virtuais. A sensibilidade às questões humanitárias se revela em manifestações contrárias às injustiças sociais¹⁴, bem como à depredação da natureza¹⁵.

As múltiplas identidades às quais se refere Tapscott são os diversos pseudônimos que assumem nas diferentes comunidades virtuais de que fazem parte. Na rede há a permissão para que eles “façam experiências com a morfologia de suas próprias identidades” (p. 92). A variedade de identidades adotadas seria uma estratégia para reafirmar sua identidade original.

Finalmente, mas talvez a mais importante característica da Geração Y, apontada pelo pesquisador, seja a consciência do uso racional da liberdade de expressão garantida nas CV. Decerto que este é um

¹⁴ Um projeto que tramitava, entre março e abril de 2010, no Congresso Nacional propondo a retirada de parte dos royalties (R\$ 7 bilhões) da exploração do petróleo do Rio de Janeiro e dos demais estados brasileiros produtores desse combustível gerou uma onda de manifestações virtuais contra sua aprovação. Algumas comunidades foram abertas nos sites de relacionamento (Orkut – “O Petróleo é nosso” e “Royalties para quem produz” –, Facebook) e muitas mensagens foram enviadas pelo microblog Twitter contendo frases de protesto, bem como divulgando o e-mail e o número do telefone do deputado Ibsen Pinheiro, autor da proposta. O canal oficial do governo do Rio de Janeiro no YouTube foi alimentado com várias reportagens sobre o andamento das discussões na Câmara Legislativa e no Senado Federal. Até um abaixo-assinado na modalidade de assinatura digital foi organizado pela Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro para mobilizar a população contra tal projeto. O site funcionou no seguinte endereço: < <http://www.assinepelorio.com.br/site/conteudo/index.asp>>. Acesso em: 08/04/2010.

¹⁵ Nos sites de relacionamento como Facebook e Orkut podem ser encontradas muitas CV que defendem o meio ambiente e a natureza. Neste tipo de rede social, o critério de classificação no ranking é a quantidade de membros associados à comunidade. Por exemplo, a CV intitulada “Meio ambiente” é a primeira entre as mais de 1.000 comunidades existentes sobre o mesmo tema porque conta com 217.554 membros cadastrados. Com o título “Até quando a natureza suportará?” esta comunidade tem 205.057 filiados. Acesso em: 08/04/2010.

dos mais importantes pilares da Internet. Por isso, logo a Geração Y aprende a exercitar sua liberdade de expressão com responsabilidade¹⁶. As ofensas e insultos a colegas da mesma comunidade são repreendidas tanto pelo moderador da CV, que tem a autoridade e possibilidade técnica de “censurar” intervenções exageradas, quanto pelos demais membros que combatem fortemente toda forma de maltrato a fim de resguardar a integridade do grupo. Na verdade, nas CV estudadas por Tapscott impera um espírito de equipe em que todos compartilham do mesmo objetivo e empreendem esforços para atingi-lo satisfatoriamente.

As pesquisas de John Palfrey e Urs Gasser, publicadas na obra *Born Digital* (2008)¹⁷, apresentaram resultados similares aos de Tapscott. Os pesquisadores objetivavam compreender o comportamento da Geração Y, denominada por eles de “primeira geração dos nativos digitais” (dora-vante **Gnd**). Por nascer num ambiente repleto de tecnologias, ela parece não fazer distinção entre o que é e o que não é digital tal como seus pais, “imigrantes digitais”, vivem fazendo. “O ambiente digital é simplesmente a extensão do seu mundo físico” afirmam os autores (p. 19).

Com acesso à banda larga, os nativos digitais vivem *on-line*, digitam freneticamente no teclado do pc ou do celular, são exímios jogadores de videogames, inclusive contra adversários que nunca viram pessoalmente porque estão do outro lado do mundo, postam textos e

¹⁶ Concordamos com Reid (1991, *apud* Primo, 1997) quando afirma que a liberdade em comunicação mediada por computador deve ser compreendida como ausência da intervenção das agências de controle oficiais e não em termos de liberdade ilimitada, o que seria uma utopia. A pesquisadora já defendia essa posição antes mesmo da explosão da Internet no mundo. No que se refere ao uso responsável da liberdade de expressão na rede por essa Geração Y, não queremos negar a existência de exageros ou de pessoas realmente mal intencionadas que se têm valido das virtudes da rede para praticar crimes de vários tipos. A rede nada mais é do que um microcosmo do mundo real. Ela reproduz parte do que há fora dela, mas também apresenta aspectos e virtudes que podem atenuar os efeitos de certos crimes ou reprimir a prática deles. Queremos acentuar, na verdade, dizer que esses abusos são exceções, e não regras, assim como os crimes na sociedade fora da rede são violações às práticas sociais civilizadas, e não constituem a própria regra. Alguns costumam demonizar a rede por existir seres inescrupulosos transitando por ela. Poderiam fazer o mesmo com o mundo secular, que sempre foi assim, antes mesmo da rede, que nada mais é do que mais uma invenção de pessoas mundanas.

¹⁷ A exemplo do projeto de Tapscott disponível no endereço: < <http://www.grownupdigital.com/> > acessado em 08/04/2010, Palfrey e Gasser estudaram diversos aspectos de nova geração tais como: identidade, privacidade, segurança, criatividade, pirataria, qualidade, inovação, aprendizagem, ativismo entre outras. Trata-se de um dossiê completo sobre quem são e como agem os nativos digitais.

fotos em seus sites de relacionamento e nos de seus amigos, moderam comunidades, produzem pequenos vídeos caseiros e postam-nos em sites exclusivos para este tipo de mídia como o YouTube, por exemplo. E fazem mais, divulgam informações pelos microblogs e recebem constantemente em seus *e-mails* e celulares novas mensagens sobre fatos importantes ou atividades banais das celebridades de que são fãs e por isso as seguem pelo Twitter.

Os nascidos na Geração Y são quase incansáveis, pois são capazes de manter o foco em muitas atividades simultaneamente, exercem multitarefas concomitantemente, tal como já havia apontado Tapscott. Além disso, são bastante criativos, a ponto de conseguirem por exemplo, construir, viver e administrar um mundo paralelo por meio de avatares em programas de computador que permitem o gerenciamento de um metaverso, um tipo de vida virtual¹⁸. Eles depositam mais credibilidade na humanidade do que seus pais, pois expõem com frequência dados importantes sobre si mesmos e suas aspirações futuras, facilitando assim a ação de falsários, pedófilos e criminosos de toda sorte. São inovadores tecnológica e linguisticamente também, pois dominam fácil e rapidamente os caminhos complexos dos dispositivos binários e inventam formas outras de se expressarem linguisticamente em público, isto é, mesclam engenhosamente à língua outras linguagens e ícones.

Segundo os autores, a Gnd atualiza constantemente suas identidades sociais, adequando-as às novas e imediatas necessidades e aos humores do momento. Tão logo trocam o estilo de roupa ou de cabelo, muda a foto nos sites de relacionamento nos quais mantém um “perfil”. Aliás, é comum um mesmo usuário ter vários sites desse tipo, participar de várias comunidades virtuais ao mesmo tempo (p. 21). Desta

¹⁸ Programas como *Second Life* e *The Sims* são bastante utilizados pela Gnd. Ambos são jogos interativos chamados de *ficção hipertextual*. Os jogadores constroem avatares que promovem uma experiência imersiva do sujeito em realidade virtual. Eles simulam vidas cuja autoria do jogador é total e os limites são a imaginação e o nível de domínio das ferramentas de produção e navegação do programa.

forma, o comportamento da Gnd confirma a existência da pluralidade de perfis identitários condensados no mesmo sujeito, como já havia sido apontado por Hall em relação ao sujeito pós-moderno.¹⁹

Essa variação de identidade é denominada por psicólogos de outros “EU”. Palfrey e Urs, no entanto, dizem que isso pode significar que a Gnd estaria sempre aberta à experimentação e à reinvenção da própria identidade. A razão disso seria o uso de diferentes modos de expressão, pois a todo momento estão sendo lançadas ferramentas digitais que permitem experimentações e invenções, tais como o surgimento dos diversos gêneros comunicativos ancorados na rede com o surgimento da Internet. A chegada do YouTube e posteriormente do Metacafe, serviços que armazenam vídeos produzidos por quaisquer pessoas, permitiram que o usuário comum pudesse se tornar celebridade da noite para o dia; blogs pessoais equipados com pequenas câmeras ligadas em tempo real têm tornado a vida privada de alguns internautas um megaevento que pode ser assistido por centenas de milhares de pessoas em todo o mundo.

Palfrey e Gasser sugerem a ideia de reciprocidade como uma das causas dessa variação de identidades comum à Gnd. Dizem “que a vida social para essas pessoas tem um componente *on-line* essencial. O mundo virtual complementa e estende a esfera social *off-line*” (p. 25). A dinâmica das interações *on-line* parece governada por intrincados rituais que envolvem uma série de normas de compartilhamento e acesso às informações dos pares. A expectativa da reciprocidade move-os a partilhar seus dados na rede sem pensar nos riscos que isso possa ter, pois, embora arriscado, é este desnudamento do sujeito perante sua comunidade que lhe dá o sentido de pertencimento ao grupo, estabelecendo uma relação de cumplicidade com os membros. Uma espécie

¹⁹ Não queremos aqui discutir o estatuto dos internautas pertencentes à Geração Y, ou seja, não é nosso interesse estender o debate sobre um possível enquadramento desses usuários no conceito de sujeito pós-moderno, como essa afirmação possa parecer. Essa é uma boa e longa discussão, que preferimos deixar para um outro ensaio.

de dança cúmplice se instaura cuja tendência é levá-los a assumir um comportamento cooperativo *on-line*, vinculado a uma cadeia de amigos a distância que, em contrapartida, fazem o mesmo, costurando assim a teia que constitui a comunidade virtual.

Os pesquisadores afirmam ser a Internet um laboratório virtual de experimentos voltados para o desenvolvimento de identidades. Nela os autores reconhecem a existência de um paradoxo: a vulnerabilidade dos seus usuários se apresenta como uma desvantagem considerável, todavia, a oportunidade que eles têm para ampliar suas habilidades sociais mostra-se de fato uma vantagem incalculável. Esse paradoxo somente poderá ser administrado e até resolvido, se houver um esforço amplo e coletivo de toda a comunidade, a começar pelos que pertencem à geração dos nativos digitais.

Como as TIC estão afetando as formas que os nativos digitais estão absorvendo e retendo as informações? Essa é uma questão importante discutida pelos pesquisadores (p.240). Os adultos, dizem eles, estariam preocupados com o fato de a Gnd não estar lendo livros em celulose tanto quanto eles. Restringem-se a acessar corporações monolíticas como Google ou outras ferramentas de busca. Com isso a compreensão desta geração tenderia a ser superficial e limitada a frases gerais. Pais e professores temem que essa geração não desenvolva uma boa capacidade analítica porque não adquiriu o hábito de ler jornais, assim como eles. Os pesquisadores, entretanto, afirmam que isso é subestimar os conhecimentos que a Gnd está obtendo na web. Esta geração tem uma experiência diferente de lidar com as informações na rede. Ela interage de forma muito mais construtiva com as informações que decidem acessar do que os jovens da geração anterior. Por exemplo, a Gnd escreve comentários e posta-os nas caixas de diálogos dos jornais *on-line*, blogs, torpedos de celulares, programas de mensagens instantâneas e espaços reservados para receber esses comentários nos sites de relacionamento. Esse tipo de interação com a notícia jamais foi realizado por jovens da geração anterior. No máximo, as gerações anteriores escre-

veram cartas à redação dos jornais que eram retextualizadas antes de um pequeno fragmento delas ser publicado dias depois.

Não há evidências para sugerir que a Gnd esteja aprendendo menos do que seus pais ou avós, ou que está aprendendo de forma mais superficial do que eles, defendem os autores (p. 241). Os nativos digitais seriam um pouco mais sofisticados em seus modos de aprender. Eles captam a informação através de um processo com múltiplos passos que envolvem três estratégias de abordagem: surfar sobre a rede garimpando as notícias que interessam, fazer mergulho profundo na informação e dar um retorno com avaliação em forma de comentário. Enquanto surfam sobre os sites, eles absorvem pedaços de informação pelo caminho. A informação só será selecionada se for atual, relevante e fácil de compreender. Uma vez selecionada, a informação será analisada quanto a sua significação e aplicabilidade individual, somente então valerá a pena ser clicada, carregada ou copiada para ser lida, vista ou ouvida em qualquer lugar. Os autores esclarecem que a última estratégia de abordagem da leitura é retroalimentação, o retorno com uma avaliação elogiosa ou crítica. O comentário é postado na caixa de diálogo ou no e-mail de contato do jornal *on-line*, blog ou CV, supostos lugares virtuais nos quais aquela informação poderia ter sido acessada. Se quiser, o comentário também poderá ser inserido nos próprios blogs ou sites de relacionamento dos nativos digitais com um link da notícia para contextualizar o leitor.

Os pesquisadores acreditam que esse alto nível de engajamento com a informação e com o mundo ao redor é muito positivo para o processo de aprendizagem desses nativos digitais. Finalizam a análise afirmando que a Gnd está inaugurando uma democracia semiótica ao comentar as informações que lhes interessam utilizando-se dos recursos multimídia, seja em forma de texto escrito, seja por meio de postagem na rede de vídeos por eles mesmos produzidos.

Além dos aspectos sobre a Geração Y aqui comentados, chamamos muito a atenção as três formas de abordagem da informação apon-

tadas por Palfrey e Gasser, classificando-as como uma forma criada pela Gnd para lidar com os acontecimentos. Dela deduzimos que essa geração está utilizando a modalidade escrita da língua com muito mais frequência em comparação às gerações anteriores, e aos sujeitos contemporâneos que ainda não começaram a usufruir das ferramentas digitais. A partir da argumentação destes estudiosos, podemos afirmar que a Geração Y escreve bastante. A escrita que tem utilizado sem dúvida contribui para reafirmar sua identidade, já que a língua também é um índice de identificação entre os sujeitos. Em outras palavras, o que realmente queremos dizer é que o modo de utilização de uma língua faz convergir seus usuários em torno dela.

Como vimos, os três pesquisadores (Tapscott, Palfrey e Gasser) se concentraram no comportamento geral da Geração Y que revelaram sua identidade ou identidades no plural e assim responderam às indagações sobre quem eram os membros das CV e quais suas características. Talvez por eles não serem da área de linguagem, não focalizaram o uso particular que essa geração tem feito da língua e das linguagens nas comunidades e nos demais ambientes virtuais. Todavia, sabemos que esse uso é a pedra de toque para os relacionamentos estabelecidos na esfera digital, por isso ela precisa ser estudada e compreendida em todas as suas nuances e peculiaridades.

Convergência linguística

Como já vimos neste capítulo, as representações socioculturais dos sujeitos têm as funções de interpretar a realidade e atribuir-lhe significações. Mas estas significações são primordialmente reveladas por meio da língua ou das linguagens que as encapsulam. O sujeito só será reconhecido como membro de uma dada comunidade se demonstrar domínio das formas linguísticas valorizadas naquela esfera social da qual deseja fazer parte. Por vezes, o sujeito ratifica seu pertencimento à comunidade pelo emprego natural das variações languageiras

em seus aspectos fonéticos, lexicais, sintáticos e semânticos presentes em seu discurso. Uma vez reconhecidos esses aspectos da língua, os membros de uma dada comunidade ficarão à vontade para interpretar os movimentos pragma-retóricos efetuados pelo sujeito.

Para Rajagopalan (1998), o falante só se apresenta como real a partir do momento em que se constitui como ser social. Inescapavelmente, a língua forja o falante e permite-lhe ou não passe livre ao convívio em um certo ambiente. Esta seria uma questão quase matemática, se não fosse linguística: quanto mais o discurso do sujeito se aproxima do sotaque, dos vocábulos comuns, da disposição dos termos na ordem preferencial geralmente utilizada numa dada comunidade e dos sentidos predominantes lá, maior será sua identificação com ela. As opções de uso da língua carregam inconscientemente as marcas identitárias do usuário. Elas revelam os diversos papéis sociais que ele exerce em uma comunidade. Dito de outra forma, a língua é o amálgama das relações humanas intracomunitárias. Portanto, o imbricamento entre língua e identidade do sujeito parece-nos inquestionável.

Não há, pois, como fazer convergir identidades socioculturais sem um suporte linguístico que articule e corrobore essa convergência. É a língua o principal dispositivo tecnológico de consolidação da identidade social e cultural de uma comunidade. Ela opera como mecanismo de absorção, reprodução e preservação das tradições, hábitos e gestos interpretativos dos sujeitos no interior de uma dada comunidade. É por meio dela que o sujeito individual manifesta a representação que construiu sobre o social, o cultural, o político, o histórico, o econômico e deixa involuntariamente escapar sua ideologia. Por ela, ele informa o retrato que faz dos outros e sinaliza que imagem deseja que os outros façam dele. Em uma palavra, o sujeito projeta imagens de si e dos outros pela língua.

Ao mesmo tempo em que refrata a imagem do sujeito publicamente, a língua é modelada pela realidade que necessariamente a envolve e deixa suas marcas contextuais. Hoje parece mais fácil reconhecer essas

marcas do contexto no uso das tecnologias em razão do imenso alcance que uma língua pode atingir quando veiculada pela Internet. Esta vem conseguindo desvelar segredos que talvez estivessem encobertos até hoje. Ela está tornando as relações interpessoais e interinstitucionais, em especial as relativas à governança, mais transparentes. De acordo com Rajagopalan (2003, p. 59):

A Internet nivelou em grande parte as desigualdades que existiam entre o centro e a periferia no que respeita ao acesso às informações, como cada vez mais estão descobrindo, com espanto, os governantes autocráticos e inescrupulosos em várias partes do mundo que historicamente se valeram da possibilidade de reter informações ou até mesmo do instrumento igualmente eficaz de desinformação proposital para manter-se no poder. [...] a linguagem está no epicentro deste verdadeiro abalo sísmico que está em curso na maneira de lidar com as nossas vidas e as nossas identidades.

Sem dúvida, o efeito de nivelamento das desigualdades promovido pela Internet se restringe à possibilidade de acesso a uma quantidade expressiva de informações antes deliberadamente ocultadas. O linguista tem razão quando observa que a linguagem ocupa uma posição nuclear tanto por causa da conquista da transparência pela veiculação das informações via web, quanto por ser ela a faculdade humana capaz de gerenciar as mudanças em nossas vidas e identidades. Acrescentaríamos a essa reflexão, a incumbência da língua como tecnologia de convergência simbólico-cognitiva que materializa tudo isso.

Embora desempenhe importantes papéis no mundo digitalmente globalizado pelas TIC, as quais – diga-se de passagem – continuam em franca ascensão e aperfeiçoamento, a língua na web, parece-nos não depender de um emprego formal, “cuidadoso”, isto é, da rígida

obediência à norma padrão da modalidade escrita pelo internauta. A Internet alçou ao mais alto ponto de visibilidade e publicidade a lei mais forte que opera em todas as línguas vivas, a saber, sua capacidade de variar ao longo do tempo e ao sabor da criatividade dos falantes. Os usuários da língua na *web* transferem para a forma a liberdade de expressão de que gozam no conteúdo. Todavia, não se trata de um “laisser faire, laisser passer”, não é um vale tudo linguístico como advogam alguns. Trata-se de um uso mais flexível das formas languageiras de organizar a língua no discurso proferido pela web. Da mesma maneira que são conscientes e responsáveis no uso da liberdade de expressão no que concerne ao conteúdo de seus discursos, eles parecem repetir esse procedimento quando selecionam a forma da língua na elaboração de seus hipertextos.

A flexibilidade no uso da língua escrita na *web* também contribui tanto para o nascimento de novos gêneros textuais quanto para o surgimento e estabilização das comunidades virtuais que os produzem. Em outras palavras, a multiplicidade de gêneros inventados ou transmutados para a esfera digital a partir das possibilidades técnicas e retóricas oportunizadas pelas TIC contempla a variedade de uso da língua neste ambiente. Logo, há gêneros digitais para quase todos os gostos e necessidades comunicativas dos internautas membros ou não de comunidades virtuais.

Bazerman (2005), filiando seus estudos sobre gênero textual à linha da nova retórica fundamentada na pragmática e na filosofia analítica wittgensteniana em seu segundo momento teórico²⁰, trabalha muito bem o conceito de gênero textual. Esse conceito nos ajudará a entender o caráter convergente da língua entremeada às linguagens e embrenhada em gêneros digitais que flutuam nos ambientes de comunicação mediada por computador. É nesse emaranhado virtual que

²⁰ Todos os especialistas e biógrafos de Wittgenstein (GLOCK, 1997; FAUSTINO, 1995; Penco, 2006) dividem as contribuições teóricas deste filósofo em duas fases: a primeira fase quando publicou em 1921 o *Tractatus Logico-Philosophicus* e a segunda fase marcada pelas *Investigações Filosóficas* publicado postumamente em 1953.

operam as comunidades virtuais, cuja coesão é tributária das formas de utilização da língua.

Com relação à conceituação de gênero textual, Bazerman (p. 31) postula que:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gênero são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gênero emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (Grifo do autor).

Dessa citação do pesquisador americano, gostaríamos de destacar três fatores interessantes que nos saltam aos olhos, pelo seu caráter aparentemente paradoxal em torno da definição de gênero. Primeiramente, ele afirma que gêneros são “*fenômenos de reconhecimento psicossocial*”. Isto é, os gêneros podem ser identificados a partir dos aspectos psicológicos e sociais que simultaneamente os constituem. No componente psicológico do gênero, está a cognição e toda sua complexidade acionada quando da produção de um texto diante de uma necessidade de comunicação. Nessa ocasião, o locutor recorre à memória, à razão, à imaginação e, sobretudo, à língua para organizar o pensamento e externá-lo a um interlocutor. O processamento cognitivo do indivíduo é composto por operações cerebrais abstratas e difíceis de mensuração, ou seja, como medir:

- a) a clareza sobre o propósito comunicativo do locutor, o que de fato ele quer dizer e as mudanças que ocorrem no meio do caminho entre o pensar e o dizer;
- b) a certeza de que o formato textual escolhido veiculará melhor sua intenção;
- c) a aposta que o sujeito faz na seleção da ordem sintática dos termos que julga, naquele instante, os mais adequados semanticamente ao que intencionou dizer em face do que seu interlocutor é capaz de compreender no interior do contexto espaço-temporal em que ambos se encontram.

No que tange ao aspecto social do gênero, também grifado pelo autor, acreditamos que ele tem a ver com a vontade do locutor em se fazer compreender – jogando com o Princípio Cooperativo proposto por Grice (1982) – segundo o qual as pessoas se esforçam para entender umas às outras quando interagem publicamente. Para fazer-se compreensível, o locutor se decide por uma palavra ou por outra, usa uma estrutura sintática de um jeito ou de outro. Essa preocupação em fazer-se reconhecido, compreendido e conseqüentemente merecer uma resposta do interlocutor orienta o locutor na direção da escolha correta do gênero a ser lançado ocasionalmente na interação. Se gênero é um fenômeno em que deve haver *reconhecimento* é porque ele demanda uma ação cooperada em que o interlocutor também precisa ajudar para o sucesso de interação que se dá pela linguagem entranhada no gênero; ele tem que se esforçar para perceber qual o propósito comunicativo do locutor a partir das pistas linguísticas deixadas no interior do gênero.

O segundo fator importante da citação e à primeira vista paradoxal é dizer que “*Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam.*” Tal afirmação soa-nos problemática porque abre um grande flanco para interpretações ultraindividuais do que vem a ser gênero, pois dependeria da crença de cada um, que poderia dar margem a um relativismo

conceitual quanto a um artefato linguageiro ser ou não ser um gênero. Todavia, Bazerman vincula gênero a ato de fala. Reconhecer um seria admitir o outro, já que não há gênero sem propósito comunicativo, na perspectiva bakhtiniana, e todo propósito comunicativo é um ato de fala no sentido austiniano.

Portanto, como dissemos, há um aparente paradoxo logo desfeito quando recorremos à perscrutação do substrato teórico que governa as reflexões de Bazerman, ou seja, ele segue a linha pragmática da filosofia analítica de essência wittgensteiniana²¹. Isso se evidencia ao final da citação, em que o autor salienta a emergência dos gêneros a partir dos processos sociais nos quais as pessoas “tentam se compreender”, coordenam atividades, compartilham significados para fins “práticos”. Esse, portanto, é o terceiro fator que mereceu nossa atenção especial na citação aqui discretizada.

Em linhas gerais, é desse modo que funcionam as comunidades virtuais, cujos membros usam a língua e outras linguagens articuladas no interior dos diversos gêneros digitais só efetivados pelos dispositivos informáticos, teclados e telas de computadores e de outros aparelhos informatizados como telefones celulares etc. Os internautas “tentam se compreender”, “coordenam suas atividades e compartilham significados para fins práticos”.

Com essa perspectiva de gênero, é possível percebermos como os membros de uma comunidade virtual ou como os internautas em geral se reconhecem e se compreendem na rede. Eles parecem jogar sabiamente com a língua e com as linguagens efetuando gêneros digitais diversos, a fim de estabelecerem e consolidarem relações interpessoais identitárias a distância por meio de máquinas tecnologicamente avançadas que medeiam, agilizam e fazem convergir pessoas e instituições nesse sofisticado processo interacional.

²¹. Todos os especialistas e biógrafos de Wittgenstein (GLOCK, 1997; FAUSTINO, 1995; PENCO, 2006) dividem as contribuições teóricas desse filósofo em duas fases: a primeira fase quando publicou em 1921 o *Tractatus Logico-Philosophicus* e a segunda fase marcada pelas *Investigações Filosóficas*, obra publicada postumamente, em 1953.

CAPÍTULO 3

Língua, linguagens, retóricas



3. LÍNGUA, LINGUAGENS, RETÓRICAS

Este capítulo constitui o último eixo de reflexão deste ensaio analítico e concentrar-se-á na explicitação da emergência do que chamamos aqui de “retórica digital”. Postulamos sua constituição como um efeito imediato das variações no modo de manusear a língua plasmada a outras linguagens quando da busca do sujeito pela construção de sua identidade linguística e sociocultural nas situações de interação, no nosso caso, mediadas por computador *on-line*.

Retórica Clássica

A retórica opera todas as vezes que um locutor deseja influenciar seu interlocutor por meio de uma ou de várias linguagens simultaneamente. ‘Retórica’ é uma palavra grega (*rhetoriké*) que significa “a arte dos discursos”. Ela acentua a forma e não o conteúdo do discurso, isto é, os recursos linguístico-gramaticais e o jogo analítico-dialético próprio das diversas figuras de linguagem e de construção que compõem o estilo do discurso do orador. Em outras palavras, ela seria uma técnica de organização do discurso com o objetivo explícito de persuadir audiências.

Historicamente sabemos que a Retórica nasce na Grécia Antiga, quando do surgimento das cidades-estados e do sistema democrático de gerenciamento social. O respeito de um cidadão de Atenas era conquistado também por sua habilidade para proferir discursos eloquentes e persuasivos. Aliás, era condição *sine qua non* para ser eleito a uma das 600 vagas da Eclésia ateniense saber convencer bem (não impor) os ouvintes a aderir ideias e a aceitar teses pela excelência da argumentação. A esta não podem faltar estratégias que visem fazer-saber, fazer-

sentir e fazer-fazer, pois o discurso deveria apelar simultaneamente tanto à razão quanto à emoção do interlocutor.

Os sofistas são considerados os introdutores e praticantes da arte retórica no século V a.C. Eles viajavam em grupos itinerantes para exercer a docência em lugares públicos e assim atrair a atenção das pessoas para seus discursos. Depois de encantar o público com sua retórica, estes retores (oradores) cobravam pelos ensinamentos ministrados àqueles que desejassem continuar aprendendo sobre o *logos*, isto é, sobre as estratégias argumentativas e assim desenvolver essa virtude tão bem vivenciada pelos mestres sofistas.

Com relação aos gregos, os sofistas contestavam a ideia de superioridade da cultura helenística em relação às outras culturas da época e questionavam a sabedoria recebida dos deuses do Olimpo. Enfureciam os atenienses por difundirem uma moral relativista, ou seja, dependente das tradições culturais de cada cidade e da visão de mundo das pessoas. Achavam os sofistas que nem tudo que funcionava bem na Grécia, por exemplo, deveria ser imposto aos outros povos. Teria sido essa uma das razões para que os sofistas criassem a expressão “o homem é medida de todas as coisas” que virou o slogan deste sistema filosófico. Para eles, era importante submeter o raciocínio ao contraditório, ao contra-argumento, pois a verossimilhança seria, segundo eles, sempre passiva à contraposição. Por isso, sofistas famosos como Protágoras (481 – 420) e Górgias (483 – 375) foram combatidos com veemência por pensadores gregos da época.

Sócrates (469 – 399 a. C), pelos textos escritos por Platão (427 – 347 a. C), é um dos que se opõem à retórica sofista. Em *Górgias*, um dos escritos de Platão, há um diálogo imaginário entre Sócrates e três retóricos sofistas: Górgias, Pólo e Cálicles. No diálogo são discutidas as relações entre política, moral, razão, vontade e poder. Ao final, Sócrates afirma que as técnicas retóricas podem servir tanto para agradar enganando, isto é, levar a audiência à crença, quanto podem levá-la à ciência. Esta só poderia ser alcançada pela dialética e não pela ar-

gumentação com fins políticos. Por isso, a retórica sofista deveria ser combatida e expurgada de uma sociedade que prezasse pela moral e primasse pela verdade.

No *Fedro*, outra obra escrita em forma de diálogo por Platão, Sócrates retoma a discussão sobre a retórica e advoga sua necessária aproximação à dialética como única forma de comprometê-la com a verdade. Com isso, propõe que a retórica seja uma *técnica dialética*, livre da *doxa* (crença cega e ilusória) sofística e torne-se *episteme*, ou seja, um saber consciente e convincente para assim ser uma arte envolvida com a verdade.

Mas foi Aristóteles (384 – 322 a.C) quem escreveu *A Arte Retórica*²², obra formada pelos livros I, II, e III e que se transformou na principal referência sobre o assunto em todo o Ocidente. Em termos gerais, o livro I foi dedicado à explicitação do *Ethos* do orador, ou seja, tratou com detalhes da importância da construção de um caráter positivo do produtor do discurso retórico em face à sua audiência que contribui bastante para tornar convincente a mensagem; o livro II focalizou o *Pathos*, isto é, a necessidade de o orador despertar as emoções adormecidas na audiência para também assim persuadi-la a adotar uma ideia ou a realizar um fazer. Já no livro III, Aristóteles teria destacado o *Logos* em si, a estrutura do discurso, sua espinha dorsal bem esquematizada e plena de figuras de linguagem e de construção.

Com relação à eficiência da retórica, Aristóteles acredita que ela dependeria da concatenação fluente entre esses três elementos (*Ethos*, *Pathos* e *Logos*) constitutivos do discurso oral público. Por sua vez, este deveria ser elaborado em quatro partes distintas, mas interligadas e fluidas entre si. São elas:

a) **Exórdio** – momento inicial em que o orador introduz o discurso e chama a atenção da audiência para manter-se atenta ao que será exposto a partir de então. O anúncio do tema por meio de um título

²² Uma versão *on-line* dos Livros I, II e III, traduzida do grego para o inglês, pode ser encontrada em < <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en|pt&u=http://www2.iastate.edu/~honeyl/Rhetoric/> > Acesso em: 15/04/2010.

sugestivo, metafórico ou engraçado, uma frase de efeito, uma constatação podem ser boas estratégias de engate e assim atrair a curiosidade e o interesse.

b) **Narração** – também traduzida por exposição, é nesta parte em que o orador desenvolve sua tese, apresentando os argumentos que a sustentam sequenciadamente e os ilustra com exemplos e casos do cotidiano da audiência;

c) **Provas** – mesmo com apelo à emoção da audiência, próprio do jogo argumentativo da retórica verdadeiro ou do verossímil, elas são necessárias, pois as provas mostradas produzirão o efeito de irrefutabilidade da tese do orador, levando, conseqüentemente, a audiência à adesão dos argumentos do orador pelo convencimento;

d) **Peroração** – corresponde à parte final do discurso que deve recapitular os argumentos principais e despertar as paixões na audiência. Por ela, o orador acentua ou atenua as conseqüências da tese defendida no discurso, fazendo-a reverberar na consciência do ouvinte.

Para Aristóteles, todas essas partes do discurso são obrigatórias e fundamentais ao sucesso da retórica. No entanto, elas poderão ser adaptadas a cada auditório, pois mudando o contexto filosófico em que se encontra uma determinada doutrina a ser propalada esteja envolta, deve de igual modo afinar o discurso e suas partes. A função da retórica é analisar tecnicamente as questões e construir uma defesa sem atentar contra a inteligência e a lógica dos fatos. Ela, por ser um instrumento de raciocínio, não teria compromisso com uma ética específica, mas, em seu exercício, deve o orador levar em conta fatores de ordem social, já que a retórica não deveria, a rigor, ser utilizada para engabelar a audiência, mas sim para torná-la esclarecida, preparada para o exercício da cidadania na *polis* grega.

Na perspectiva aristotélica, a dialética seria a outra face da retórica, pois ambas estariam ligadas à *episteme* (conhecimento), embora não fossem propriamente ciências particulares. Aristóteles percebe, permeada pelos diversos setores sociais, a prática de basicamente três tipos

de discursos retóricos característicos: *deliberativo* (próprio dos debates políticos), *jurídico* (presente nos fóruns judiciais e por meio dos quais o orador busca atacar ou defender alguém ou uma causa) e *epidítico* (utilizado em ritos e cerimônias protocolares). Cada um desses tipos de discurso se utilizaria dos recursos retóricos de um modo específico, mas com um propósito comum que seria persuadir o outro. Para tal o orador lançaria mão de semelhantes estratégias argumentativas e formas de raciocínios como o silogismo e o entimema, por exemplo.

É interessante lembrar que Aristóteles incluiu a retórica entre as três palavras-chave da Filosofia, ao lado da lógica e da dialética. Na sua obra de três tomos, ele justapõe a arte poética à arte retórica, esta definida pelo filósofo como a arte do discurso, enquanto aquela, conceituada como a arte da evocação imaginária. De acordo com o filósofo de Estagira, é fundamental que a força retórica do discurso do orador tanto revele verdades reais ou verossímeis (aparentes) quanto impressione emocionalmente a audiência. Aristóteles esforçou-se para esclarecer que, no exercício da arte retórica, persuadir não é o mesmo que enganar, mas seria o resultado de um trabalho organizado, cuidadoso e delicado do orador com seu discurso a fim de fazer sua tese parecer verdadeira a sua audiência. Os recursos expressivos da linguagem se encarregariam não só de envernizar, enfeitar o texto, mas principalmente de torná-lo agradável e convincente.

A retórica²³, em sua concepção clássica, também fez parte do *Trivium* (palavra latina que significa três vias) juntamente com a gramática e a lógica. Ela era uma das sete artes liberais estudadas com profundidade nas universidades da Idade Média. O *Quadrivium* era composto pela aritmética, geometria, música e astronomia. Somada às outras seis ciências, a retórica se tornaria uma estratégia comunicativa importan-

²³ Durante o Império Romano, a Retórica foi traduzida como Oratória. Ela designava a combinação da técnica de comunicação, fundamental à governabilidade e à manutenção daquele Império com persuasão e eloquência. A retórica grega surgiu para atender a uma atmosfera democrática, por isso os ataques de Platão aos sofistas, os quais estariam desvirtuando essa arte. A oratória, no entanto, atendeu a razões imperialistas e totalitárias de Roma.

tíssima para influenciar pessoas a pensar, sentir e fazer coisas relevantes para a prática da democracia entre cidadãos livres.

Nova Retórica

No ano de 1958, Chaïm Perelman, polonês radicado na Bélgica, publica com sua colaboradora Lucie Olbrechts-Tyteca o *Traité de l'Argumentation. La Nouvelle Rhétorique*. Esta obra marca, no mundo intelectual do Ocidente, as reflexões acadêmicas sobre retórica e argumentação depois de *A Arte Retórica* de Aristóteles. Como o próprio subtítulo indica, estes filósofos do direito resgataram a perspectiva retórica do pensador grego e puseram os estudos dessa arte novamente em destaque. Além desses dois objetivos, os autores admitem um terceiro que aparece já na primeira página do livro. O desejo deles com esta publicação era romper com a razão cartesiana que vigorou quase absolutamente durante três séculos. Nas palavras dos autores:

A publicação de um tratado consagrado à argumentação e sua vinculação a uma velha tradição, a da retórica e da dialética gregas, constituem uma ruptura com uma concepção da razão e do raciocínio, oriunda de Descartes, que marcou com seu cunho a filosofia ocidental dos três últimos séculos. [...] A própria natureza da deliberação e da argumentação se opõe à necessidade e à evidência, pois não se delibera quando a solução é necessária e não se argumenta contra a evidência. O campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa à certeza do cálculo. Ora, a concepção claramente expressa por Descartes, na primeira parte do *Discurso do método*, era a de considerar “quase como falso tudo quanto era apenas verossímil”. (1996, p. 1)

Fica claro desde o início contra o que todo o *Tratado* foi erguido, pois, ao colocarem a argumentação, suas funções e características, seus modos e usos na vida cotidiana, na publicidade e, sobretudo, na prática jurídica, como o objeto principal da obra de quase setecentas páginas, os autores trataram logo de se contrapor ao fundamento epistemológico racionalista. Esse fundamento filosófico altamente prestigiado e corroborado pela lógica e pela matemática, método de investigação defendido por filósofos da linguagem, particularmente Frege, Russel e Wittgenstein, seria a chave para a explicação de todos os fenômenos concernentes ao campo das ciências matemáticas e naturais. Eles concordavam com o fato de que toda adesão se torna mais fácil quando se podem recorrer às provas e aos cálculos fornecidos por tais ciências. Porém, “quando tais provas são discutidas por uma das partes, quando não há acordo sobre seu alcance ou sua interpretação, sobre seu valor e sobre sua relação com os problemas debatidos deve-se recorrer à argumentação.” (op. cit. p. 8)

Outro ponto considerado essencial pelos autores do *Tratado* é a existência de problemas essenciais e questões morais, sociais, políticas, religiosas, filosóficas que escapam à explicação da lógica-matemática. Neste caso, o que deveríamos fazer, perguntam eles, entregar-nos às forças irracionais, aos nossos instintos e à violência pelo fato de não encontrar uma resposta razoável? Deveríamos desprezar todas as técnicas de raciocínio próprias da argumentação? Eles discordam de que, na ausência de uma resposta razoável da lógica-matemática, devamos ignorar a existência de tais situações. Propõem, então, que busquemos uma saída negociada, corramos atrás de um acordo entre as mentes inteligentes por meio da utilização de argumentos variados.

Sem dúvida foi exatamente para isso que os autores reconstruíram a teoria clássica da retórica com outra ênfase. Nas palavras do prefaciador à edição brasileira, Fábio Ulhoa Coelho (p. XV): “Perelman elegu como projeto teórico a pesquisa de uma *lógica dos julgamentos de valor*”. No *Tratado*, eles enfatizam mais a argumentatividade dialética

e menos o formato eloquente que um discurso possa apresentar para impressionar a audiência. Destacam o aspecto verossímil próprio do raciocínio dialético e valorizam menos as proposições necessárias que têm a ver com a demonstração analítica, ambos os raciocínios descritos por Aristóteles n' *Arte Retórica*.

Considerando que a teoria da argumentação objetiva conseguir como resultado final uma ação eficaz e, por isso, o orador capricharia na formulação do discurso, os autores da *Nova Retórica* explicaram que seu *Tratado* só versaria sobre recursos discursivos para se obter a adesão dos espíritos: “apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer será examinada...” (op. cit. p. 8).

Há, ao longo de toda a obra, um perceptível esforço dos filósofos do Direito para reavivar a importância dessa arte que teria sido descurada por muito tempo, retomada durante o Renascimento, mas logo obscurecida pelo cartesianismo. Nessa escala, a tendência da retórica seria seu desaparecimento *pari passu* ao fortalecimento do racionalismo, já que a filosofia racionalista ganhou o reforço da lógica e da matemática, como já dissemos. Inspirando-se nos lógicos, ao imitarem seus métodos que, reconhecem terem trazido bons resultados, os autores sugerem que os cientistas cartesianos deveriam aceitar a teoria da argumentação como dispositivo de complementação às suas investigações.

O que de novo há na *Nova Retórica*? Em que o *Tratado* de Perelman & Olbrechts-Tyteca distingue-se da *Arte Retórica* de Aristóteles? O interesse pelo estudo da mesma arte que constitui o principal ponto de convergência entre essas obras, já que em muitos aspectos ambas se assemelham. Para exemplificar, os autores do *Tratado* assumem dois elementos fulcrais sobre a retórica, que são a ideia de que um discurso se dirige sempre a uma audiência específica e o fato de que essa audiência precisa aderir às teses expostas, que é o objetivo de todo o aparato estratégico organizado pelo orador em sua preleção. Reafirmam:

... essa ideia de adesão e de espíritos aos quais se dirige um discurso é essencial em todas as teorias antigas da retórica. Nossa aproximação desta última visa a enfatizar o fato de que é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve. Ter uma audiência e fazê-la acatar uma certa visão de mundo. (op. cit. 6)

Ressaltam que o *Tratado* abarca um conjunto de aspectos mais abrangentes em relação aos tangenciados pela retórica antiga, mas admitem que, por outro lado, não lhes interessou abordar determinados aspectos internos à execução oral do discurso que interessaram a outros mestres no tema.

No que toca à dissonância entre a Nova e a Antiga Retórica, uma primeira evidência de conflito de interesse entre elas estaria no fato de que esta toma como objeto de estudo a “arte de falar em público de modo persuasivo”, que se referia especificamente:

“... ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava. Vê-se, assim, que a meta da arte oratória – a adesão dos espíritos apresentada – é igual à de qualquer argumentação...”.

O foco da Nova retórica é a análise da estrutura da argumentação em textos escritos e não os discursos orais grandiloquentes. A justificativa que apresentam para optarem pela modalidade escrita é a importância que ela adquiriu na sociedade moderna. A ênfase nos textos escritos dos mais variados gêneros e tamanhos, defendem os autores, produzirá resultados bem mais abrangentes quando comparados aos produzidos pela retórica antiga limitada aos discursos oralizados, perecíveis, realizados por poucos instantes sem impactos mais duradouros na história social de uma comunidade.

Outro aspecto valorizado pela Nova Retórica é sua grande preocupação em se aproximar dos lógicos. Isso significa dizer que havia uma intenção dos autores por compreender os mecanismos do pensamento. Essa preocupação não existia entre os mestres retóricos do passado. Antes, eles se preocupavam primordialmente em formar discípulos que praticassem bem a arte retórica que lhes era ensinada.

Os novos retóricos se distinguem pela focalização da discussão em apenas um interlocutor, em lugar de visar uma grande quantidade deles tal como na retórica dos antigos. Essa mudança de foco e endereçamento do discurso depende de uma teoria geral da argumentação que é exatamente o escopo do estudo da nova proposta retórica. Ao elaborar seu discurso escrito, o orador é condicionado consciente ou inconscientemente pelo leitor a quem se dirige. Isso implica a organização sequencial e tática dos argumentos a serem apresentados, para que eles bem atuem, a fim de que surtam o efeito esperado.

Enfim, os teóricos da Nova Retórica tiveram como propósito, ao publicarem o *Tratado*, desvelar as estruturas e os esquemas argumentativos manuseados pelos produtores de textos, sem o recurso a provas ou a experimentos materiais inerentes à lógica-matemática que, no caso, dispensaria qualquer jogo de argumento. Confessam que descreem na eficácia dos métodos de laboratórios para determinar o valor das argumentações presentes nas Ciências Humanas como a Linguística, a Literatura, a Educação, a História, a Política, a Sociologia, a Antropologia etc. Por isso, investiram no estudo dos processos sutis do raciocínio persuasivo humano.

Na conclusão da obra, os autores discorrem sobre a natureza social da linguagem e suas funções como “instrumento de comunicação e ação sobre outrem.” Destacam ainda a necessidade de estarem inseridas em um contexto como condição de funcionamento semântico, quando declararam:

“Os termos utilizados, seu sentido, sua definição, só são compreendidos no contexto fornecido pelos hábitos, pelos modos de pensar, pelos métodos, pelas circunstâncias exteriores e pelas tradições conhecidas dos usuários. [...] A adesão a certos usos linguísticos é normalmente a expressão de tomadas de posição, explícitas ou implícitas, que não são nem o reflexo de uma realidade objetiva nem a manifestação de uma arbitrariedade individual. A linguagem faz parte das tradições de uma comunidade e, como elas, só se modifica de um modo revolucionário em caso de inadaptação radical a uma nova situação: senão sua transformação é lenta e sensível” (op. cit p. 580).

A concepção de linguagem dos autores do *Tratado* parece-nos bem coerente com seu projeto teórico de postular a argumentação dialética como ferramenta capaz de estabelecer princípios para se chegar a acordos entre os homens quando a prova ou o cálculo não cabem à situação. Declaram que aderir a determinados usos linguísticos representa uma decisão tomada conscientemente pelo sujeito que dessa forma manifesta sua intenção de ser identificado como membro de uma comunidade. Conceber a linguagem como parte das tradições de uma comunidade é advogar a íntima relação que aquela mantém com esta cuja modificação em uma provoca indiscutivelmente modificações na outra.

Ainda que Perelman & Olbrechst-Tyteca tenham visado legar uma reflexão filojurídica, suas concepções e conclusões alcançam outras áreas das ciências humanas como a linguística, a literatura, a educação, a história, a política, a sociologia, a antropologia etc., como também alcançam os cientificistas naturais e matemáticos. Com muita ousadia intelectual, eles propõem que os “lógicos devem completar a teoria da demonstração assim obtida com uma teoria da argumentação”. (op. cit. 11)

Partindo do enquadre tão detalhado acerca da relevância da argumentação apresentado pelos autores da Nova Retórica, espalhada por

suas centenas de páginas, podemos inferir que não existe discurso sem retórica. Todo discurso tem uma lógica argumentativa que o conduz e que pode funcionar para convencer. Há discursos que seriam mais esvaziados de estratégias retóricas explícitas. Por essas estratégias que-remos significar: a presença das premissas e conclusões, palavras (des) qualificadoras (adjetivações, expressões nominais categorizadoras, sinônimos, modalizações), figuras variadas (de linguagem, de construção, de retórica), formas verbais, argumentos diversos (quase-lógicos, baseados no real, interação e convergência entre argumentos).

Para exemplificar, tomemos o discurso científico. Por perseguir a clareza, a objetividade e a precisão, os cientistas seriam menos inclinados a declinar estratégias retóricas em seus textos. Entretanto, sabemos que todo trabalho científico tem uma tese a ser provada, por isso mesmo precisam argumentar com teorias que a corroborem e análises de dados que a consubstanciem. Na outra extremidade estão os discursos literário, jurídico e publicitário. Se não fossem “obcecados” pelo desejo de persuadir a audiência agradando-a, sê-lo-iam pela estética, pois muitos destes discursos são verdadeiras obras de arte. É bem verdade que cada um dos diferentes domínios de atuação profissional utiliza peculiarmente essa poderosa ferramenta. Logo, podemos pensar na existência de retóricas, no plural mesmo, pois elas parecem funcionar de acordo com seus diferentes campos de militância e conforme as exigências e especificidades de sua audiência.

Salvo prova em contrário, a retórica é uma arte aplicável a todas as situações em que haja interação entre sujeitos mediada por alguma linguagem. Consciente ou não, aberta ou veladamente, prevista ou inesperadamente, os sujeitos, quando se encontram e se comunicam, contagiam-se, em alguma medida, uns aos outros. Assim, podemos concluir que a retórica constitui o uso da língua(em) em quaisquer gêneros textuais ancorados em quaisquer suportes de comunicação, inclusive nos gêneros digitais que emergem da nova mídia.

Retórica Digital

Se se pretende, como é o caso deste ensaio, postular a emergência de uma retórica de natureza digital que tem lugar em suportes multimidiáticos de alta tecnologia, há que necessariamente se trazer à discussão o conceito de comunidade retórica em ambiente virtual.

Sujeito, identidade(s) e comunidade virtual foram noções que discutimos no capítulo anterior. Neste, abordamos a noção de retórica em suas acepções clássica e renovada. Entretanto, faltava-nos uma concepção de comunidade retórica que bem se encaixasse aos nossos propósitos analíticos. A definição de Miller (2009) para este conceito vem ao encontro do que pretendemos aqui, principalmente por termos como hipótese básica a ideia de que a retórica digital é um efeito da intensa variação no uso pelos sujeitos da língua combinada a linguagens em comunicação mediada por computador. Esta normalmente acontece entre sujeitos que, se não participam efetivamente de uma CV organizada, pelo menos compartilha com outros algumas identidades socioculturais, o que justificaria a frequente troca de mensagens virtuais a distância entre eles.

Inspirada na noção de ‘reprodução’ pertencente à teoria da estruturação elaborado por Giddens (1984, p. 51-52), Miller interpreta este conceito como sendo equivalente ao que os retóricos clássicos denominavam de ‘recorrência’. Por essa via interpretativa, a autora afirma que:

A recorrência (termo da retórica) é inferida pela nossa compreensão de situações como sendo, de algum modo, ‘comparáveis’, ‘similares’ ou ‘análogas’ a outras situações”. [...] O que a noção de reprodução acrescenta é a ação dos participantes; atores sociais criam recorrência em suas ações ao reproduzir os aspectos estruturais das instituições, ao usar estruturas disponíveis como meio para sua ação e, desse modo, produzir essas estruturas de novo como resultados virtuais, disponíveis para futura memória, interpretação e uso. (Grifos da autora)

Seja conceituado como ‘reprodução’ ou ‘recorrência’, importa-nos perceber que as ações linguísticas dos envolvidos em uma comunidade se repetem e, por meio desta repetição de atos (de fala), é possível haver reconhecimento e identificação que se intensificam ao ponto de se transformar em aceitação, interinfluência e adesão ao discurso do outro. Esses movimentos vão constituir a memória da comunidade tão importante como informações de base às quais os sujeitos recorrem ou as reproduzem.

Outro ponto que Miller considera fundamental é a relação de mútuo apoio estrutural e interacional que há entre a ação contida na comunicação individual e o sistema social em que o agente, sujeito membro de uma comunidade, está inserido. A autora observa que os sujeitos em geral precisam reproduzir noções que foram padronizadas por outros sujeitos individuais ou institucionais. A sociedade ou a cultura se responsabiliza por oferecer as estruturas com as quais os sujeitos consigam fazer isso. Ela acredita que, na vida dos grupos humanos, é necessário que seus membros ajustem constantemente suas linhas de ação às linhas dos outros, pois, “ao agir conjuntamente, temos sensações, concepções, imagens, ideias e atitudes comuns”, supõe a pesquisadora, reverberando as palavras de Blumer (1979, *apud op. cit.* 53). Em uma palavra, a reciprocidade garantiria a coesão do grupo.

Voltando à questão da comunidade retórica, que muito nos interessa neste momento, Miller pergunta o que a caracterizaria. Em resposta à própria questão, ela afirma que não seria o comportamento linguístico comum usado entre seus membros o único traço de distinção, mas suas ações, o que fazem, com e pela linguagem, quando discursam e dialogam e como se dá sua estrutura relacional. Segundo a autora, comunidade retórica é uma entidade virtual²⁴, uma espécie

²⁴. É bem verdade que Miller não se referia particularmente à existência de comunidades virtuais na Internet, mas às comunidades entre pessoas de um modo geral, ratificando que toda comunidade possui um forte componente da retórica que lhe dá sustentação. Contudo, acreditamos que muito do que ela disse a esse respeito ainda se aplica aos dias atuais, bem como é observável nas comunidades virtuais da *web* tal como as conceituamos aqui.

de projeção discursiva, um construto retórico. Amplia esta definição dizendo que:

É a comunidade tal que é invocada, representada, presumida ou desenvolvida no discurso retórico. É constituída por atribuições de ações retóricas articuladas características, gêneros de interação, modos de realização, que inclui o de reproduzir a si mesma. [...] as comunidades retóricas “existem” nas memórias humanas e nas suas instanciações específicas em palavras: não são inventadas do zero, mas persistem como aspectos estruturadores de todas as formas de ação socioretórica. (p. 55)

Embora empregue o termo ‘virtual’, Miller não estava se referindo especificamente às comunidades virtuais tais como as definimos anteriormente. Todavia, o que nos parece válido reter desta citação é a noção abstrata que todos nós teríamos de comunidade, ainda que não consigamos explicá-la. Nossa projeção discursiva decide exatamente qual será o gênero de interação mais adequado àquele grupo de pessoas. Temos a clareza de sua existência em nosso pensamento. É exatamente isso que acontece aos membros das comunidades virtuais da web; eles sabem o que querem e como dizer o que precisa ser dito para se mostrarem pertencentes, pertinentes e influentes retoricamente sobre os demais membros.

O *modus operandi* das comunidades retóricas, continua a autora, acontece parcialmente através dos gêneros, que são os lugares operacionais da ação social articulada, reproduzíveis pelos sujeitos a elas vinculados. Mas, elas também operam “de um modo mais geral, como um lugar em que forças centrífugas e centrípetas precisam encontrar-se (para usar os termos bakhtinianos)” (p. 56). Com essas palavras, a pesquisadora salienta o caráter paradoxal do funcionamento das comunidades que vivem oscilando entre o micro e o macro, o singular e o

recorrente como forma de atender as individualidades dos sujeitos que nelas se esforçam para fazer parte da homogeneidade constitutiva destas entidades coletivas. A retórica em sua essência requer ambos, acordo e desacordo, compreensões partilhadas e novidades, contestações, identificação e divisão. Só assim os discursos retóricos conseguem se instaurar e influenciar os sujeitos que se alternam nos papéis de oradores e ouvintes, todos integrantes de uma mesma comunidade retórica.

Ainda sobre as características paradoxais das comunidades retóricas, Miller admite que elas são heterogêneas e contenciosas, e não confortáveis, homogêneas e unificadas. Ressalta que as forças centrífugas da diferença são importantes porque o poder advém parcialmente da multiplicidade das comunidades. A essa discussão, acrescentaríamos afirmar que a potência da catalização das comunidades deriva das várias identidades dos sujeitos que as compõem e agem centripetamente. Antes de funcionarem dispersando, essas múltiplas identidades constitutivas dos sujeitos contemporâneos são suas maiores forças de coalizão.

Trazendo essas reflexões e, especialmente, as características das comunidades retóricas apontadas pela pesquisadora americana para o nosso trabalho, diríamos que esses mesmos elementos permeiam as comunidades virtuais da Internet. Há membros cujas intervenções não são vistas circular por longos períodos entre os debates da comunidade, mas eles permanecem lendo as mensagens, acompanhando atentamente as intervenções dos outros, reagindo-lhes veladamente. Por vezes, não interferem efetivamente para evitar o conflito direto que pode gerar a entropia da CV.

Sobre a possibilidade de entropia, mas sem utilizar essa terminologia, Miller acredita que algumas forças centrípetas são retoricamente disponibilizadas para impedir que uma comunidade virtual se desfaça (ou se dissipe). A primeira delas seria o *gênero*. Este teria o poder de estruturar ações partilhadas através do decoro comunitário. A segunda força disponibilizada para conter o esfacelamento de uma comunidade seria a *metáfora* ou as figuras de linguagem de uma forma geral. Sua

dimensão ofereceria aos sujeitos modos ricos de, a partir da diferença, criar similaridade e extrair identificação até mesmo da divisão. A terceira e última força centrípeta que promove a coesão da comunidade seria a *narração*. Esta teria a capacidade de construir e unificar semanticamente comunidades retóricas por evocar a sensação de pertencimento pelo compartilhamento do passado como base para estimular mais ações e em razão da responsabilidade que os sujeitos teriam com a inteligibilidade de tais ações diante de si e dos outros. De acordo com a autora, nós, sujeitos pertencentes a comunidades, precisamos poder contar para nós mesmos e para os outros histórias sobre o passado e como nos localizamos nele.

Esses seriam, portanto, os três poderosos recursos oferecidos pela retórica para estruturação e manutenção da ordem social, da continuidade e da significação, de acordo com a autora. As metáforas e figuras realizariam conexões elucidativas impensáveis sem seu auxílio. A narrativa, por seu turno, garantiria inteligibilidade aos acontecimentos ocorridos. “O gênero é o único dos três recursos que tem, especificamente, poder pragmático para realizar uma ação social”, acredita a pesquisadora. Ele é um meio convencionalizado e intrincado de concatenar recursos retóricos como a narração e a metáfora. A dimensão pragmática do gênero ajuda tanto as pessoas reais a desempenhar seu trabalho e a realizarem seus propósitos como também auxilia as comunidades virtuais a “reproduzir e a reconstruir a si mesmas para continuarem suas histórias”, finaliza Miller (2009, p. 58)

Os conceitos de *gênero*, *metáfora* e *narrativa* são realmente relevantes na gênese das comunidades retóricas e parecem-nos bem aplicáveis às comunidades virtuais *on-line*, assim como às demais interações entre sujeitos que se conhecem presencial ou virtualmente, ligados ou não a algum grupo específico de interesse na web. Também nos são valiosos alguns instrumentos teóricos para observação do comportamento linguístico dos internautas visto neste capítulo tais como as noções de *reprodução*, *estratégias retóricas*, *ethos*, *pa-*

thos, logos, auditório, premissas e conclusões, palavras (des)qualificadoras – adjetivações, expressões nominais, sinônimos, modalizações –, argumentos diversos. Todos esses elementos presentes à língua aparecem sobrepostos a outros elementos semióticos de outras linguagens para compor o que chamamos de retórica digital.

Mourão (2005) nos adverte para o fato de a retórica antiga não poder deixar de pensar as mutações que a emergente retórica eletrônica introduz. Sendo assim, em uma tentativa de mapear estes recursos retóricos presentes nas comunicações mediadas por computador e constatar a viabilidade da hipótese que subjaz a este ensaio, vamos apontar e comentar a ocorrência desses elementos semióticos superpostos às mensagens produzidas nos diversos gêneros digitais durante algumas interações de internautas participantes ou não de comunidades virtuais. Nossas observações analíticas não se pretendem enciclopédicas, ou seja, não identificaremos todos os fenômenos languageiros citados anteriormente nos exemplos analisados. Lançaremos mão apenas de alguns deles, quando aparecerem imiscuídos no interior das intervenções digitais e nos parecerem relevantes para a retórica desenvolvida na web.

Para uma melhor organização visual, pontuaremos as modificações que aparecem espalhadas pelos níveis de análise linguística (fono-morfo-sintático-semântico-pragmática), a fim de evidenciar que as variações na língua interposta a outras linguagens atravessam as diferentes ‘camadas’ de sua realização. Antes, porém, a título de contextualização, procederemos a explicitações sistematizadas sobre os gêneros digitais, sua definição e características, origem autoral, gradiente de interação e propósitos comunicativos próprios a cada um deles. Posteriormente, realizaremos análises em trechos de mensagens digitalizadas propriamente ditas.

Gênero Digital	Definição	Autoria	Grau de interação	Propósitos comunicativos
Blog 	Trata-se de um site de um indivíduo ou instituição, contendo informações pessoais ou profissionais sobre as atividades do sujeito ou da instituição. Sua atualização é periódica a fim de contemplar um público consumidor exigente.	Via de regra, o blog é produzido por um só sujeito. Por ele expressa seu ponto de vista e recebe a opinião de seus leitores com os quais mantém um canal aberto de diálogo.	Há um alto grau de interação entre o produtor do blog e seus leitores. Assincronamente o blogueiro se alimenta dos comentários de seus leitores, uma das principais razões da existência do diário de bordo digital.	Compartilhar informações; Expor pontos de vista sobre temas de interesse do blogueiro e de seus leitores; Informar, Divulgar e Sugerir eventos e ideias;
Gênero Digital	Definição	Autoria	Grau de interação	Propósitos comunicativos
E-Fórum 	Espaço aberto normalmente por portais de Internet (provedores e grandes instituições) para aferir a opinião do público sobre assuntos diversos. Oportuniza acesso às opiniões já postadas e oferece espaços para postagem da opinião do internauta que entrar na discussão assíncrona.	Geralmente coletiva. Se a enquête ocorrer em um blog pessoal, o dono do blog desencadeia a discussão ao elaborar e dispor a pergunta no site aberto à participação dos visitantes.	Alto grau de interação, já que as opiniões postadas podem ser acessadas por quem visita e pode, a partir de tais opiniões, corroborá-las ou contra-argumentá-las.	Debater democraticamente questões tomadas como importantes para o portal ou blog criador do fórum.
Gênero Digital	Definição	Autoria	Grau de interação	Propósitos comunicativos
Mensagens Instantâneas  	Trocas de mensagens síncronas por meio de um programa específico criado para permitir a conversa por escrito mediada pelo computador. Além de palavras, o programa permite que sejam usados figuras, ícones e vídeos para compor o (hiper)texto construído pelos usuários.	Inicialmente criado para fazer duas pessoas conversarem, o programa hoje permite também a participação de várias outras simultaneamente efetuando uma espécie de conferência a distância. Por isso, podemos dizer que a autoria é individual tal como ocorre em conversações face a face em que cada um é responsável pelo que diz.	Alto grau de interação entre participantes que se sentem como em uma conversa espontânea. Há, inclusive, possibilidade de visualizar a foto ou a imagem do interlocutor no mesmo instante em que a conversa esteja acontecendo por meio de <i>webcam</i> .	Conversar espontaneamente com um amigo; Realizar uma reunião de trabalho. Muitos estudantes têm utilizado esse programa para produzir trabalhos escolares em grupo, em razão da sua funcionalidade comunicacional para interações síncronas.

Gênero Digital	Definição	Autoria	Grau de interação	Propósitos comunicativos
Chat (Bate-papo) 	Programa que permite que duas ou mais pessoas conversem sobre temas diversos. Trata-se de um espaço criado em sites de portais que condicionam intervenções escritas híbridas visualizáveis sincronamente.	Coletiva por haver a participação de dois ou mais usuários. Eles participam de uma conversa já iniciada ou em andamento na qual todos podem se dirigir a todos ou se dirigir a apenas um (em geral entrevistado) ou até mesmo dialogarem reservadamente em outra “sala” virtual.	Alto grau de interação tanto nas conversas mais abertas em que todos falam com todos, como em conversas do tipo reservadas. Quando há uma entrevista pelo chat, o grau de interação diminui, pois o entrevistado responde a pergunta a quem a elaborou, embora todos estejam acompanhando a interação em andamento.	Conversar espontaneamente (lazer); Conhecer novas pessoas (diversão); Flertar com alguém (namorar virtualmente); Entrevistar ou conceder entrevista para informar ou esclarecer questões;
Gênero Digital	Definição	Autoria	Grau de interação	Propósitos comunicativos
Sites de relacionamento 	Instrumento que permite abertura de um site no qual o usuário disponibiliza seu perfil pessoal e/ou profissional.	Individual, o usuário é seu criador e proprietário responsável pela atualização e resposta a contatos dos amigos virtuais adicionados à lista. Recebe recados e comentários dos amigos sobre as novas conquistas e realizações postadas no site.	Alto grau de interação, embora aconteça assincronicamente.	Relatar experiências pessoais; Estabelecer novos relacionamentos; Fazer amigos virtuais; Trocar informações sobre temas afins; Divulgar trabalhos artísticos etc..
Gênero Digital	Definição	Autoria	Grau de interação	Propósitos comunicativos
Microblog 	É uma ferramenta que integra uma rede de pessoas a qual estão vinculadas informações e novidades sobre o dono do microblog. Permite enviar mensagens de texto com até 140 caracteres a pessoas cadastradas para aparelhos celulares, programas de mensagens instantâneas e e-mails.	Individual, pois a mensagem é enviada de um para muitos, ou seja, do dono do microblog para os seus seguidores. Entretanto, quando se reenvia a mesma mensagem, a produção deste microblog passa a ser coautoral.	Média interatividade, já que parte de um sujeito para vários, isto é, de um produtor para seu grupo de seguidores. Estes não precisam retornar a mensagem, mas ao repassá-la provoca um aumento da interatividade entre todos.	Informar aos interessados fatos e acontecimentos pessoais ou profissionais; Manter uma rede social para trocar notícias sobre temas afins.

Gênero Digital	Definição	Autoria	Grau de interação	Propósitos comunicativos
(Sistema de Mensagem Curta) Torpedo	Trata-se do envio e recepção de mensagens de texto escritas em teclado alfanumérico de telefone celular. A maioria dos aparelhos permite que, aos textos, sejam anexados figuras, fotos, sons e vídeos gravados e armazenados no próprio celular.	A exemplo do microblog, a autoria é individual, pois parte de um usuário que pode selecionar apenas um sujeito para receber ou todos os presentes a sua agenda. Estes se tornam coautores quando reenviam a outros a mesma mensagem.	Média interatividade, uma vez que toda uma conversa pode ser realizada por SMS, embora exija um bom tempo dos usuários no processo de produção de texto.	Enviar recados, lembretes, felicitações e outras mensagens que exijam precisão e permanência de dados, já que a informação ficará armazenada na memória do aparelho até que seja apagada.

Observações analíticas 1

Para começar, vamos observar alguns detalhes sobre o funcionamento da língua em uma mensagem produzida no gênero digital SMS que aparece no *display* do telefone celular na imagem abaixo. Nele há abreviações de palavras, supressões de sílabas, transgressões propositais à norma ortográfica e substituições intencionais de determinadas letras por outras. Eles marcam o início de um processo de reconfiguração do sistema de notação escrita da língua que a Geração Y tem introduzido quando produz alguns dos gêneros digitais. Conquistam-se com isso mais velocidade na produção do texto e proximidade com a espontaneidade da fala sem que haja perdas do sentido a ser comunicado. Pelo contrário, o sentido pode ser coproduzido, enriquecido e complementado por outros recursos semióticos como os das linguagens visuais e sonoras, por exemplo.



Quadro 4: Imagem de SMS no celular . Fonte: BBC Brasil

Trata-se de um texto curto contendo 81 caracteres, portanto, abaixo da quantidade máxima de 160²⁵ caracteres que o aparelho é capaz de suportar. Esta é uma das formas mais práticas e objetivas de usar o código linguístico e suas notações escritas sem comprometer a compreensão do texto. Empregando com boa vontade e sem preconceitos o princípio cooperativo proposto por Grice, qualquer leitor medianamente alfabetizado consegue decifrar a mensagem no *display* e inferir a maior parte dos atos de fala nele presentes, apesar das peculiaridades no modo de grafar certos vocábulos neste gênero. A palavra ‘tudo’, por exemplo, teve suas vogais subtraídas restando apenas /t/ e /d/ – ‘td’. Neste caso, há uma economia notável e um ganho de tempo na produção do enunciado. Todavia, a mesma justificativa não serve para o caso da modificação da palavra ‘como’ que foi escrita com ‘k’ e não com ‘c’.

²⁵ O engenheiro de comunicação alemão, Friedham Hillebrand, estabeleceu, em 1985, que a quantidade de 160 caracteres era suficiente para elaborar um SMS. Depois de realizar vários testes usando máquina de escrever, observar o funcionamento dos aparelhos de telex e o envio de cartões-postais, o engenheiro chegou a esse número. Todavia, a tecnologia daquele ano permitiu que somente 128 caracteres fossem enviados. O problema foi resolvido rapidamente por sua equipe até chegar aos 160 previstos anteriormente.

De acordo com Teixeira 1998, a cognição humana requer frações de segundos para processar a inteligibilidade de uma informação contida em uma dada sequência de letras que representam uma palavra inteira. O reconhecimento dessa possibilidade aumenta à medida que a mesma sequência de caracteres vai reaparecendo. Dessa maneira, essa porção de grafemas com a mesma organização se engrama no cérebro em forma de rede, tornando-se familiar e acessível à memória sempre que a tal sequência ocorrer novamente. Nossa plasticidade cerebral nos permite aprender e apreender uma grande variedade de informação e a reagir rapidamente a qualquer comando de ação desde que ela esteja já bem engramada e articulada na nossa memória (ISQUIERDO, 2000). No momento em que percebe recursos fônicos e gráficos condensados em um signo, nossa mente aciona conexões sinápticas que procuram de modo quase automático formar o sentido a partir do que foi percebido. Como afirma Smith (2003), o processamento da leitura de um texto não ocorre sílaba por sílaba, mas por blocos de palavras e sintagmas inteiros. Nunca lemos uma palavra isolada das outras ao seu redor e muito menos ignoramos seu contexto extralinguístico.

Quando surge alguma incompatibilidade semântica, nossos olhos retornam automaticamente ao início do enunciado até que seja encontrada uma significação razoável. Logo, não há motivos para grandes preocupações em relação às ‘modificações’ realizadas pelos internautas na forma da escrita híbrida em determinadas gêneros digitais específicos. Trata-se apenas de uma utilização mais flexível dos grafemas do léxico em uma dada situação comunicativa e não de uma vontade deliberada de que a tal palavra seja definitivamente modificada e dicionarizada conforme a sugestão dos internautas. Portanto, as variações **morfológicas** não tornam as palavras modificadas ilegíveis; elas podem tornar o processamento mais lento, já que o cérebro ficará à procura da inteligibilidade na nova forma da palavra, se ela ainda não estiver bem engramada cognitivamente.

Variações similares acontecem com a expressão clivada ‘é que’ e os verbos ‘ficar’ conjugados no pretérito perfeito (‘fiquei’) e no presente (‘fique’), ambos no modo indicativo. Eles foram substituídos por variações similarmente sonoras como: ‘ek’, ‘fikei’ e ‘fike’. A vantagem do menor esforço com economia de espaço é mínima para as três palavras, mas acreditamos que variações assim sejam feitas mais pelo prazer de transgredir, de escrever diferente do que por qualquer outro motivo mais “lucrativo” semiótica ou discursivamente.

Podemos ainda observar mudanças no caso do ‘x’ que substituiu ‘s’ em ‘taix’, ‘xpero’ e ‘beijox’ e assumiu o lugar do ‘ç’ em ‘almoxamos’. Possivelmente a motivação para essa substituição não tenha sido a necessidade de fazer economia somente, mas também por fidelidade à sonoridade do fonema pronunciado africadamente, isto é, que produz um chiado e não uma sibilação, na maioria das regiões brasileiras. Há ainda a utilização das consoantes ‘ctg’ para significar a palavra “contigo” e a presença de ‘Ccc’ que significa “Conte comigo, certo?” Poderíamos, então, classificar essa como uma motivação de natureza *fonética* para explicar variações no uso da língua neste gênero digital.

É com essa forma de escrita que a Geração Y tem se comunicado frequentemente por determinados gêneros digitais. Tem predominado o desejo de compartilhar conteúdos com mais rapidez e assim obter respostas com mais velocidade do seu interlocutor com o qual mantém relações. Prevalece a intenção comunicativa destes sujeitos para quem a língua está a serviço da comunicação eficiente e objetiva. É bem verdade que, no caso do exemplo de SMS analisado, as modificações na composição do texto podem causar estranhamento aos não familiarizados com este gênero. Mas, como pudemos perceber, com um pouco de paciência e perspicácia, é possível pescar os atos de fala inseridos nos microtextos abreviados, encurtados com várias “transgressões” ao sistema de notação alfabética da Língua Portuguesa.

A categoria *narrativa* para comunidade retórica, como sugeriu Miller (2009), também pode ser observada no torpedo reproduzido no Quadro 4. A mensagem parece ser apenas uma pequena porção de um grande conjunto de conhecimentos partilhados entre os interlocutores desse texto. O locutor que o enviou sabia de algo que aconteceu à interlocutora por isso enviou o torpedo “preocupado”. Não havia espaço para explicitar o que ocorrera nem era necessário tal explicitação, pois provavelmente ambos tinham em mente o mesmo fato. As histórias deles se encontravam num breve torpedo.

Observações analíticas 2

A partir do trecho de uma conversa remota síncrona entre dois usuários de MSN²⁶ (**AninhAaaa~** e **~Lord of TIBIA**), vamos analisar a utilização dos recursos retóricos e de outros elementos semióticos plasmados à língua plena de variações em relação à norma padrão pelos interlocutores deste gênero digital.

^{26.} Os dados desta conversa por MSN foram cedidos por uma aluna do curso de especialização em Tecnologias aplicadas à aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade a distância que desenvolvia monografia sobre gêneros digitais para usos pedagógicos. Os nomes dos participantes foram trocados para preservar o anonimato das pessoas reais envolvidas que cederam seus textos para a análise mediante esta condição.

Texto AninhAaaa~ diz: (1) tudo beim moxo?	Observações: A internauta (AninhAaaa~), depois de avisada eletronicamente que seu interlocutor esperado tinha acabado de entrar em rede, dá início a uma interação remota com ele. Utiliza para iniciar a prosa a expressão formulaica comum em aberturas conversacionais ou situações de encontro presenciais entre conhecidos. Mostrando dominar o registro da língua adequado a este gênero digital, ela insere 'i' na escrita do advérbio 'bem' tentando reproduzir a pronúncia da maioria dos brasileiros que espontaneamente a realizam com extrema nasalização, embora na grafia oficial este grafema não seja necessário à palavra. Realiza também a troca do 'ç' por 'x' na palavra seguinte. Essas variações na morfologia das palavras da língua imprimem descontração à locutora que, desse modo, busca estabelecer uma relação identitária e ao mesmo tempo amistosa com a audiência. Em outras palavras, ela apresenta os traços receptivos, simpáticos do seu <i>ethos</i> a fim de atrair a atenção e a disposição da sua audiência desde o primeiro momento do diálogo.
~Lord of TIBIA diz: (2) tudo, quem é você?	Ele responde de pronto à intervenção que lhe foi dirigida, mas dispara uma pergunta determinante para a continuidade da interação. O modo direto como a formulou indica disposição para o diálogo, mas sob condição: saber quem era sua interlocutora. Conhecer a quem se dirige é fundamental para o sucesso de qualquer discurso retórico. Pelo pseudônimo, inferimos que se trata de alguém do sexo masculino. O pronome de tratamento em língua inglesa 'Lord' sugere austeridade do locutor, a qual também se revela no uso da formulação da pergunta sem quaisquer variações à norma escrita padrão como seria de esperar neste gênero. Ele demonstra-se surpreso com o contato desta pessoa ainda não identificada, e não manifesta o mesmo entusiasmo que ela havia manifestado.
AninhAaaa~ diz: (3) sou amiga da bruninhaaaa	"Bruna", amiga comum a ambos os interlocutores, funciona como credencial para a locutora justificar a ousadia do acesso ao endereço eletrônico do interlocutor e a subsequente intervenção de autoapresentação, haja vista eles não se conhecerem anteriormente. Ela sabe da importância de parecer confiável diante dele, não só porque deseja mantê-lo engajado à interação, como também a influência do seu discurso sobre o comportamento linguístico ou atitudinal dele dependerá da confiabilidade que depositar nela. O diminutivo no nome da amiga mostra o grau de intimidade que eles parecem compartilhar com 'bruninha'. O alongamento da vogal 'aaaa', ao final do nome próprio sem letra maiúscula inicial, mostra o esforço da locutora para reproduzir o efeito sonoro na entonação de quem estaria rememorando uma informação na mente do interlocutor. Esse recurso suprasegmental é típico da oralidade, pois enfatiza certos fonemas e manifesta a emoção do sujeito, ao mesmo tempo em que compensa a ausência de vocalização neste gênero. Eis, portanto, uma variação motivada foneticamente.

AninhAaaa~ diz: (4) ela me mostrou uma foto sua 	A locutora deixa entrever que ‘bruninha’ havia tentado aproximar os dois amigos, pois, a fotografia de Lord of TÍBIA havia-lhe sido apresentada antes mesmo deste primeiro contato. Nas entrelinhas, ela se mostra interessada pelo rapaz tanto que adicionou o endereço dele ao programa de computador, depois de ter visto a foto, ainda que sem a permissão dele. São duas intervenções seguidas de AninhAaaa~ sem conceder o turno a Lord of TÍBIA. É possível que esta seja uma tática para garantir a permanência do rapaz na conversa. Essa insistência em mantê-lo revela o grau de interesse que nutre por ele. A asserção (4) se nos apresenta como uma premissa entimemática, pois deixa para o interlocutor completar o silogismo com a conclusão mais razoável a duas pessoas de sexos opostos intermediadas por alguém amigo e que, por isso, estaria pensando no melhor para eles. Este enunciado também apresenta uma organização sintática comum à modalidade falada. Inversões e reposicionamentos de termos na sentença são sinais de pouca edição no processo de formulação e execução. Assim, na modalidade escrita padrão, a ordem esperada seria: ‘ela me mostrou uma de suas fotos’. O deslocamento do pronome é bem natural da fala cujo tempo para o planejamento é menor, os reparos são públicos e não há praticamente edição do dito. Para finalizar agradavelmente a intervenção, ela cola um <i>wink</i> com a figura de uma carinha piscando o olho e estirando a língua. Esta imagem incorpora à mensagem escrita uma informação <i>paralinguística</i> natural das interações face a face.
~Lord of TÍBIA diz: (5) ahh ela me falou de você	A interjeição ‘ahh’ que abre a segunda intervenção informa-nos que ele lembrou de que ‘bruninha’ havia lhe contado antes sobre AninhAaaa~. É possível perceber com essa intervenção uma reciprocidade da parte dele para a continuação do papo, pois reconheceu a amiga comum a ambos. Era exatamente isso que ela desejava que acontecesse. O duplo ‘h’ representa um recurso gráfico que tem valor suprasegmental na oralidade.
AninhAaaa~ diz: (6) e eu falei que você é mo gatinhu 	De forma bem direta, ela revela seu interesse pelo rapaz ao elogiá-lo de ‘mo gatinhu’. Essa <i>expressão qualificadora</i> tem sido bastante usual entre adolescentes e jovens brasileiros e passou a ganhar também os espaços digitais de interação. Neste discurso <i>epidítico</i>, a oradora vai direto ao ponto objetivando influenciar sua audiência provavelmente a iniciar um relacionamento para além de uma amizade. O <i>Wink*</i> com a figura de uma garota sorrindo confirma a satisfação dela em falar com ele ainda que seja mediada por um programa de computador.

* *Emoticons* são sinais gráficos que representam emoção por escrito. São considerados a grafia do afeto. *Winks* são desenhos com animação que substituem palavras e até frases inteiras inseridas em conversas por remotas como o já definimos.

~Lord of TIBIA diz: (7) hmm, calma, temos que nos conhecer!	Notamos imediatamente a <i>variação na forma gráfica</i> da interjeição ‘hum’ para ‘hmm’ na abertura da intervenção (7) do rapaz. Essa <i>despreocupação com a escrita padrão</i> é, possivelmente, produto da certeza da liberdade de que gozam os internautas na rede, mas, não obstante essa liberdade, a consciência de que o gênero ‘conversa por escrito’ em programas de mensagens instantâneas não só permite como também reclama informalidade linguística pela proximidade à oralidade. O duplo ‘m’ na interjeição pode indicar uma <i>reprodução do alongamento suprasegmental da fala</i>. Como se estivesse conversando ao telefone, em tempo real, ele pondera, pedindo calma a AninhAaaa~ e, numa atitude séria sugere-lhe que esse interesse é precipitado e deveria ser contido, já que ambos não se conheciam bem ainda.
AninhAaaa~ diz: (8) =/~	Ela não escreve uma só palavra, entretanto o <i>emoticon</i> usado aqui demonstrou seu estranhamento e frustração diante da atitude receosa do rapaz. Sabemos que <i>emoticons</i> são representações de estados emocionais dos interlocutores em interações pela Internet. Aqui ele funciona como uma reação à afirmação do interlocutor e ao mesmo tempo como um pergunta de explicação. A maioria dos garotos adora flertar com garotas. No caso a iniciativa do flerte parte dela. Talvez esse seja mais um efeito da <i>mudança no sujeito moderno</i>. Contemporaneamente, ela tem assumido a iniciativa quando diante do objeto masculino desejado. No passado, esperaria ansiosa até ele decidir flertá-la. Fingiria resistência, mas depois de algumas investidas, acabaria cedendo aos galanteios. Em tempos digitais, não se pode esperar muito.
~Lord of TIBIA diz: (9) oq você gosta de fazer?	O estranhamento dela não o incomoda, pois ele parece ignorar a provável frustração embutida no <i>emoticon</i>. Desvia-se da pergunta formulando outra pergunta. Seu conteúdo é bem significativo de quem está disposto a conhecer o outro. Saber quais são seus prazeres, hobbies, hábitos é adequado para quem quer conhecer outro alguém. Dependendo da resposta, poderá haver <i>identificação</i> e depois evolução para uma admiração e assim por diante. Chama-nos atenção a escrita de ‘o que’ para ‘oq’. Com esta <i>redução</i>, o locutor ganha tempo de digitação e se adéqua à informalidade do gênero. Porém, o resto da frase contradiz essa informalidade, pois não abrevia o pronome ‘você’ e insere o ‘r’ final no verbo da forma nominal infinitiva, cujo <i>apagamento</i> é muito comum na fala coloquial.
AninhAaaa~ diz: (10) eu goxto de shopping, praia e de sair com as amiguxas	Ela enumera sem hesitar seus passatempos prediletos grafando ‘x’ em <i>substituição simplificada</i> do ‘s’. Aliás, essa é uma atitude linguística frequente aos membros da Geração Y, principalmente entre as crianças e adolescentes que mantêm pessoas em sua rede de ‘amiguxos’.

AninhAaaa~ diz: (11) e vc?	Ela emenda seu discurso fazendo-lhe a mesma indagação de chofre tão objetiva que usa a abreviação do pronome 'você'. À <i>abreviação</i> do pronome, segue uma elipse de todo o resto da pergunta, obrigando-o a subentender e retomar a questão na memória não deslocando os olhos para o que havia sido perguntado antes. Ele precisaria estar atento e focado na conversa naquele instante para poder "sacar" o que ficou oculto depois do pronome. É comum usuários de mensagens instantâneas conversarem com mais de um internauta ao mesmo tempo, deixando às vezes até cinco janelas abertas com diálogos e interlocutores diferentes. Essa é mais uma das várias habilidades desenvolvidas pela Geração Y, ou seja, a capacidade de realizar <i>múltiplas tarefas</i> ao mesmo tempo. Ela aposta na reciprocidade de interesses, já que os dela haviam ficado bem explícitos anteriormente.
~Lord of TIBIA diz: (12) eu gosto de coisas normais!	Sem quaisquer variações na escrita do enunciado, exceto ter iniciado o período com letra minúscula, ele deixa implícito pela <i>ironia</i> que ela gostaria de coisas menos importantes em relação às preferências dele. O ato de fala se torna mais forte pela presença do sinal de exclamação, pois cada traço, cada ponto e cada risco são carregados no ar de superioridade dando a entender que as coisas de que ela gostava não seriam normais...
AninhAaaa~ diz: (13) normais??	Provavelmente, um tanto atordoada e confusa sobre a <i>ironia</i> produzida por ele, ela pergunta o que seriam coisas normais, repetindo apenas o adjetivo. A dupla interrogação revela não apenas uma pergunta, por exemplo, sobre o que seriam coisas normais das quais se deveria gostar, como também demonstra uma reação, um ato de fala de desacordo, discordância em relação à crítica dele. Os interlocutores começam a entrar em conflito. O <i>pathos</i> dela foi ameaçado, mas ela não o contra-ataca, pois ele é a <i>audiência</i> objeto do seu discurso retórico.

~Lord of TÍBIA diz: (14) TÍBIA, video game, turbinar meu pc, matematica, português	Ele responde, omitindo no início do enunciado que seria esperado em um texto escrito, mas como essa é uma conversa teclada, a ausência da retomada da resposta 'Eu gosto de' pode ser dispensada porque fica subentendida. Cita cinco itens de sua preferência. Para alguém da sua geração, coisas normais e inteligentes são jogos eletrônicos como o TÍBIA que é um jogo <i>on-line</i> lançado em meados dos anos 1990 que tem hoje mais de 1,3 milhão de contas registradas. As letras em caixa-alta indicam o grau de relevância para o locutor. Colocando o jogo TÍBIA no topo da lista de preferência, é possível entendermos a escolha do pseudônimo 'Lord of TÍBIA' do rapaz. Provavelmente ele domina bem as ferramentas deste game ao ponto de se autodenominar 'Lord'. Na sequência da lista aparece a expressão 'turbinar o pc' que significa incrementar o computador com recursos informáticos recém-lançados no mercado, um sinal de prestígio diante dos demais internautas. Saber matemática é outro índice de inteligência na opinião do "Lord". O último da lista, porém não o menos importante, é o domínio do idioma pátrio. Em síntese, coisas normais para ele seriam <i>tecnologias e linguagens</i>. Essa parceria tem sido bastante valorizada pelos adolescentes e jovens desta geração. São os dois macrotemas que mais representam e identificam a Geração Y.
AninhAaaa~ diz: (15) hehe o que é TÍBIA? acho que meu primo joga xD	O sorriso "amarelo" representado pela onomatopeia dupla, outra maneira criativa de "sonorizar o riso por escrito", é uma marca de variação na língua usada em certos gêneros digitais. Ela solta a pergunta com ar recalcitrante: o que é TÍBIA? Em seguida testa sua hipótese considerando ser um dos games cujo primo também jogaria. Ela cuidadosamente não comenta e muito menos desqualifica as opções de interesses do 'Lord'. Assim como a amiga (bruninhaaaa) intermediou a identificação dela para com ele, o primo entraria no argumento de AninhAaaa~ executando a uma função similar. Por meio do familiar, ela se identificaria com o interlocutor por causa do parentesco. Ao final, insere um <i>emoticon</i> que significa um riso tímido para denotar simpatia, já que se mostra tolerante, disponível a aprender e sociável, pois este <i>emoticon</i> encerra esta intervenção e sinaliza a entrega do turno ao interlocutor.
~Lord of TÍBIA diz: (16) um jogo muito legal que desenvolve a mente! você tem video game?	A resposta confirma que TÍBIA se trata de um jogo que desenvolve a mente, logo ele faz um autoelogio, já que ele é um "Lord" deste game. Buscando identificar-se com a interlocutora, ele parte para a segunda opção perguntando-lhe se ela teria e certamente se joga videogame.

AninhAaaa~ diz: (17) tenho sim =P mas naum sei jogar	Sua afirmativa sobre a posse do equipamento é frustrada pela confissão de sua pouca intimidade com o jogo. Interposto ao texto aparece o <i>emoticon</i> =P que significa um sorriso mostrando a língua tal como o <i>wink</i> empregado por ela na intervenção 4. Provavelmente, com este <i>emoticon</i> ela mostra seu receio em desapontá-lo por possuir o aparelho, mas não saber jogá-lo no mesmo nível que ele. Mas uma vez, é o <i>emoticon</i> o recurso semiótico empregado para expressar um sentimento, no caso, o receio de torna-se desinteressante a quem se classifica como 'Lord' de um game. Para atenuar, ela apela ao <i>pathos</i> dele com o sorriso maroto esperando contar com a "compreensão" dele para com essa segunda incompatibilidade de interesses.
~Lord of TIBIA diz: (18) hmm, o que você acha da chegada do ps3?	A interjeição 'hmm' denota uma leve frustração pela constatação de mais um desencontro de preferências entre eles. Entretanto, ele insiste em achar algo em comum com ela dentro da categoria de coisas normais. Dispara outra pergunta sobre jogos de computador. Trata-se do Play Station 3 na sua mais nova versão. Este é um dos jogos mais populares da fabricante Nintendo, o que seria bem possível que a interlocutora o dominasse. Entre os jogos para computador, esse é o mais badalado e conhecido, seria o básico dos básicos.
~Lord of TIBIA diz: (19) e você prefere nintendo Wii ou xbox 360?	Antes que ela respondesse, ele não se contém e lança outra questão mais específica sobre dois outros jogos. Possivelmente deveria ter se achado muito infantil com a pergunta anterior. Por isso, encadeou duas perguntas de uma só vez, sendo a segunda mais detalhada.
AninhAaaa~ diz: (20) eu prefiro joguinho dih corrida!	Sem saber a que se referiam exatamente aquelas perguntas, admitiu seu nível elementar de jogadora. Merece nosso destaque a grafia da preposição 'dih' substituto para 'de'. Certamente não se trata de desconhecimento por parte da locutora da grafia correta dessa palavra porque ela já a havia usado na intervenção 10. Também não pode ser uma estratégia para ganhar tempo na digitação, pois aqui há acréscimo e não omissão de grafema. Parece-nos que nesse caso há uma ruptura consciente com a grafia oficial seguida por uma tentativa de imitar a fala e obter assim um ganho de espontaneidade na interação, apesar da distância física, uma vez que, no uso natural da língua falada, temos uma tendência de pronunciarmos o /e/ com a sonoridade do /i/ nestas condições fonéticas.

~Lord of TIBIA diz: (21) ahh, mas qual sua pontuação maxima no need for speed carbon?	Na retomada do turno, 'Lord' registra um marcador conversacional que manifesta seu total envolvimento com a interação. Salientamos novamente o uso duplo do 'h', embora a grafia padrão não o exija. Continuando sua busca por encontrar pontos específicos de identidade com ela, ele manda-lhe outra pergunta bem ao nível, para ele, "elementar" sobre jogos de computador que ela havia demonstrado antes. Na categoria "joguinho dih corrida", ele indaga-lhes sobre a pontuação alcançada no "need for speed carbon", também um dos jogos mais populares. Com isso, ele vai confirmando dominar esse mundo digital, mostrando-se um micreiro contumaz. As transgressões à notação da escrita padrão foram notórias aqui. A ausência dos sinais diacríticos '~' e agudo em 'maxima' acontecem quando 'Lord' está mais descontraído, falando sobre algo que lhe dá prazer. Interessante é perceber que nos momentos em que está mais tenso, ele transgride menos as regras de ortografia.
AninhAaaa~ diz: (22) o que é need for speed?	Ela mais uma vez responde com outra pergunta revelando sua quase completa ignorância sobre o mundo dos games. Mostra-se extremamente sincera, pois, mesmo desconhecendo a natureza do jogo referido, ela poderia dissimular uma resposta e assim garantir pelo menos esse elemento de identificação com ele. Ela esquece que precisa construir um <i>ethos</i> agradável à audiência para, dessa forma, conseguir seu intento: persuadi-lo a iniciar um relacionamento mais que de amigo com ela.
~Lord of TIBIA diz: (23) aff, você é muito noob	A resposta em forma de pergunta pareceu-lhe inoportuna, irritando-o ao ponto de emitir uma interjeição de impaciência e até um insulto brando a quem não é <i>expert</i> em informática. 'Noob' é a abreviação da palavra inglesa 'newbie', novato no mundo digital.
AninhAaaa~ diz: (24) maix como assim?? o que é noob? se for elogio Brigada! ;*	A ignorância da interlocutora se estende à linguagem mais específica de alguns sujeitos da Geração Y como o 'Lord'. O desconhecimento semântico da gíria evitou uma sensação de maior constrangimento da parte dela. Sua vontade de impedir uma entropia na interação levou-a a pragmaticamente construir um ato de fala por meio de um <i>emoticon</i> que significa uma piscadela de olho e o envio de um beijo. Talvez o estado emocional confuso dela tenha feito com que ela digitasse equivocadamente a palavra 'elogia' e 'Brigada', pois, para este tipo de erro não há justificativa aparente diante dos outros já examinados. O 'x' na primeira palavra pode ser explicado pelo desejo de oralizar o texto escrito. Pelo início da intervenção dele (23), era de se esperar um sentido não elogioso. Entretanto, ela ironicamente agradece o ato de fala dele que indicava desclassificação e xingamento. Pelo escrito, ela mantém o bom humor que pode segurar a interação sem conflito.

~Lord of TIBIA diz: (25) aff, sua puta, soh se importa com praia! vai assistir barney!	Apesar de todos os esforços dela, não houve como mais evitar a entropia na interação entre eles. A repetição do muxoxo ‘aff’, a carga semântica inserida no palavrão e o enunciado que seguiu mostraram a decepção e indisposição do ‘Lord’ para continuar a conversação a distância com ela. A praia e o desenho infantil “Barney e seus amigos”, são consideradas coisas fúteis por ele. Possivelmente a ausência da maiúscula no nome próprio ‘barney’ indicaria o pouco valor que este personagem goza na avaliação do locutor. O emprego do ‘h’ no lugar do sinal diacrítico na palavra ‘soh’ demonstra sua longa trajetória no universo digital, pois os primeiros processadores de texto não possuíam acentos, já que os teclados importados dos EUA não previam teclas para eles. O conflito está instaurado.
AninhAaaa~ diz: (26) e você soh deve fikar ai nesse pc hahahaha	A risada da interlocutora representada pela repetição da onomatopeia ‘ha’ manifestaria desprezo ou crítica pela opção dele de, na visão dela, fechar-se no mundo dos computadores e perder a oportunidade de curtir um relacionamento com ela. Para não perder o turno e receber em sua tela mais um insulto, ela parte para o contra-ataque pela primeira vez, disparando intempestivamente o insulto “soh deve fikar ai nesse pc”. Atentemos para o fato de que a espontaneidade da fala é buscada pela grafia ora reduzida ‘pc’, ora acrescida pelos grafemas ‘h’ e o ‘r’ nos finais das palavras que as contém. Seu jogo retórico para persuadi-lo passou a ser abandonado. Permanece apenas a retórica digital, ou seja, a forma própria criada consuetudinariamente pelos internautas para se expressar quando em determinados gêneros digitais das comunicações mediadas por computador.
~Lord of TIBIA diz: (27) Ah cala a boca noob!	A interação entra no ápice da crise tornando sua continuidade insustentável. Seguem-se insultos de ambas as partes. No turno que lhe cabe, há mais uma expressão geradora de conflito. O curioso é que ele produz um enunciado por escrito bem comum ao que se costuma usar na oralidade em situações de desentendimento interpessoal. Apesar de ele não ter esclarecido o que significaria ‘noob’ quando da pergunta dela, agora fica claro que se trata realmente de um insulto reiterado pela estrutura do enunciado em que está inserido.
AninhAaaa~ diz: (28) Nerd! Nerd! Bobaummm! Casa logo com essa merda! Mete na entrada de fone!	Convicta de que não há mais como salvar a interação, resolve radicalizar enviando-lhe um insulto final. Repete o adjetivo em inglês já dito antes ‘Nerd!’ e emenda com um, ‘Bobaummm’ em português. De fato a palavra inglesa [nerd] não contém [i], entretanto, quando pronunciada por brasileiros, há uma tendência a adicionar um /i/ ao /d/. Esta seria mais uma tentativa de aproximar esse gênero digital à fala espontânea. Ela sugere ainda que ele ratifique seu relacionamento com seu computador casando-se com a máquina. Finaliza sua intervenção e toda a conversação sugerindo-lhe que mantenha relações sexuais com a máquina, o que seria uma atitude própria a seres pouco normais, como os ‘nerdis’.

A *Narrativa*, enquanto categoria de comunidade retórica, não foi bem desenvolvida neste diálogo em MSN. Em outras palavras, a ausência de uma memória de relacionamento entre esses dois interlocutores, teria precipitado o colapso na interação. Sem partilharem outras histórias juntos, eles não conseguiram sustentar as tensões provocadas pelo destempero verbal de ambas as partes. A *Metáfora*, que é outra categoria que marca uma comunidade retórica, apareceu no começo da conversa, quando ela o chama de ‘gatinhu’, mas não foi explorada em outras intervenções nem por nenhum dos dois.

Há sim outras figuras de linguagem também consideradas importantes por Miller na prática retórica entre membros de uma mesma coletividade. No caso estudado, aparecem ironias como as assinaladas nas intervenções 12 e 13. A hipérbole em ‘Casa logo com essa merda!’ e a prosopopeia em ‘Mete na entrada de fone!’ são também exemplos de figuras de linguagem empregadas contrarretoricamente. As figuras são, de praxe, estratégias retóricas lançadas no discurso para aproximar e convencer a audiência sobre a verdade apresentada pelo orador, como bem disseram Aristóteles e Perelman. No caso em análise, elas funcionaram como revides aos descontentamentos de ambas as partes envolvidas na interação cuja consequência direta que constatamos foi a ruptura interacional entre eles.

A conversa pelo MSN analisada à luz da pragma-retórica, termo cunhado por Dascal (2005), revela o jogo inferencial que nela predomina tal como acontece à maioria das interações face a face. Ambos os interlocutores “sacavam” o tempo inteiro qual teria sido o ato de fala produzido pelo outro, e chegavam até a antecipar reações. Embora não tenha havido identificação sociocultural entre os conversantes, ao que coube à língua e às outras linguagens utilizadas houve uma notória eficiência. Podemos dizer que esse é o efeito pragmático do uso da linguagem em contexto, acompanhada pelo conhecimento de mundo dos interlocutores que deliberam se há ou não interação com ou até sem harmonia, como foi o caso observado.

Na pragma-retórica de Dascal, ele desenvolve o conceito de “proposicionalização”, de acordo com o qual são feitas presunções ou “inferências” a partir de observações da audiência sobre o comportamento do locutor ou do comportamento dos que estão em interação com ele. Ou seja, interpreta-se o caráter do interlocutor pelo comportamento que ele ou os que o acompanham apresentam. Nas palavras do autor:

Consiste, pois, em uma tematização in foro interno das premissas a respeito do caráter veiculadas implicitamente pelo comportamento. A interpretação desse comportamento faz-se graças a um certo número de presunções específicas que colocam em relação tipos de comportamentos e propriedades de caráter (“veracidade ⇔ não-contradição”, “especialidade ⇔ conhecimento detalhado de um tema”, “autoridade ⇔ reconhecimento por uma comunidade relevante”, “sensibilidade ⇔ capacidade de ouvir” etc.). (p. 63)

Dascal esclarece ainda que o mecanismo de interpretação dessas presunções é semelhante ao das máximas conversacionais propostas por Grice²⁷, que embasam a maioria das pesquisas no campo da pragmática contemporânea. Aplicando esse conceito de “proposicionalização” à conversa remota, observemos como isso acontece. O colapso na interação em análise teria sido causado por uma grande ultrapassagem das presunções de veracidade ⇔ não-contradição, mas teria travado nas

²⁷ É interessante que, no diálogo em análise, podemos flagrar um aparente paradoxo na teoria de Grice tal como discutido por Levinson (2007). Se, por um lado, o insulto revelaria a obediência do sujeito à máxima da **qualidade**, que representa a sinceridade de opinião do falante naquele momento específico da interação, por outro, isto poderia, consequentemente, romper com todo o **princípio cooperativo** das relações comunicativas entre sujeitos civilizados e bem intencionados, conforme prescreveu Grice em sua teoria geral. Pois, para o filósofo, toda comunicação humana deve ser conduzida ao sucesso comunicativo, ou seja, à harmonia entre os usuários da linguagem. Os insultos de ambas as partes, portanto, devem ser interpretados como implicaturas, movimento comunicativo também prevista pela teoria griceana. O mesmo acontece com as figuras de linguagem diversas. Não é uma verdade literal que o ‘Lorde’ seja um ‘gatinhu’ como AninhAaaa afirmou. A rigor, seria uma violação à máxima da qualidade, mas esta metáfora deve ser interpretada como uma implicatura, ou seja, uma informação que não deve ser compreendida em seu sentido literal, bem como não deve ser julgada como uma mentira. Antes, o interlocutor deve realizar um cálculo de sentido para perceber o que exatamente o locutor queria dizer quando elaborou a figura.

presunções seguintes. Aos olhos do ‘Lord’, ‘AninhAaa’ não era especialista, não detinha um conhecimento detalhado dos temas tecnológicos tanto quanto ele gostaria, por isso não tinha autoridade admirável neste âmbito. Ele, por sua vez, considerando-se parte de uma comunidade relevante, não teria sensibilidade suficiente para continuar ouvindo-a falar sobre temas que não lhe interessavam.

A análise de um gênero digital cuja relação entre os sujeitos não foi bem sucedida, mostra que a Geração Y tem imperfeições sob quaisquer pontos de vista, tal como as demais gerações as portavam e as vindouras as portarão, pois a incompletude é própria da natureza humana. O esforço para conseguir harmonia interacional deve ser incansável a fim de efetua-la a cada situação de comunicação. Apenas o fato de os sujeitos pertencerem à mesma geração cronológica e dominarem certas tecnologias de comunicação não garante o sucesso das relações interpessoais. É necessário que cada um dos sujeitos reconheça no outro afinidades compartilhadas, isto é, perceba as identidades socioculturais para que as interações fluam proficientemente entre os envolvidos. A utilização da língua mesclada a outras linguagens em suportes digitais avançados é um ponto de partida importante para dar a largada ao processo de identificação e persuasão retóricas um pelo outro, mas não se pode alcançá-lo sozinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a linguagem é refletir sobre a própria natureza humana. As reflexões aqui realizadas tiveram como pretensão ensaística entender um pouco mais sobre o funcionamento da nossa natureza a partir da compreensão dos modos de realização das linguagens em ambiente tecnodigital.

A plasticidade da língua, que facilmente se molda aos propósitos comunicativos de seus usuários, é uma característica que a torna adaptável a muitas situações de interação. Mesmo perdendo o formato comumente usado fora da Internet, ela preserva, nos gêneros digitais que nela circulam, seu caráter genuinamente semiótico. Paralela e cooperativamente a outras linguagens, a língua ratifica, assim, seu papel central de ligar fonemas e grafemas a sentidos possíveis nos espaços públicos de interação, inclusive nas trocas virtuais que acontecem remotamente na grande rede de computadores.

A resiliência da língua, ou seja, sua capacidade de recuperar sua forma original após sofrer choque ou “deformação”, tem-lhe garantido o lugar especial entre as faculdades mentais no processamento da informação percebida e na produção de resposta esperada quando duas pessoas desejam trocar signos sonoros, visuais, gestuais, gráficos. A assim chamada escrita híbrida, apesar das modificações gráficas que a identificam e por preferir o ritmo da fala, não foge aos padrões linguísticos do português brasileiro como um todo. Ela tem suas peculiaridades que atendem aos propósitos comunicativos e estratégias retóricas conformados às características dos gêneros digitais de que os sujeitos lançam mão. Essa escrita híbrida e aglutinante reafirma o caráter dinâmico das transformações naturais que uma língua viva sofre, pois essas aglutinações são reflexos das mudanças que ocorrem nas formas culturais das sociedades, inclusive com impactos imediatos nos pro-

cessos lectoescritos, inatos ao criativo, invencionista e empreendedor ser humano.

Fruto de um contexto sociotécnico emergente em seu tempo, os sujeitos integrados à Geração Y passam por todas as vicissitudes que lhes são contemporâneas. Não são melhores nem piores que os das gerações passadas ou futuras. Apenas querem ser e atuar nos cenários que lhes são oferecidos. Como os sujeitos das outras gerações, eles estão em busca do encontro com suas identidades, por isso se apropriam da língua, das linguagens e das estratégias retóricas de um modo inédito, uma vez que as inovações tecnológicas atuais fornecem-lhes condições para o desenvolvimento de práticas languageiras sintonizadas às suas necessidades de dizer, de saber e de sentir prazer. Dominam as tecnologias a seu dispor e usufruem da liberdade de expressão tão ao limite que naturalmente inauguram formas de comunicação convergentes em equipamentos multimídias, reaproveitando todas as semioses já existentes e reconfigurando-as à sua maneira.

Na prática discursiva digital dessa nova geração, reina a “democracia simbólica” à qual se referiram Palfrey e Gasser (2008). Os sujeitos da geração de nativos digitais estão experimentando uma ampliação singular nos modos de comunicar. Em virtude disto, estão promovendo, espontaneamente, notórias inovações no uso dos signos linguísticos, empreendendo novas formas de expressar significados suprassegmentais e paralinguísticos e criando um mundo semiótico diferente sem descartar as semioses anteriores para, dessa maneira, revelarem suas subjetividades e identidades socioculturais as quais escolheram assumir.

Reafirmamos que as variações na língua e o hibridismo de linguagens que caracterizam a retórica digital presentes em alguns dos gêneros que nasceram ou foram transmutados para a Internet acontecem em outras línguas vivas e não apenas no português. Estudos realizados por Crystal (2001, 2004) para o inglês britânico, Thurlow & Brown (2003) para o inglês norte-americano, Climent et alii (2007) para o es-

panhol, Anis (2007) para o francês, Palfreyman & Khalil (2007) para o árabe, Tseliga (2007) para o grego, Lee (2007) para o japonês, Su (2007) para o chinês, mostraram que esse fenômeno vem acontecendo com várias outras línguas, cujos inovadores também são nativos digitais.

As constatações mais comuns à maioria desses estudos sobre a prática discursiva dos nativos digitais nos novos gêneros da Internet basicamente são: abreviações de itens lexicais, mudanças nas funções dos sinais de pontuação, baixo índice de letras maiúsculas, homofonia entre letras e números, inserção de vogais ortograficamente elípticas e de ícones animados como *emoticons* e *winks*, enunciados curtos, orações simples para descrever e narrar histórias do cotidiano pessoal relativas aos aspectos emocionais e profissionais desses sujeitos. Os motivos para usar essa forma de comunicação assemelham-se e orbitam em torno da facilidade de adaptação por gozarem dos benefícios cognitivos da juventude, da urgência para interagir constantemente e da vontade de se integrarem a comunidades virtuais com as quais querem manter algum laço, sendo a linguagem a grande liga para consolidá-lo.

O curioso é que a grande maioria dos estudos anteriormente citados sugere que a comunicação que se dá por meio de gêneros ancorados em ambientes digitais exige do usuário um bom domínio da norma padrão da sua língua para transgredi-la com consciência. Há operações sofisticadas que são feitas com a língua quando a comunicação ocorre pelo computador ou celular a distância. A recuperação de vogais suprimidas e a utilização dos *emoticons* e *winks* no momento e lugar adequados, por exemplo, reclamam intuições de linguagem bastante aguçadas tanto para quem produz quanto para quem interpreta. Por isso, a grande parte daqueles estudos afirma categoricamente que não há simplicidade nem simplismo no emprego das variações, muito menos elas estão provocando algum caos no sistema oficial de notação da escrita.

A vivacidade, dinamicidade e flexibilidade das línguas conferem-lhes o germe da mudança, pois, como afirmou Rousseau, a trajetória de

uma língua é determinada pelos interesses, costumes e caráter de seus usuários. Novos contextos, novas tecnologias e novos hábitos conduzem naturalmente a mudanças nos modos de utilização de uma língua e das demais linguagens criadas e atualizadas pelo homem.

REFERÊNCIAS



REFERÊNCIAS

ANIS, J. *Neographic: unconventional spelling in French SMS text messages*. In: DANET, B. & HERRING, S. (Ed.). **The Multilingual internet: language, culture and communication online**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

ARISTÓTELES. **Dos Argumentos Sofísticos**. São Paulo: Editora Abril, 1978.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2005.

BLUMER, H. *Symbolic interaction*. In: R. W. BUDD & B. D. RUBENS (Org.). **Interdisciplinary approaches to human communication**. Rochelle Par, NJ: Hayden, 1979.

BOLTER, J. D. **Writting Space. The Computer. Hypertext. and the History of Writing**. Hillsdate, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

BRIGGS, A. & BURKE, P. **Uma História social da mídia**. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BURK, P. (Org.). **A Escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade, cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

CLIMENT, S., MORÉ, J, OLIVER, A. SALVATIERRA, M., SÀNCHEZ, I and TAULÉ, MARIONA. *Enhancing tghe satatus of catalan versus spanish in online acadmic forums: obstacles to machine translation*. In: DANET, B. & HERRING, S. (Ed.). **The Multilingual internet: language, culture and communication online**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

CRYSTAL, D. **Language and the internet**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2001.

_____. **The language revolution**. Cambridge: Polity Press, 2004.

DANET, B. & HERRING, S. **The Multilingual internet: language, culture and communication online**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

DASCAL, M. *O Ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica*. In: AMOUS-SI, R. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

DUBOIS, J.; EDELINE, F.; KLINKENBERG, J. M.; MINGUET, P.; PIRE, F.; TRINON, H. **Retórica Geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

EDGAR, Morin. **A Religação dos Saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

EISENSTEING, E. **A Revolução da cultura impressa**. São Paulo: Ática, 1998.

GOODY, J. **The Logic of writing and the organization of society**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

GRICE, H. P. *Lógica e conversação*. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística, perspectivas da linguística**. Campinas: Edição do autor, 1982, Vol. IV

GUIDDENS, A. **The Constitution of society: outline of the theory of structuration**. Berkeley, CA: University of California Press, 1984.

HAVELOCK, E. **A Revolução da Escrita na Grécia e suas Consequências Culturais**. São Paulo: Ed. UNESP/Paz e Terra, 1996.

JODELET, D. *Representation Sociale*. In: **Grand Dictionnaire de la Psychologie**. Paris: Larousse, 1991.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LEE, C. K. *Linguistic features of email and ICQ Instant Messaging in Hong Kong*. In: DANET, B. & HERRING, S. (Ed.). **The Multilingual internet: language, culture and communication online**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

LEVINSON, S. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A & XAVIER, A. C. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

MILLER, C. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Edufpe, 2009.

MINSKY, M. **The Society of Mind**. New York: Simon and Schuster, 1986.

MITCHEN, Steven. **A Pré-história da mente. Um busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo: Unesp, 1998.

MOURÃO, J. A. *Retórica do hipertexto*. **Revista de Comunicação e Linguagens**, 2005, (36): 87 –101.

NISHIMURA, Y. *Linguistic innovations and interactional features in japanese BBS Communication*. In: DANET, B. & HERRING, S. (Ed.). **The Multilingual internet: language, culture and communication online**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

OLSON, D. **O Mundo no papel. Implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997

ONG, W. **Orality and Literacy. The technologizing of the word**. London: Methuen, 1982.

PAULFREYMAN, D. & KHALIL, M. AL. *A Funk language for teenzz to use: representing Gulf Arabic in Instant Messaging*. In: DANET, B. & HERRING, S. (Ed.). **The Multilingual internet: language, culture and communication online**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

PALFREY, J & U. GASSER. **Born digital: understanding the first generation of digital natives**. Filadelfia (EUA): Basic books, 2008.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação. A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRIMO, A. F. T. *A emergência das comunidades virtuais*. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. **Anais**. Santos, 1997. Disponível em: <http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em: 08/04/2010.

PRIMO, A. **Interney blog como micromídi digital: elementos para o estudo do encaideamento midiático**. < <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/interney.pdf> > Acesso em: 06/04/2010.

RAJAGOPALAN, K. *O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora de uma re-consideração radical?* In: Signorini, Inês (org.). **Lingua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. pp. 21-46.

ROUSSEAU, J. **Ensaio sobre a origem das línguas**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Os Pensadores).

SIGNORINI, I. **Linguagem e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

SIQUEIRA, E. **Revolução Digital**. Editora Telequest e Editora Saraiva, São Paulo, 2007.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

SU, H. *The Multilingual and multiorthographic Taiwan-Based Internet: creative uses of writing systems on College-Affiliated BBSs*. In: DANET, B. & HERRING, S. (Ed.). **The Multilingual internet**: language, culture and communication online. Nova York: Oxford University Press, 2007.

TAPSCOTT, D. **Geração Digital**. São Paulo, São Paulo: Macron Books, 1999.

THURLOW, C. BROWN, A. **Generation Txt? The sociolinguistics of young people's text-messaging**. *Discourse Analysis Online*, 2003. Disponível em < <http://www.shu.ac.uk/daol/articles/v1/n1/a3/thurlow20022003-paper.html> >. Acesso: 10/04/2010.

TSELIGA, T. *"Its All Greeklsh to me!" Linguistic an Sociocultura perspectives on Roman-Alphabeted Greek in asynchronous computer-Mediated Communication*. In: DANET, B. & HERRING, S. (Ed.). **The Multilingual internet**: language, culture and communication online. Nova York: Oxford University Press, 2007.

TEIXEIRA, J. F. **Máquinas e mentes**: uma introdução à ciência Cognitiva. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

TODOROV, T. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Série Psicologia e Pedagogia.

XAVIER, A. C. **A Era do hipertexto**: linguagem & tecnologia. Recife: Edufpe, 2009.

_____. XAVIER, A. C. Hiperleitura e interatividade na *Web 2.0*. In: RETTENMAIER, M. & RÖSING, T. (Org.). **Questões de leitura no hipertexto**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo o Fundo, 2007.

WELLMAN, B. & HOGAN, B. **Connected lives**: The Project. <<http://chass.utoronto.ca/~wellman/publications/ConnectedLives/purcell-CL-12a.pdf>> Acesso em: 06/03/2010

RETÓRICA DIGITAL:

a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador

Antonio Carlos Xavier

Edição:

